ATOS

VOLTAR

Introdução
Plano do livro

Capítulo 1	Capítulo 8	Capítulo 15	Capítulo 22
Capítulo 2	Capítulo 9	Capítulo 16	Capítulo 23
Capítulo 3	Capítulo 10	Capítulo 17	Capítulo 24
Capítulo 4	Capítulo 11	Capítulo 18	Capítulo 25
Capítulo 5	Capítulo 12	Capítulo 19	Capítulo 26
Capítulo 6	Capítulo 13	Capítulo 20	Capítulo 27
Capítulo 7	Capítulo 14	Capítulo 21	Capítulo 28

INTRODUÇÃO

O livro dos Atos é continuação do terceiro Evangelho, escrito pelo mesmo autor, Lucas, o médico amado e companheiro do apóstolo Paulo (cf. Cl 4.14). A evidência externa de vários escritores, do segundo século em diante, é unânime e suficiente sobre este ponto, e a evidência interna do estilo, perspectiva e assunto dos dois livros é igualmente satisfatória.

Atos, como o terceiro Evangelho, é dedicado a um certo Teófilo (cf. Lc 1.3 com At 1.1). O terceiro Evangelho é o “primeiro tratado”, como se lê na sentença inicial de Atos. Teófilo parece ter sido pessoa de certa distinção, à vista do tratamento que Lucas lhe dá – “excelentíssimo” - atribuído alhures aos governadores romanos da Judéia (At 23.26; 24.3; 26.25). Ele já havia recebido alguma informação a respeito da fé cristã, e foi para lhe fornecer uma explicação mais precisa de sua fidedignidade que Lucas, em primeiro lugar, escreveu a história dos primórdios do Cristianismo, começando do nascimento de João Batista e de Jesus (cerca de 8-6 A. C.) até o fim dos dois anos de prisão de Paulo em Roma (cerca de 61 A. D.).

Assim, Lucas e Atos não são realmente dois livros, porém duas partes de uma obra só. O breve preâmbulo do Evangelho (Lc 1.1-4)

intencionalmente se aplica a ambas. Alguns eruditos têm sugerido que Lucas projetou escrever um terceiro volume, mas os argumentos que alinham em abono dessa idéia não são conclusivos.

I. DATA

A data dessa obra dupla é matéria discutida; alguns a colocam em 90 A. D., mas o peso da evidência parece-nos favorecer uma data anterior, provavelmente não muito depois do último fato narrado em Atos. O livro de Atos termina com uma nota de triunfo, como já tantas vezes se tem feito notar: Paulo proclamando o Evangelho em Roma, no coração do Império, sem impedimento algum. Contudo, mesmo assim, não é fácil crer que Lucas nada mais dissesse quanto ao que aconteceu a Paulo mais tarde, se de fato escreveu após a morte do apóstolo. Parece também provável que ele escreveu antes de dois importantes acontecimentos - o Grande Incêndio de Roma, em 64 A. D., seguido da perseguição aos cristãos por Nero, e a guerra judaica, em 66-70 A. D., que culminou na destruição de Jerusalém e do templo, com o que se extinguiram o sacerdócio e o culto judaicos. É difícil pensar que a atmosfera de Atos fosse exatamente aquela que Se retrata neste livro, se ao tempo de sua redação esses eventos históricos já houvessem ocorrido, ao invés de ainda estarem no futuro.

Logo no início do segundo século, os quatro Evangelhos que, até então, haviam circulado separadamente, começaram a aparecer juntos numa só coleção. Isto fez que se separassem as duas partes da história de Lucas. A segunda parte logo começou a circular independentemente, sob o título de “os Atos dos Apóstolos”. Existe alguma evidência textual de que a separação das duas partes motivou ligeira adaptação no fim de Lucas e no começo de Atos. Possivelmente por essa época, a primeira parte (Lucas) foi rematada com o acréscimo das palavras “sendo elevado para o céu” (Lc 24.51), o que naturalmente causou a adição das palavras “foi elevado às alturas”, em At 1.2. Se isto é fato, algumas discrepâncias que têm sido notadas entre as duas narrativas da ascensão, como vêm em

Lucas e em Atos, desaparecem, porque neste caso não teria havido nenhum registro desse fato no primeiro deles (Lucas).

II. LUCAS, MÉDICO

Lucas mesmo não acompanhou pessoalmente a Jesus nos dias de Sua vida terrena. Segundo uma tradição primitiva, fortemente apoiada de vários modos, ele era natural de Antioquia da Síria, e neste caso podemos concluir que suas primeiras relações com o Cristianismo dataram do início do testemunho cristão naquela cidade, quando o Evangelho pela primeira vez foi pregado em larga escala aos gentios, estabelecendo-se ali a primeira igreja gentílica. Porquanto parece que Lucas era gentio. Em Cl 4.10 e seg. Paulo envia saudações de três amigos - Aristarco, Marcos e Jesus, conhecido por Justo - dizendo serem estes seus únicos cooperadores judeus. E como continua no verso 14 a enviar saudações de mais três - Epafras, Lucas e Demas - concluímos que estes eram cristãos gentios.

Há vários traços nesta história de Lucas que denunciam nele mentalidade de grego. Sir William Ramsay sugeriu que ele foi irmão de Tito e, se tal sugestão pode ou não ter seu fundamento em 2Co 8.17-19 (Orígenes entendia que o irmão aí referido, “cujo louvor no Evangelho está espalhado por todas as igrejas”, era Lucas), pelo menos é uma possibilidade. Lembramo-nos que Tito também era grego, de Antioquia (Gl 2.1-3) e que, embora se evidencie das epístolas que ele desempenhou papel muito importante entre os companheiros de Paulo, nunca entretanto é mencionado em Atos.

III. FONTES DE INFORMAÇÃO

Quais, então, foram as fontes de informação a que Lucas recorreu, ao traçar acuradamente o curso de todos os acontecimentos, desde o princípio? Naturalmente ele presenciou alguns fatos narrados em Atos. Isto ele indica, sutil mas inequivocamente, quando passa de repente da terceira pessoa para a primeira do plural, em 16.10; 20.5; 27.1, três

versículos que assinalam o começo do que chamamos seções do "pronome nós". E como a maior parte da segunda metade de Atos, fora mesmo as ditas seções, é dedicada à atividade de Paulo, o médico amado do apóstolo teve muitas oportunidades de colher informações de primeira mão acerca dos supra-referidos acontecimentos.

Teve possivelmente muitos outros informantes sobre os primeiros dias de vida da Igreja, antes da conversão de Paulo, tanto quanto acerca de fatos narrados no seu Evangelho. Sendo natural de Antioquia, devia ter entrado em contato com muitos que lhe puderam contar a respeito desses primórdios, como Barnabé e possivelmente Pedro (cf. Gl 2.11); e teve oportunidades especiais de ampliar seus conhecimentos durante os dois anos que Paulo esteve detento em Cesaréia (At 24.27). Aí vivia Filipe, o evangelista, com suas quatro filhas profetisas, mencionadas, por escritores que vieram depois, como informantes acerca de pessoas e fatos da novel Igreja. Em Jerusalém, Lucas hospedou-se em casa de Mnasom, um dos primeiros discípulos (At 21.16), avistou-se com Tiago, irmão do Senhor, e alguns supõem que ele entrou em contato até com Maria, mãe de Jesus, dela ouvindo a história da natividade, por ele narrada no início do seu Evangelho.

IV. COMPOSIÇÃO

Provavelmente empregou boa parte dos dois anos passados em Cesaréia pondo em ordem o material assim coligido. E quando acompanhou Paulo a Roma, pode ter encontrado lá outros informantes. Uma vez pelo menos, durante a prisão do apóstolo em Roma, Marcos e Lucas lhe fizeram companhia. Alguns têm sustentado, à vista de evidência interna, que Lucas ampliou o que já houvera coligido com informações prestadas por Marcos, cujo Evangelho, baseado na pregação de Pedro, alguns escritores antigos dizem ter aparecido em Roma. Este parecer, visto afetar o terceiro Evangelho, é conhecido por hipótese Proto-Lucas, mas pode bem ser que Lucas deveu a Marcos também algumas informações contidas nos primeiros capítulos de Atos.

V. CARÁTER HISTÓRICO

As fontes de informação a que Lucas recorreu eram de valor insuperável e ele bem soube usá-las. A obra que daí resultou é uma maravilha de exatidão histórica. Diferentemente de outros historiadores do Novo Testamento, ele ajusta suas narrativas ao quadro dos acontecimentos contemporâneos do Império. É o único escritor neotestamentário que menciona tantas vezes nome de imperador romano. Suas páginas estão refeitas de referências a governadores de província e reis clientes. O historiador que procede assim deve fazê-lo cuidadosamente, se não quiser correr o risco de ser inexato. Lucas suporta galhardamente o exame mais acurado. O que mais tem impressionado os críticos é o conhecimento perfeito por ele revelado de uma multiplicidade de títulos usados por funcionários do império, em cidades e províncias, empregando-os sempre com acerto. Quase de espantar é o modo ágil como, em poucas pinceladas, ele expressa o colorido local exato das mais diferentes localidades mencionadas em sua narrativa.

A defesa mais pormenorizada e completa da exatidão histórica dos escritos de Lucas foi feita, como bem se sabe, por Sir William Ramsay, que dedicou muitos anos a pesquisas arqueológicas intensas na Ásia Menor. Quando, no fim do século passado, ele para lá se dirigiu pela primeira vez, tinha como verídica a teoria de Tübingen então corrente, de que os Atos eram produção tardia e lendária dos meados do segundo século. Não foram interesses apologéticos, mas a evidência oferecida pela arqueologia que o compeliu a reconhecer que os escritos de Lucas refletem as condições, não do segundo século, mas do primeiro, que eram muito diferentes, e as refletem com inexcedível exatidão. Ramsay resume as qualidades de Lucas como historiador nas seguintes palavras:

“A história de Lucas não pode ser igualada quanto à sua fidedignidade... Lucas é um historiador de primeira ordem: não apenas suas declarações de fato são dignas de confiança: ele possui o verdadeiro senso histórico; fixa sua mente na idéia e no plano dominantes na

evolução da história; e acerta sua maneira de tratar os incidentes, regulando-a com a importância de cada um deles. Toma os eventos importantes e críticos, e mostra minuciosamente sua verdadeira natureza, enquanto por outro lado refere ao de leve ou omite de todo muita coisa que não tem importância ao fim que tem em vista. Em suma, este autor deve figurar entre os maiores historiadores...” (**The Bearing of Recent Discovery on the Trustworthiness of the New Testament** (1915), págs. 81, 222).

A tese de Ramsay é freqüentemente havida como exagerada, porém estudantes de Atos que ignoram as contribuições dele, únicas no gênero, ao estudo desse livro, privam-se a si e a seus alunos de um cabedal de saber. “Todo leitor do livro **St. Paul the Traveler** conhece com que riqueza de minúcias Ramsay expõe o valor histórico de inúmeras passagens de Atos” (W. F. Howard, **The Romance of New Testament Scholarship** (1949), pág. 151).

Um ilustre contemporâneo de Ramsay, que também fez muito, de um ponto de vista bem diferente, para firmar o valor histórico dos escritos de Lucas, foi Adolf von Harnack, de Berlim. (Vejam-se os seus livros **Luke the Physician** (1907), **Acts of the Apostles** (1909), **Date of the Acts** (1911).

VI. A ATMOSFERA PALESTINENSE DOS PRIMEIROS CAPÍTULOS

Os primeiros capítulos de Atos refletem uma atmosfera diferente daquela do fim do livro. Quando Paulo sai pelo mundo, em suas viagens missionárias, a gente sente e respira o ar fresco dos espaços amplos do império romano; mas no princípio do livro o escritor lida com acontecimentos de Jerusalém e de outras partes da Palestina, percebendo-se em muitas localidades uma atmosfera nitidamente semítica. Algumas partes desses primeiros capítulos oferecem acentuada evidência lingüística de terem sido traduzidas de fontes aramaicas para o grego. Com efeito, o eminente professor C. C. Torrey, de Yale,

autoridade em línguas semíticas, escreveu um livrinho **The composition and Date of Acts** (1916) para provar que toda a parte de Atos do princípio até ao verso 15.34 foi traduzida de um único documento aramaico. Embora haja-se excedido nessa afirmativa, amontoou algumas evidências de peso quanto à origem aramaica de muita coisa nesses capítulos, especialmente nos relatos da pregação apostólica.

VII. INTERESSE APOLOGÉTICO

Embora o principal e declarado objetivo da história de Lucas seja apresentar a Teófilo uma narrativa fidedigna da origem do Cristianismo, outros alvos podem ser descobertos. Um deles, aliás patente, é demonstrar que o movimento cristão não se constituía ameaça à lei e à ordem no império romano. E demonstra-o citando os testemunhos de representantes do governo imperial. Como Pilatos declara nosso Senhor isento de culpa no tocante às três acusações que lhe fizeram de rebelião, sedição e traição (Lc 23.4,14,22), assim, quando acusações semelhantes são feitas aos Seus seguidores, Lucas mostra que não são bem sucedidas.

É verdade que os pretores de Filipos prendem Paulo e Silas por ameaçarem a propriedade alheia, porém logo mais os soltam, desculpando-se humildemente por seu arbitrário excesso de jurisdição. (At 16.19 e segs., At 16.35 e segs.). Os politarcas de Tessalônica alegram-se por encontrar cidadãos naquela cidade que sirvam de fiadores da boa conduta dos missionários (At 17.6-9). Gálio, procônsul da Acaia e irmão do influente Sêneca, que foi tutor e consultor de Nero no início do governo deste, recusa ouvir as acusações feitas a Paulo pelos judeus coríntios, reconhecendo não serem acusações de que as leis romanas pudessem conhecer, senão questões particulares da teologia judaica (At 18.12-17). Em Éfeso, Paulo goza da boa vontade dos asiarcas, principais das cidades da Província da Ásia (At 19.31). E quando um tumulto se levanta pelo alarido de interesses particulares **versus** a ameaça implícita do Cristianismo ao culto da Ártemis efésia, o escrivão da cidade testifica

que Paulo e seus companheiros não são réus de nenhum crime com relação ao culto da grande deusa (19.35-41).

Em Jerusalém, inimigos acérrimos de Paulo fazem o que podem para conseguir sua condenação pelos governadores romanos Félix e Festo, com notável fracasso; Festo e o minúsculo rei Agripa II concordaram que o apóstolo não cometera ofensa digna de morte ou prisão, e que podia ser solto não fora, a fim de assegurar um julgamento imparcial do que aquele que temia receber na Palestina, haver apelado para o supremo tribunal do Imperador em Roma (At 26.32). E os Atos concluem com uma nota de triunfo, é verdade apresentando Paulo preso, porém a continuar sua obra missionária, sem ser molestado, na própria Cidade Imperial. É improvável que essa nota triunfante fosse tão sem reservas como é, se Lucas houvesse escrito após o desencadeamento da perseguição de Nero ou a execução de Paulo.

VIII. OPOSIÇÃO JUDAICA

Não se pode negar, entretanto, que dificuldades surgissem, aonde quer que Paulo e seus companheiros se encaminhassem. Se o novo movimento era realmente tão inocente como Lucas sustenta, por que invariavelmente se cercava de tanta agitação? Excetuando o incidente de Filipos e o tumulto de Éfeso, Lucas explica essa perturbação, atribuindo-a à oposição instigada em quase toda parte pelos judeus. No Evangelho é o Sinédrio judaico, dirigido pelos principais sacerdotes saduceus, que prevalece contra o desejo de Pilatos, de declarar Jesus inocente, e força-o a condenar o Mestre. Assim nos Atos são os judeus os mais rancorosos inimigos do Evangelho em quase todos os lugares visitados por Paulo. Em Damasco, Jerusalém, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra, Tessalônica, Beréia, Corinto são seus próprios patrícios que opõem os maiores entraves ao seu trabalho. Ressentem-se profundamente do modo como Paulo, segundo lhes parece, penetra nos seus domínios, visitando as sinagogas e atraindo a si aqueles gentios que ali assistem ao culto e que, conforme os judeus esperam, tornar-se-ão um dia prosélitos de sua

religião. O grosso dos judeu, em todas as cidades a que Paulo se dirigia, não considerava Jesus como o Messias, e enfurecia-se quando os gentios O aceitavam. E enquanto os Atos registram o avanço firme do Evangelho nas grandes comunidades gentílicas do Império, relatam ao mesmo tempo a rejeição dele, cada vez maior, por parte da nação à qual primeiro era ele oferecido.

IX. ÊNFASE TEOLÓGICA

Do ponto de vista teológico, o tema dominante de Atos é a obra do Espírito Santo. Logo no inicio, o Senhor ressuscitado promete enviá-lO, promessa que para os judeus se cumpre no capítulo 2, e para os gentios no capítulo 10. Os apóstolos proclamam sua mensagem no poder do Espírito, manifesto por sinais externos sobrenaturais; a aceitação dessa mensagem pelos convertidos é de igual modo acompanhada de manifestações visíveis do poder do mesmo Espírito. Isto provavelmente explica o que alguns têm achado ser uma dificuldade nos Atos - que o Espírito é recebido por alguns crentes após o arrependimento e o batismo (como foi o caso dos judeus que creram, no dia de Pentecostes, 2.38); por alguns depois do batismo e a imposição das mãos de apóstolos (como no caso dos samaritanos, 8.15 e segs. e os discípulos de Éfeso, 19.6), e por outros imediatamente ao ato de crer, antes do batismo (como foi o caso dos familiares de Cornélio, 10.44). O de que Lucas está cogitando, em cada caso, não é tanto a operação invisível do Espírito na alma, como é Sua manifestação exterior no falar línguas e profetizar.

Com efeito, o livro inteiro bem podia chamar-se, como o Dr. Pierson o fez no título de sua exposição, “Os Atos do Espírito Santo”. O Espírito de Deus dirige toda a obra; guia os mensageiros, tais como Filipe no cap. 8, e Pedro no cap. 10; dirige a igreja de Antioquia na separação de Barnabé e Saulo para a obra a que os chamara (13.2); encaminha-os de lugar a lugar, impedindo-os de pregar na Ásia ou de entrar na Bitínia, porém dando-lhes indicações precisas da necessidade de atravessarem o mar na direção da Europa (16.6-10); é mencionado

com preeminência na carta do Concílio dos Apóstolos às igrejas da Síria e Cilícia: “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” (15.28). Fala mediante profetas, predizendo por exemplo a fome dos dias de Cláudio, e a prisão de Paulo em Jerusalém (11.28; 21.11), assim como falou pelos profetas nos dias do Velho Testamento (1.16; 28.25). É Ele quem primeiro designa os anciãos de uma igreja, para supervisioná-la (20.28). Pode-se mentir a Ele (5.3), pode-se tentá-lO (5.9) e a Ele resistir (7.51). É Ele a primeira Testemunha da verdade do Evangelho (5.32).

X. O ELEMENTO MIRACULOSO DO LIVRO

Tem-se argüido contra Lucas o mostrar-se tão apaixonado de milagres. Esta objeção tem pouco valor para os que aceitam a origem sobrenatural do Cristianismo. Lucas não relata milagres pelo simples gosto do miraculoso; para ele, como para os outros evangelistas, os milagres são importantes por serem sinais tanto quanto prodígios - sinais, isto é, da inauguração da Nova Era, sinais do Ministério messiânico de Jesus. Porque assim como Jesus nos Evangelhos realiza estes sinais e obras poderosas em Sua própria Pessoa, assim é Ele quem, nos Atos, realiza-os do céu por Seu Espírito em Seus representantes, agindo estes em Seu Nome e por Sua autoridade.

Vale notar, outrossim, que o elemento miraculoso não surge a esmo pelo livro: é mais acentuado no princípio do que no fim, e é isto mesmo que devemos esperar. «Temos assim uma redução firme da ênfase sobre o aspecto miraculoso da obra do Espírito, que corresponde à sua elucidação e progresso nas epístolas paulinas; parece razoável supor que Lucas reproduz aqui suas fontes de informação com fidelidade» (Cf. W. L. Knox, **The Acts of the Apostles** (1948), pág. 91).

Quando consideramos quão escasso é o conhecimento que temos do progresso do Cristianismo em outras direções, durante os anos 30-60 A.D., e em todas as direções durante as décadas que se seguiram àqueles trinta anos, podemos avaliar quanto devemos aos Atos o conhecimento

relativamente minucioso que temos de sua expansão ao longo da estrada de Jerusalém a Roma durante o período da mesma.

PLANO DO LIVRO

I. O NASCIMENTO DA IGREJA - 1.1-5.42

a) Os quarenta dias e depois (1.1-26)
b) O dia de Pentecostes (2.1-13)
c) A pregação apostólica (2.14-36)
d) A primeira igreja cristã (2.37-47)
e) Um milagre e suas conseqüências (3.1-5.42)

II. A PERSEGUIÇÃO CAUSA EXPANSÃO - 6.1-9.31

a) Designação dos sete e a atividade de Estevão (6.1-15)
b) Defesa e morte de Estêvão (7.1-8.1)
c) Filipe e os samaritanos (8.1-25)
d) Filipe e o tesoureiro etíope (8.26-40)
e) Conversão de Saulo de Tarso (9.1-31)

III. ATOS DE PEDRO: RECEPÇÃO DOS GENTIOS - 9.32-12.24

a) Pedro na Palestina ocidental (9.32-43)
b) Pedro e Cornélio (10.1-48)
c) Os outros apóstolos aprovam o ato de Pedro (11.1-18)
d) A primeira igreja gentílica (11.19-30)
e) Herodes Agripa e a Igreja (12.1-24)

IV. ANTIOQUIA TORNA-SE UMA IGREJA MISSIONÁRIA - 12.25-16.5

a) A evangelização de Chipre (12.25-13.12)
b) Discurso de Paulo em Antioquia da Pisídia (13.13-41)
c) Como reagiram ao Evangelho em Antioquia da Pisídia (13.42-52)

d) Icônio, Listra e Derbe (14.1-28)
e) A carta apostólica expedida pelo Concílio de Jerusalém (15.1-16.5)

V. EVANGELIZAÇÃO DAS PRAIAS DO MAR EGEU - 16.6-19.41
a) Passando à Europa: o Evangelho em Filipos (16.6-40)
b) Tessalônica e Beréia (17.1-15)
c) Paulo em Atenas (17.16-34)
d) Paulo em Corinto (18.1-28)
e) Éfeso e a província da Ásia (19.1-41)

VI. COMO PAULO REALIZOU SEU IDEAL DE VER ROMA - 20.1-28.31
a) Paulo viaja à Palestina (20.1-38)
b) De Mileto a Cesaréia (21.1-14)
c) Paulo em Jerusalém (21.15-23.35)
d) Paulo em Cesaréia (24.1-26.32)
e) Paulo viaja para Roma (27.1-28.31)

COMENTÁRIO

I. O NASCIMENTO DA IGREJA - 1.1-5.42

Atos 1

a) Os quarenta dias e depois (1.1-26)

Nos primeiros cinco capítulos temos uma série de cenas, ou retratos em miniatura, da primitiva comunidade cristã de Jerusalém. Começa o livro no ponto em que o Evangelho de Lucas terminou, com o Senhor ressuscitado aparecendo aos discípulos, a intervalos, durante quarenta dias, ordenando-lhes que esperem em Jerusalém até que recebam poder celestial, para depois agirem como Suas testemunhas

naquela cidade, na Judéia e Samaria, até aos confins da terra. Já se tem dito que esta indicação geográfica tríplice (1.8) constitui-se uma espécie de índice do Esboço de Atos, visto ser essa a ordem em que Lucas descreve a propagação do Evangelho. As palavras de Cristo **Sereis minhas testemunhas** são dignas de nota por serem citadas de Is 43.10. A inferência é que essas palavras do grande profeta do Velho Testamento se cumprem nos discípulos de Jesus; eles formam o remanescente do antigo Israel e o núcleo do novo.

Vem depois a narrativa da ascensão, após o que os discípulos em número de 120, aguardam em Jerusalém o cumprimento da promessa do Espírito, e nesse ínterim preenchem a vaga deixada no colégio dos doze com a deserção de Judas, cuja queda eles vêem predita no Velho Testamento (cf. Mt 27.9 e seg.; Jo 17.12).

O primeiro livro (1.1), isto é, o terceiro Evangelho, também endereçado a Teófilo (Lc 1.3). Quem era esse **Teófilo** não podemos dizer ao certo, senão que parece ter sido um cidadão romano de categoria eqüestre, e possivelmente exercia cargo administrativo, como sugere o título "excelentíssimo" (Lc 1.3).

Tudo quanto Jesus começou tanto a fazer como a ensinar (1). Visto como o assunto do terceiro Evangelho é sumariado assim, a inferência é que este novo volume vai tratar do que Jesus continuou a fazer e a ensinar após Sua ascensão - pelo Seu Espírito em Seus seguidores.

Sendo visto por eles por espaço de quarenta dias (3). Daí vem que no calendário cristão o dia da ascensão cai no quadragésimo dia depois da páscoa. Contudo a exaltação de Jesus à direita de Deus, que é o fato comemorado realmente no dia da ascensão, não esperou, para consumar-se, esse quadragésimo dia após Seu triunfo sobre a morte. Na primitiva pregação apostólica a ressurreição e a ascensão, as quais em conjunto constituem a exaltação de Cristo são encaradas como um movimento contínuo. O quadragésimo dia apenas marcou a última vez que Ele desapareceu da vista dos discípulos, depois de uma aparição

como ressuscitado: a série de visitas freqüentes, se bem que intermitentes, chegava agora ao fim com uma cena que os convenceu da glória celestial do seu Mestre. Não devemos imaginar que os intervalos entre essas aparições Ele os passou limitado a alguma condição terrena.

As coisas concernentes ao reino de Deus (3). Esta curta declaração foi desenvolvida pelos gnósticos de modo a representar Jesus a transmitir doutrina esotérica, qual a que as escolas deles mantinham. Todavia "o reino de Deus concebe-se que é vindo nos eventos da vida, morte e ressurreição de Jesus; proclamar tais fatos, em seu devido lugar ou ambiente, é proclamar o Evangelho do Reino de Deus" (C. H. Dodd). Não há dúvida que a relação que a paixão e a vitória de Jesus tinham com a mensagem do reino foi agora patenteada aos discípulos.

Vós sereis batizados com o Espírito Santo (5). Cf. a pregação de João Batista em Mc 1.8. **Assim virá** (11). Possivelmente com referência particular **à nuvem** (9); cf. Lc 21.27 (Mc 13.26); Mc 14.62. A lista dos apóstolos no verso 13 concorda com a de Lc 6.14 e segs., variando algo na ordem, e omitido aqui o nome de Judas Iscariotes.

Ora, este homem (18). Os vv. 18 e 19 devem ser considerados como um parêntese de Lucas, não como parte das palavras de Pedro aos seus condiscípulos. **Precipitando-se** (18), ou «intumescendo-se».

Campo de Sangue (19). Cf. Mt 27.8.

As citações do verso 20 são feitas dos Sl 69.25; 109.8.

Começando no batismo de João... (22). Este período é o do ministério público de Jesus, abrangido pela pregação apostólica (cf. At 10.37) e pelo Evangelho de Marcos. A qualificação principal é que o novel apóstolo seja, entre os doze, **testemunha... da sua ressurreição** (22).

José, chamado Barsabás (23). A seu respeito Papias relata, louvando-se na autoridade das filhas de Filipe, que ele, bebendo veneno de cobra nada sofreu (cf. Mc 16.18). **Matias** (23). Não há mais notícia dele a que se deva atenção.

Lançaram em sortes (26). Seleção deliberada e oração tiveram seu lugar nessa nomeação tanto quanto o sorteio. Esta era uma instituição sagrada no antigo Israel um meio muito em voga de se descobrir com certeza a vontade divina (cf. Pv 16.33) sendo de fato o princípio de decisão aplicado no caso do Urim e Tumim. Esta é a primeira e última ocasião do emprego do sorteio pelos apóstolos; pertence - o que é bem digno de nota - ao período entre a ascensão e o Pentecostes; Jesus se ausentara e o Espírito Santo ainda não tinha vindo. Contudo se há melhores meios de se designarem homens competentes para as responsabilidades eclesiásticas há também os piores. **Foi contado com os onze apóstolos** (26). A idéia de que Paulo fora divinamente indicado para ser o décimo segundo, e de que os apóstolos previram erradamente o plano de Deus, mostra uma má compreensão do caráter único do apostolado de Paulo.

Atos 2

b) O dia de Pentecostes (2.1-13)

O dia de Pentecostes, a festa das semanas (cf. Lv 23.15; Dt 16.9), que caía no qüinquagésimo dia após a páscoa, encontrou a pequena comunidade reunida. Subitamente eles foram dominados pelo Espírito Santo, que desceu do céu, enquanto sinais audíveis e visíveis acompanharam a efusão do prometido Dom celestial.

Houve um som, como de um vento impetuoso (2); apareceram, **distribuídas, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles** (3). Mais impressionante, porém, foi prorromperem todos em falas diferentes, ouvindo-se os discípulos a louvar a Deus em línguas e dialetos diversos do seu aramaico galileu, mas reconhecíveis pelos visitantes, forasteiros, que falavam alguns deles. A maioria desses visitantes falaria o dialeto grego comum (o **koiné**), exceto os das partes orientais (Pártia, Média, Pérsia, Mesopotâmia, Síria) que falariam dialetos aramaicos.

Estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, de todas as nações debaixo do céu (5). Segundo tradição rabínica, a festa das semanas era o aniversário da outorga da lei do Sinai, sendo que, quando isso se deu, a voz de Deus foi ouvida por todas as nações da terra (setenta ao todo, na estimativa rabínica). Contudo, os gentios não são visados agora, aqui; mesmo que, à semelhança do Códice Sinaítico, omitamos neste verso a palavra **judeus**, o termo **piedosos** (gr. **eulabes**) usa-se no Novo Testamento somente no caso dos judeus. São visados, aqui, judeus de todas as terras da Dispersão.

Ouvimo-los falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus (11). Provavelmente está na mente do narrador a rescisão da maldição de Babel.

c) A pregação apostólica (2.14-36)

O dialeto galileu era tão característico e difícil de ser entendido pelos não-galileus que o fato de os discípulos deixarem as peculiaridades de sua fala local e de súbito se capacitarem a falar em línguas compreendidas pelas multidões heterogêneas, então em Jerusalém, não pode escapar de ser notado. Quando as atenções ficaram presas desse modo, Pedro aproveitou a oportunidade para se levantar com os outros apóstolos e dirigir a palavra a todos que estavam ao alcance de sua voz (14). Vale notar as palavras do seu discurso, porque mostram a forma regularmente adotada na pregação apostólica primitiva, ou o **Kerygma**, o modelo ou esboço que também pode ser traçado como a estrutura original de nossa tradição evangélica. Esse modelo apresenta quatro principais aspectos: primeiro, uma narração do ministério público e dos sofrimentos de Jesus; segundo, o atestado divino de Seu Ministério messiânico que a ressurreição oferece, da qual o orador afirma ser testemunha ocular; terceiro, “testemunhos” do Velho Testamento, provando ser Jesus o Messias; e por fim exortação ao arrependimento e à fé.

Estes aspectos podem ser observados bem claramente no discurso de Pedro, proferido quando os fatos que culminaram na crucificação estavam vivos na memória dos ouvintes. Tem-se comentado muitas vezes a mudança operada nesse apóstolo desde a noite da traição. Aqui ele acusa seus ouvintes, abertamente, do crime de haverem entregue seu Messias "por mãos de iníquos" (isto é, os romanos), levando-O à morte.

É impressionante o uso que Pedro faz dos testemunhos do Velho Testamento: declarando **é o que foi dito** (16), proclama que o tempo, de que testificaram os profetas, chegou. Por exemplo, as palavras do Sl 16.10, "Não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção", atribuídas a Davi pelos textos hebraico e dos Setenta, não podem - argumenta ele - referir-se a Davi porque todo o mundo sabe que este morreu, sua alma **foi deixada** no Seol, habitação dos mortos, e seu corpo experimentou de fato corrupção. A quem, pois, se referem tais palavras? Não a Davi, mas Àquele por ele prefigurado, "o Filho maior do grande Davi", o Rei Messias.

Até este ponto qualquer rabino de Jerusalém teria concordado com Pedro. Mas, prossegue ele, só houve uma Pessoa de quem verdadeiramente se podia dizer aquilo - Jesus de Nazaré; porque apesar de ter morrido (como todos sabiam), Sua alma não foi deixada no Hades, nem Sua carne sofreu corrupção. Levantou-se dos mortos, acrescentando Pedro – "do que todos nós somos testemunhas"; "vimo-lO vivo". Portanto, Jesus Nazareno, crucificado pelos homens, levantado dentre os mortos por Deus, é o verdadeiro Messias; a pedra que os edificadores rejeitaram veio a ser cabeça de esquina. Mais tarde vemos Paulo, em Antioquia da Pisídia, argumentando deste modo; baseado no Sl 16 (At 13.35-37). Jesus, porém, não apenas morreu e ressurgiu; Ele também ascendeu ao céu; Pedro e seus companheiros viram-nO subir. Nisto foi cumprido outro Salmo davídico, o 110, "Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés". Quem foi elevado à direita de Deus? Não foi Davi, mas o Rei Messias. Que este Salmo era interpretado messianicamente naquele

tempo vê-se claro do incidente narrado em Mt 22.41 e segs. Também isto correspondia aos fatos reais acerca de Jesus Nazareno. Ele era, portanto, indubitavelmente Senhor e Messias.

O profeta Joel (16). A citação é feita de Jo 2.28-32. Os fenômenos físicos dos vv. 18 e 19 podem ter trazido à lembrança dos ouvintes as trevas estranhas da tarde de Sexta Feira da Paixão e o mais que se lhes seguiu. Porém, embora seja citada a parte inteira da profecia de Joel atinente ao Dia do Senhor, o ponto saliente da comparação com a situação presente é - **derramarei do meu Espírito sobre toda a carne** (17).

Determinado desígnio e presciência de Deus (23); isto é, como revelado nas Escrituras do Velho Testamento, especialmente, sem dúvida, em Is 53 (cf. Lc 24.26-46). O crime dos que arquitetaram a morte de Cristo não foi em nada atenuado, porém foi dirigido por Deus para a realização do Seu propósito salvador.

Porque diz Davi (25). A citação seguinte, feita do Sl 16.8-11, tem o intuito de destacar as palavras, "Não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção", as quais se cumpriram na ressurreição de Jesus. A variante observada entre a forma da citação de Pedro e a que é dada na versão de Almeida do Sl 16 é devida em grande parte ao fato de que o apóstolo aqui segue a versão dos LXX.

Derramou isto (33), a saber, o Espírito Santo sobre os discípulos. Quando Lucas fala do Espírito descendo sobre o Seu povo, comumente ele pensa, não na operação silenciosa e interior, na alma, mas naquelas operações acompanhadas de manifestações visíveis e audíveis.

Davi não subiu (34), ou melhor, "Não foi Davi quem subiu..."

Senhor e Cristo (36). Quanto ao triunfo e exaltação de Jesus em confirmação de Sua soberania messiânica, cf. Rm 1.4; Fp 2.9-11.

d) A primeira igreja cristã (2.37-47)

Convencida pela força do argumento de Pedro, a multidão foi acutilada por sua própria consciência. Vendo-se culpados do sangue do

Ungido do Senhor, exclamaram: “Que faremos, irmãos?” ouvindo de Pedro a garantia de que o perdão e o dom do Espírito Santo lhes seriam concedidos por Deus se se arrependessem e fossem batizados no Nome de Jesus como Messias. Aquela geração, de um modo geral, provara-se perversa, contudo havia um lugar para um remanescente fiel.

Havendo antes citado, de Jl 2.32, as palavras **Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo** (21), Pedro agora insta com os seus ouvintes que se salvem daquela geração perversa. Tão eficaz foi sua exortação que três mil creram nas boas novas e foram batizados, formando assim a primeira igreja cristã.

Segue-se um quadro da primitiva comunidade cristã, reunida diariamente em várias casas para partir o pão, acorrendo ao templo (aparentemente se reunia na colunata chamada de Salomão, a julgarmos de 3.11 e 5.12), aderindo ao ensino e à companhia dos apóstolos, aumentando em número cada dia, louvando a Deus e gozando da simpatia de todo o povo. Os milagres que, operados antes por Jesus em pessoa, foram “sinais” do advento da era messiânica, continuaram a ser operados por Ele, lá do céu, mediante Seus discípulos, agindo estes no Seu Nome, fornecendo assim uma prova adicional de que o reino divino tinha invadido a era presente, porque essas obras poderosas eram, de fato, “poderes da era por vir”.

Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado (38). Este mandamento parece que não causou surpresa aos ouvintes de Pedro, os quais provavelmente estavam já familiarizados com a prática do batismo. O batismo cristão, como o de João, é batismo em água, acompanhado de arrependimento, mas administrado no Nome de Jesus e associado com a dádiva do Espírito. Como o de João, tem uma referência escatológica, porém anuncia a realização daquilo para o que o batismo de João apontava. Cf. ver 39 com Is 57.19; Jl 2.32.

A doutrina dos apóstolos e a comunhão (42). A comunhão era indicada no **partir do pão e nas orações** e igualmente na comunidade dos bens (45 e segs.).

Diariamente (46). Este advérbio modifica todos os verbos da sentença.

Acrescentava-lhes o Senhor... (47). Note-se a versão ARA: «o Senhor acrescentava-lhes, dia a dia, os que iam sendo salvos» - não sendo a referência aqui a um processo contínuo de salvação em cada indivíduo, mas uma afluência contínua de pessoas que, uma após outra, aceitavam a salvação oferecida e eram incorporadas na comunidade dos salvos.

e) Um milagre e suas conseqüências (3.1-5.42)

Atos 3

1. CURA DE UM COXO (3.1-26) - No cap. 3 Lucas dá um exemplo dos “prodígios e sinais” (2.43), narrando um deles que teve conseqüências interessantes. Os apóstolos e os outros crentes continuaram a observar os costumes dos judeus, pelo que assistiam no templo regularmente. Uma tarde, quando Pedro e João para lá se dirigiam, à hora da oblação (cerca das 15 horas), ao passarem pela Porta Formosa, chamada de Nicanor, feita de bronze coríntio, que levava ao Pátio dos Gentios para o das Mulheres, a atenção deles foi atraída por um coxo de nascença, que ali se postava a pedir esmolas ao povo que passava pela porta. Pedro ordenou-lhe que se levantasse e andasse, invocando a autoridade de Jesus, o Messias Nazareno. Ajudando-o a erguer-se sobre os pés, o coxo andou e, cheio de gozo pela nova força que sentia, elevou a voz em louvor a Deus, saltando, de modo que todo o povo por ali o observava. Naturalmente foi grande a sensação, visto como todo o mundo conhecia o coxo que havia tanto tempo ali se sentava a esmolar. Aglomerando-se uma multidão na colunata de Salomão, Pedro aproveitou a ocasião para anunciar Jesus como o Messias, rejeitado e crucificado pelos judeus, porém agora levantado dentre os mortos a oferecer remissão dos pecados e o cumprimento das promessas proféticas feitas a Israel. O homem curado permanecia ali ao

lado, dando testemunho poderoso da verdade do que Pedro dizia, porque fora pelo poder do Nome de Jesus que obtivera cura, sendo esta um "sinal" messiânico patente, visto como todos podiam lembrar-se do que profetizara Isaías acerca da era do Messias: "Os coxos saltarão como cervos" (Is 35.6).

A hora da oração (1). Os tempos marcados para oração eram de manhã cedo, hora do sacrifício matutino; à tarde, hora do sacrifício vespertino; e ao pôr do sol. Josefo (**Ant**. 14.4-3) diz que se ofereciam sacrifícios no templo "duas vezes por dia, de manhã e cerca da hora nona".

Chamada Formosa (2). Provavelmente era a mesma que o Mishna chamava "Porta de Nicanor", feita de bronze coríntio e descrita por Josefo como "de muito maior valor do que as chapeadas de prata e embutidas de ouro". (**Guerra Judaica**, 5.5-3).

Pórtico chamado de Salomão (11), que percorria toda a extensão do lado oriental do pátio exterior (cf. Jo 10.23).

Seu Servo Jesus (13). É expressão que lembra o Servo do Senhor, retratado em Is 42.1 e segs., 52.13 e segs. Com a declaração aqui, de que Deus **glorificou a Seu Servo Jesus**, conferir Is 52.13, "Eis que o meu Servo... será exaltado e elevado" (nos **LXX doxazo**, o mesmo verbo empregado aqui).

O Santo e o Justo (14); duas designações messiânicas.

O Autor (Príncipe) **da vida** (15). "Príncipe" corresponde ao gr. **archegos**, "pioneiro", aparecendo também em At 5.31; Hb 2.10; 12.2.

Por ignorância (17); isto é, não sabiam que matavam ao seu próprio Messias.

Que o Cristo havia de padecer (18). Não esta expressamente profetizado no Velho Testamento que o Messias padeceria; esta declaração baseia-se no fato de Jesus identificar o Servo Sofredor com o Messias, e ter Ele aceito o Ministério e havê-lo cumprido neste sentido (ver 2.23).

Quando vierem os tempos do refrigério (19). O sentido provável é que a aceitação, pelos judeus, de Jesus como o Messias apressaria aquelas condições de bênçãos mundiais que os profetas descreveram como características da era messiânica.

Até aos tempos da restauração de todas as coisas (21). Em lugar de restauração (reintegração) leia-se «estabelecimento» ou "cumprimento". O sentido é: "até ao tempo em que tudo quanto Deus falou pelos profetas tiver sido cumprido".

Disse, na verdade, Moisés (22). É citação de Dt 18.15 e segs., "testemunho" messiânico favorito da Igreja primitiva; cf. 7.37; também Jo 1.21; 6.14; 7.40. Os judeus cristãos, particularmente dos primeiros séculos A. D., viam em Jesus um segundo Moisés. **A ele ouvireis** (22). As palavras «a ele ouvi», que soaram do céu na Transfiguração (Mc 9.7; Lc 9.35) provavelmente são um eco desta ordem do Deuteronômio.

Todos os profetas a começar com Samuel (24). Samuel é considerado aqui o primeiro de uma série de profetas (cf. 1Sm 3.20). Não há registrada qualquer profecia messiânica de Samuel, porém o sentido geral aqui é que os dias, então chegados, marcavam a consumação de tudo quanto os profetas haviam predito.

Dizendo a Abraão (25). As palavras que se seguem são uma citação livre de Gn 12.3; 18.18; 22.18.

Tendo levantado a seu Servo (26). Aqui e no verso **22 levantado** pode não se referir à ressurreição de Cristo, mas ao fato de Deus levantá-lO para libertar Israel, como em 13.22 onde se diz que Ele «levantou a Davi» (ver também 13.33).

Atos 4

2. COMEÇA A PERSEGUIÇÃO (4.1-22) - Todavia tamanha agitação de modo algum agradou às autoridades do templo, que lançaram mão dos dois apóstolos e os meteram na prisão até ao dia seguinte, quando foram trazidos à presença do Sinédrio para serem interrogados. O partido do Sumo Sacerdote, que predominava naquele tribunal, era em

sua maioria constituído de saduceus, sendo de notar que o ressentimento deles tinha como motivo os apóstolos “ensinarem o povo e anunciarem no caso de Jesus a ressurreição dos mortos”. Além disso, a classe dominante, ansiosa por conservar boas relações com os romanos, via com muito desagrado todo movimento messiânico, fosse político, fosse religioso. Contudo não puderam achar culpa legal nos apóstolos, especialmente na presença do ex-coxo, cujo restabelecimento era forte testemunho na defesa deles.

Pedro, ousado como sempre, formulou sua acusação nos termos que mais convinham, advertindo a Corte Suprema que o mesmo Nome pelo qual o aleijado recebera saúde física, era o único pelo qual eles podiam receber de Deus saúde espiritual. Essa ousadia era mais surpreendente por partir de “leigos”, sem o preparo fornecido pelas escolas rabínicas; mas esses homens tinham sido discípulos não de um mestre qualquer, mas dAquele que provocou a observação surpresa: “Como sabe este letras, sem ter estudado?” (Jo 7.15).

O capitão do templo (1); era o **sagan**, chefe da polícia do templo, que superintendia as providências de preservação da ordem, tanto no recinto como ao redor dos edifícios.

Anunciassem em Jesus a ressurreição dos mortos (2). É significativo que foram os adeptos do partido dos saduceus que mais fortemente se opuseram à pregação dos apóstolos, visto estes insistirem na ressurreição de Jesus, a qual envolvia naturalmente o princípio geral da ressurreição, repudiado pelos ditos saduceus (ver 23.8).

As autoridades, os anciãos e os escribas (5). Em outras palavras, o Sinédrio, supremo tribunal da nação judaica, constituído de setenta e um anciãos, inclusive o Sumo Sacerdote, que era o presidente, por força do oficio.

O sumo sacerdote Anás e Caifás (6). Cf. Lc 3.2. Anás era ex-Sumo Sacerdote, tendo exercido o oficio do ano 6 ao 15 A. D. Seu genro Caifás (cf. Jo 18.13) era agora Sumo Sacerdote (18-36 A. D.). Mas o termo grego **archiereus** não somente se emprega no caso do Sumo

Sacerdote, rigorosamente falando, como também dos principais sacerdotes em geral, isto é, membros das famílias abastadas, dentre as quais se escolhia regularmente o Sumo Sacerdote naquela época. **João, Alexandre** (6). Nenhum destes pode ser identificado com certeza. **Este é a pedra...** (11). É citação do Sl 118.22, outro "testemunho" primitivo comum, usado neste sentido pelo próprio Jesus (Mc 12.10; Lc 20.17).

Homens incultos (13). A palavra grega **idiotes**, empregada aqui, aparece no hebraico e aramaico recentes como termo estrangeiro naturalizado (**hedyot**), significando «inábil», «não adestrado», que sem dúvida é o sentido aqui. **Reconheceram que haviam eles estado com Jesus** (13), isto é, viram nisso a explicação da ousadia que, de outra forma, era inexplicável, ousadia e eloqüência de homens que não tinham gozado da educação rabínica.

Consultavam entre si (15). É digno de nota que nenhuma tentativa real parece ter sido feita pelo Sinédrio para refutar a afirmação central da pregação dos apóstolos, a ressurreição de Jesus; mas, se pensassem que havia uma oportunidade razoável de êxito, não o teriam feito?

3. EXPANSÃO ININTERRUPTA (4.23-37) - Na falta de fundamento razoável para castigar Pedro e João, o Sinédrio despediu-os, proibindo-lhes com ameaças que continuassem a falar no Nome de Jesus. Todavia o que daí resultou foi um maior aumento da Igreja, cujo número agora se elevava a cinco mil homens; sem falar nas mulheres. A partilha anterior das propriedades continuava, pela qual os membros mais ricos proviam às necessidades dos mais pobres. Entre esses mais ricos, Barnabé, levita de Chipre, é alvo de especial menção por sua liberalidade.

Senhor, tu és o Deus... (24). As palavras iniciais desta oração ilustram provavelmente a prática litúrgica primitiva dos cristãos, baseada nas fórmulas litúrgicas judaicas. Na fraseologia do exórdio como que

repercutem passagens do Velho Testamento, tais como Êx 20.11; Ne 9.6; Sl 146.6.

Que disseste por boca do teu servo Davi (25). O texto original é mais longo e pode ser traduzido: "Que disseste pelo teu servo Davi, nosso pai, porta-voz do Espírito Santo". **Por que se enfureceram os gentios...?** (25). Citação do Sl 2.1-2. A aplicação deste Salmo ao futuro Messias aparece primeiro no décimo sétimo "Salmo de Salomão" (cerca de 50 A. C.).

Ao qual ungiste (27), isto é, "a quem fizeste Messias". **Herodes e Pôncio Pilatos** (27) representando "os reis... e as autoridades" do verso 26, respectivamente, assim como **gentios e povos de Israel** (27) correspondem aos pagãos e os "povos" do verso 25. **Herodes** é Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia (4 A. C. - 39 A. D.). A ocasião aí referida é a de Lc 23.7-12.

Para fazerem tudo... (28). Cf. 2.23 onde se diz da natureza predeterminada da morte de Cristo. **Tremeu o lugar** (31). Repetiu-se o fenômeno de Pentecostes (cf. 2.2).

Todas as coisas lhes eram comuns (32). A referência à comunidade de bens (cf. 2.44 e seg.) é repetida aqui como introdução dos incidentes de Barnabé, Ananias e Safira.

Barnabé (que quer dizer Filho de Consolação) (36). Trata-se do emprego semítico idiomático de "filho" numa frase que indica o caráter da pessoa. Se "consolação" é como melhor se traduz, o nome pode ser o aramaico **bar-nauha** ("filho de refrigério"), porém provavelmente devemos traduzi-lo «filho de exortação» (cf. 11.23) e reconhecer na segunda parte do nome o elemento aramaico (**nebu'a** ("profecia").

Atos 5

4. ANANIAS E SAFIRA (5.1-16) - Contudo, num grupo tão grande, especialmente no meio de tanto entusiasmo, quase que inevitavelmente aparecem alguns carneiros pretos. O caso Ananias e Safira ilustra as tentações a que se sujeitam membros de igreja menos

espirituais. (Também ilustra a honestidade de Lucas, visto que não glosa este infeliz incidente). Que a partilha das propriedades era puramente voluntária, evidencia-se da pergunta de Pedro a Ananias: “Conservando-o, porventura, não seria teu?”. O pecado não consistiu em reservar parte do dinheiro, mas em dar a entender que a soma entregue era a importância integral. A mentira dita à Igreja foi considerada como dirigida a Deus o Espírito Santo.

O caso tem escandalizado a muitos. Um comentador, por exemplo, acha-o “francamente repulsivo”. Não temos, porém, que culpar a Pedro pela morte desse casal; o apóstolo disse-lhes claramente que haviam tentado enganar a Deus. O choque produzido pelo senso repentino de tamanho crime causou-lhes a morte. Safira sofreu ainda por cima o choque de saber tão bruscamente da morte súbita do seu marido. Toda essa história ajusta-se exatamente ao quadro da elevação espiritual dominante na Igreja recém-nascida. A tragédia produziu salutar efeito naqueles que, sem motivo sério, haviam aderido ao movimento popular, o qual, mesmo assim, progredia.

Reteve parte do preço (2). O verbo grego **nosphizomai**, empregado aqui, é o mesmo nos LXX de Js 7.1, onde se diz que Acã se apropriou indebitamente de parte do despojo condenado de Jericó. Se os Evangelhos são o “Tora” do Novo Testamento, os Atos são o seu livro de Josué, havendo muitos paralelos impressionantes entre estes dois livros, se bem que no fundo, não na superfície.

Mentisses ao Espírito Santo (3). A presença soberana do Espírito Santo na Igreja é tão real que toda ação feita a esta é considerada como feita Aquele, assim como qualquer ação empreendida pela Igreja é afirmada como sendo do Espírito (cf. 15.28). A linguagem dos vv. 3 e 4 torna claro que o Espírito Santo é visto como uma Pessoa divina.

Tentar o Espírito do Senhor (9). A idéia é ver até onde se vai impunemente. Ananias e Safira descobriram que haviam ido muito longe.

Sobreveio temor a **toda a igreja** (11). É esta a primeira vez nos Atos que se fala em **igreja** (a palavra não consta nos melhores textos de 2.47). O termo, que no grego é **ekklesia**, remonta à Septuaginta, onde significa a "congregação" (heb. **qahal**) de Israel: veja-se 7.38. Os seguidores de Jesus são o novo povo de Deus, continuadores e sucessores da antiga "congregação do Senhor", antes restrita a uma nação, porém agora prestes a ser franqueada a todos os crentes, em qualquer lugar.

Os restantes (13). Esta expressão foi emendada por M. Dibelius para "as autoridades"; por C. C. Torrey para "os anciãos"; por A. Hilgenfeld e A. Pallis para "os levitas", sendo que este último ainda diz "embaraçavam-nos" (gr. **kolysai autous**), em lugar de ajuntar-se a eles (gr. **kollasthai autois**).

5. NOVA TENTATIVA DE PERSEGUIÇÃO (5.17-42) - Uma segunda tentativa, por essa época, das autoridades sacerdotais, de tolher o movimento dos cristãos, teve tão pouco êxito como a primeira. Esta segunda iniciativa é interessante porque sua narrativa nos leva à presença do grande rabino Gamaliel, o Velho, discípulo de Hilel e mestre de Saulo de Tarso. Seu conselho moderador, para que se deixasse de mão o novo movimento, pois podia ser que se provasse oriundo de Deus, foi acolhido por certo tempo, embora os apóstolos desta vez tivessem o ensejo de alegrar-se por se acharem dignos de sofrer açoites pelo Nome ilustre que anunciavam. Não muito tempo depois, novo movimento no seio da comunidade cristã deu às autoridades uma oportunidade de adotar uma política verdadeiramente drástica de supressão.

Mas de noite o anjo do Senhor abriu as portas de cárcere (19). **O anjo do Senhor**, no grego **angelos Kyriou**, frase que nos LXX traduz o hebreu **mal'akh Yahveh**, o mensageiro sobrenatural que manifesta a presença de Deus aos homens, e que pode ser referido como sendo Deus, extensão da personalidade divina. Não é provável que Lucas tenha em mente essa idéia particular. Certamente ele deseja indicar que atrás desse

abrir de portas estava o dedo de Deus, quer as portas se abrissem por pessoas que ocultamente simpatizavam com os apóstolos, quer um anjo descesse do céu e os deixasse ir embora. Cf. 12.7 e segs. onde se relata experiência igual de Pedro. Na presente ocasião todos os apóstolos parecem ter sido trancados a chave.

Todas as palavras desta Vida (20). Em aramaico existe uma só palavra para significar "vida" e "salvação"; a expressão usada aqui é pois quase idêntica à de 13.26. Todo o senado (21); isto é, o Sinédrio (gr. **gerousia**, "corpo de anciãos"). Os guardas (22). Provavelmente levitas da força policial do templo.

O sangue desse homem (28). Podemos provavelmente entrever desde aí uma relutância da parte dos líderes religiosos em referirem Jesus pelo nome (cf. J. Jocz, **The Jewish People and Jesus Christ**, 1949, pág. 111, quanto a essa tendência persistente).

Antes importa obedecer a Deus do que aos homens (29). Cf. 4.19; cf. também as palavras de Sócrates aos seus juízes: "Obedecerei a Deus antes que a vós outros" (Platão, **Apologia,** 29d).

O Deus de nossos pais levantou a Jesus (30). Quanto ao sentido aqui de "levantar", ver 3.26. Estas palavras apresentam o quarto sumário da primitiva pregação apostólica nos Atos; os três primeiros vêm em 2.22-36; 3.13-26; 4.10-12. Note-se como invariavelmente se dá ênfase ao contraste entre a ação dos ouvintes e a ação de Deus, como aqui: **a quem vós matastes... Deus exaltou** (30-31).

Pendurando-o num madeiro (30); volva-se a Dt 21.22-23, onde a maldição divina incide sobre tal gênero de morte (cf. At 10.39; Gl 3.13).

Nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo (32). Note-se o testemunho pessoal e contínuo dos apóstolos (cf. 1.8-22; 2.32; 3.15; 4.33), com o qual combina aqui o testemunho do Espírito neles (ver. 5.3).

Gamaliel (34). O rabino mais ilustre do seu tempo e líder do partido dos fariseus no Sinédrio. Os fariseus eram minoria naquela

corporação, mas gozavam do apoio e confiança do povo ao ponto de o julgamento deles ter de ser respeitado pelos saduceus, que eram maioria.

Teudas (36). O único revoltoso, chamado por este nome, de quem temos noticia por outra fonte, foi um mágico, o qual, segundo relata Josefo (**Ant**. 20.5.1), guiou um bando de adeptos seus ao Jordão, prometendo separar as águas para que atravessassem a pé enxuto, mas que foi atacado e morto por soldados que o procurador Fadus mandou ao seu encalço. Este incidente deve ser datado do ano 44 mais ou menos, ao passo que o discurso de Gamaliel foi proferido dez ou doze anos antes. O Teudas por ele referido (que, em qualquer caso, vem antes da revolta de Judas no ano 6 A. D.), foi provavelmente um dos inúmeros insurretos que infestaram a Palestina depois da morte de Herodes, o Grande, no ano 4 A. C.

Levantou-se Judas, o galileu, nos dias do recenseamento (37). Quando a Judéia foi reduzida à condição de província romana, no ano 6 A. D., Quirino, legado imperial na Síria, promoveu ali um recenseamento com o fim de calcular a soma do tributo a que a nova província estava obrigada. Judas e outros, considerando isso um prelúdio de escravização e uma desonra para Deus, o único verdadeiro Rei de Israel, desfraldou a bandeira da revolta. Esta foi esmagada, porém o partido dos Zelotes conservou-lhe vivo o espírito até que rebentou a guerra romano-judaica no ano 66 A. D.

Dai de mão a estes homens, deixai-os (38). “A doutrina pregada aí por Gamaliel é característica dos fariseus. Deus está acima de tudo e não precisa do auxílio de ninguém para cumprir os Seus desígnios. O que todos devem fazer é obedecer, e deixar os resultados com Ele”. (J A. Findlay). Cf. a sentença de um rabino, de tempos depois: “Toda assembléia que existir em o nome do céu será estabelecida afinal, mas a que não existir nesse nome não será firmada”.

Ensinar e pregar Jesus, o Cristo (42). Melhor dito, “ensinar e anunciar a boa notícia de que o Messias era Jesus”.

II. A PERSEGUIÇÃO CAUSA EXPANSÃO - 6.1-9.31

Atos 6

a) Designação dos sete e a atividade de Estêvão (6.1-15)

Novo desvio da narrativa de Atos é assinalado pela apresentação do nome de Estevão. Este aparece primeiro como um dos sete oficiais designados para supervisionar a distribuição das ofertas, retiradas do fundo comum para os membros mais pobres da comunidade. Logo no início a Igreja atraíra judeus helenistas (isto é, judeus de fala grega, de fora da Palestina) tanto quanto judeus naturais da Palestina e que falavam aramaico; não tardou que se levantassem queixas de que as viúvas destes últimos estavam sendo favorecidas na distribuição diária. É significativo que os sete oficiais escolhidos pela comunidade e designados pelos apóstolos para supervisionar essa atividade tivessem todos nomes gregos, sendo provavelmente judeus helenistas. Dois dos sete, Estêvão e Filipe, estavam destinados a deixar vestígios dos seus serviços à Igreja, os quais se projetaram muito além dos limites desta função especial para a qual foram designados. Estêvão parece ter tido uma compreensão excepcionalmente nítida do rompimento total com o culto judaico, que o novo movimento lógica e finalmente envolvia. Com isto ele deixou assinalado o caminho que Paulo mais tarde palmilhou e especialmente o escritor de Hebreus.

Os doze conservavam o respeito e a boa vontade da população de Jerusalém; assistiam regularmente ao culto no templo, e exteriormente pareciam judeus praticantes. A única coisa que os distinguia dos outros era crerem em Jesus e anunciarem ser Este o Messias. Todavia soou uma nota diferente nos debates travados na sinagoga dos helenistas, freqüentada por Estêvão, visto que este admitia a abolição do culto do templo e a instituição de uma nova forma de culto mais espiritual. As acusações feitas a Estêvão por seus opositores se apresentam deturpadas, entretanto, não é difícil descobrir a orientação real dos argumentos dele;

o discurso que proferiu e de que nos dá conta o cap. 7, não é tanto uma "apologia" sua (tal defesa pouco redundaria numa absolvição, como Estêvão bem sabia), como é uma exposição racional do seu ensino quanto à natureza transitória do culto judaico. Ora, o povo de Jerusalém vivia do templo; para a manutenção do seu culto contribuíam os judeus do mundo inteiro; as multidões de peregrinos, que regularmente acorriam às grandes festas, proviam enorme renda à cidade. Atacar o templo era, portanto, à vista de todos, atacar o meio de vida deles. As autoridades viram logo haver chegado a oportunidade; chamaram Estêvão a juízo, com fundamento na denúncia do povo. A acusação contra ele foi praticamente a mesma que formularam contra o seu Mestre antes (Mc 14.58) e contra Paulo, mais tarde (At 21.28). Alegaram que ele cogitava da destruição daquele «santo lugar».

Murmuração dos gregos contra os hebreus (1). Gregos (ou antes "helenistas") eram judeus de fala grega, principalmente das terras da Dispersão; os **hebreus** eram judeus de fala aramaica, muitos dos quais, como os apóstolos, eram naturais da Palestina. **As viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária** (1). Da caixa comum, em que o valor das propriedades dos membros mais ricos era lançado (2.45; 4.34-35), fazia-se distribuição diária com os necessitados, entre os quais, naturalmente, sobressaíam viúvas.

Escolhei dentre vós sete homens (3). Dos nomes destes sete evidencia-se que eram helenistas; um deles, com efeito, não era judeu nato, mas prosélito da cidade gentílica de Antioquia. Provavelmente eram reconhecidos como líderes da comunidade helenista na primitiva igreja de Jerusalém. Note-se que mesmo para o desempenho de deveres práticos, como os que lhes caíram por sorte, requerem-se dotes espirituais, assim como boa reputação e prudência de um modo geral (3). Embora tivessem sido designados nesta ocasião para a obra da beneficência, o ministério daqueles, dentre eles, de quem temos mais alguma notícia, não se restringiu a esta forma de serviço.

Nicolau (5). Segundo Irineu (que pode ter recebido informação de Papias), os nicolaítas de Ap 2.6-15 tomaram o nome deste Nicolau; se verdade, ou não, ninguém pode afirmar.

Impuseram-lhes as mãos (6). Os sete foram escolhidos pelo povo; a imposição das mãos dos apóstolos confirmou essa escolha, comissionou os sete para o seu trabalho especial, e expressou da parte dos apóstolos seu companheirismo nessa obra.

Muitíssimos sacerdotes (7). Muitos dos sacerdotes vulgares eram homens humildes e piedosos, o que não acontecia com os políticos eclesiásticos, ricos, da linhagem sumo-sacerdotal.

Levantaram-se alguns da sinagoga... (9). Provavelmente a referência aí é a uma sinagoga, embora vários comentadores tenham entendido tratar-se de cinco, quatro, três e duas. Como **os da Cilícia** a freqüentavam, Saulo de Tarso podia figurar entre os seus membros. **Libertos** (9). Provavelmente judeus libertos, ou descendentes de libertos, procedentes dos vários lugares mencionados. Deissmann sugere libertos da casa imperial. Não há razão suficiente para se rejeitar o texto, aqui, em troca da emenda atraente – "líbios" - sugerida por Beza, Tischendorf e Dibelius.

E o levaram ao conselho (12), isto é ao Sinédrio.

b) Defesa e morte de Estêvão (7.1-8.1)

Preso e interrogado pelo Sinédrio, Supremo Tribunal da nação judaica, presidido naqueles dias pelo Sumo Sacerdote, Estêvão expôs o seu caso sob a forma de uma resenha histórica, como era costume entre os judeus. Os dois principais temas de seu discurso são, primeiro, que a nação, a partir dos dias de Abraão, nunca se preocupou em fixar-se num lugar da terra; uma tenda móvel, por conseguinte, servia mais de santuário do que um edifício permanente. E segundo, que a nação, a partir do tempo de Moisés, sempre se rebelara contra Deus e se opusera aos Seus mensageiros, numa série de atos que culminara em eles matarem "o Justo". Dificilmente se podia imaginar houvesse uma linha

de argumentos menos adequados a apaziguar aqueles juízes. Após urna ou duas interrupções de ira, que Estêvão enfrentou com verdadeiro gênio profético, foi impedido de terminar seu discurso; lançaram-no fora do edifício e apedrejaram-no. Se sua morte foi um simples ato de linchamento legal ou um excesso de jurisdição da parte do Sinédrio, não está bastante claro. Provavelmente tanto foi uma coisa como outra. Se bem que a ratificação do Procurador fosse tecnicamente necessária para a execução, ele no momento estava em Cesaréia, sua residência costumeira. Caifás e Pilatos certo que se entendiam mutuamente, em virtude do que se confiava que este último fechasse os olhos quando isso convinha. (Era caso excepcionalíssimo um governador romano deixar o mesmo Sumo Sacerdote no exercício da função durante todo o período de sua Procuradoria, como Pilatos fez com Caifás).

Atos 7

Então lhe perguntou o sumo sacerdote (1), funcionando como presidente do tribunal.

Quando estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã (2). Harã fora uma florescente cidade na primeira metade do segundo milênio A. C., época a que pertenceu Abraão. De acordo com o Texto Recebido de Gn 11.31-12.5, foi depois da chegada de Abraão a Harã que as palavras citadas aqui no verso 3 lhe foram ditas. Porém Filo e Josefo concordam com Estevão que Abraão recebeu uma comunicação divina antes de se dirigir a Harã (cf. Gn 15.7; Ne 9.7).

Mas prometeu... (5). Cf. Gn 17.8.

E falou Deus assim... (6). É citação de Gn 15.13 e seg.

Quatrocentos anos (6). A exegese rabínica contava quatrocentos anos do nascimento de Isaque ao êxodo.

E me servirão neste lugar (7). Estas palavras vêm de Êx 3.12, onde são proferidas a Moisés e onde o lugar referido é Horebe. O entrelaçamento de passagens separadas é característica do discurso de Estêvão, aqui resumido.

Então lhe deu a aliança da circuncisão (8); cf. Gn 17.10; 21.4. "Assim, embora ainda não houvesse um lugar sagrado, todas as condições essenciais à religião de Israel foram cumpridas" (Lake e Cadbury).

Os patriarcas, invejosos de José, venderam-no para o Egito (9). A narrativa, a começar daqui até ao verso 34, consiste em grande parte, numa miscelânea de passagens tiradas de Gn 37; Êx 3.

Setenta e cinco pessoas (14). O Texto Hebraico Recebido, de Gn 46.27; Êx 1.5; Dt 10.22 dá setenta pessoas, inclusive Jacó e seus dois filhos; o número setenta e cinco vem dos LXX de Gn 46.27 e Êx 1.5; omite Jacó e José, porém conta nove filhos deste último.

E foram transportados para Siquém (16). Jacó foi sepultado na caverna de Macpela em Hebrom (Gn 49.29 e segs.); José foi sepultado em Siquém (Js 24.32). **No sepulcro que Abraão ali comprara a dinheiro os filhos de Emor** (16). Abraão comprara a caverna de Macpela, em Hebrom, aos heteus (Gn 23.16); Jacó comprou a terra em Siquém, que deu a José (e onde este foi sepultado), os filhos de Hemor (Js 24.32). Não somente passagens separadas (ver o verso 7), como incidentes distintos são entrelaçados no resumo que Lucas apresenta do discurso de Estêvão.

Até que se levantou ali outro rei que não conhecia a José (18); provavelmente é referência a fundação da 19.a Dinastia (cerca de 1320 A. C.). **Era mui formoso** (20); lit. «formoso aos olhos de Deus» (como vem na ARA).

A filha de Faraó o recolheu (21); isto é, adotou-o. Eusébio chama-a Merris; cf. Meri, filha de Ramessés II e de uma princesa hetéia.

Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios (22). Estêvão é mais moderado que a generalidade dos escritores heleno- judaicos, que apresentam Moisés como fundador de toda a ciência e cultura e até de toda a civilização do Egito. **Era poderoso em palavras e obras** (22). Moisés, em Êx 4.10, negou que fosse eloqüente, mas a referência aqui

pode ser a palavras escritas. Josefo (**Ant**. 2.10) refere uma lenda das proezas guerreiras de Moisés.

Quando completou quarenta anos (23). Êx 2.11 diz simplesmente "sendo Moisés já homem".

Cuidava que seus irmãos entenderiam... (25). Esta explicação do seu ato não consta no Velho Testamento. Filo, como Estêvão, considera a defesa dos israelitas por parte de Moisés, neste ponto de sua carreira, como habilidade política decisiva. E note-se aqui o paralelo: Moisés apresentou-se como mensageiro de paz e livramento, mas foi rejeitado; Jesus, no devido tempo, foi tratado do mesmo modo.

Nasceram-lhe dois filhos (29); isto é, Gérson e Eliézer (Êx 2.22; 18.3-4).

Apareceu-lhe no deserto do monte Sinai um anjo (30). Estêvão frisa que Deus não está preso a uma cidade ou país; apareceu a Abraão na Mesopotâmia, e no deserto a Moisés, na terra em que este **era peregrino** (29).

Este **anjo** é o mensageiro da Presença divina, que fala como Deus (32).

A este... enviou Deus como chefe e libertador (35). O rejeitado é o salvador designado por Deus; é isto o que se vê nos casos de José, Moisés e Jesus.

Pela mão (35), isto é, com a assistência (ARA).

Deus vos suscitará... um profeta (37). Esta citação de Dt 18.15 (ver 3.22, acima) ajuda ainda a estabelecer paralelo entre Moisés e Cristo.

É este quem esteve na congregação no deserto (38). Provavelmente é alusão a Dt 18.16 (seguindo imediatamente as palavras citadas no verso anterior), onde se faz menção do "povo reunido em assembléia" (heb. **qahal**, LXX **ekklesia**) em Horebe. Como Moisés esteve com a antiga **ekklesia**, assim Cristo está com a nova **ekklesia**, sendo porém esta ainda uma igreja peregrina, "a congregação no deserto". **Com o anjo que lhe falava** (38). Em Êx 32.34 Deus diz a

Moisés, “o meu anjo irá adiante de ti”; mais tarde, porém, por insistência de Moisés, Ele faz uma promessa mais pessoal, “Minha presença (isto é, “Eu mesmo”, **autos** nos LXX) irá contigo» (Êx 33.14). Em Jubileus 1.27-2.1, entretanto, um anjo fala com Moisés no Sinai (ver o verso 53, abaixo).

Naqueles dias fizeram um bezerro (41). Ver Êx 32, onde vem narrado este incidente.

Mas Deus se afastou e os entregou ao culto da milícia celestial (42). Esta declaração aparentemente não se baseia em a narrativa das peregrinações no deserto, como vem no Velho Testamento, mas parece ser uma inferência da passagem de Am 5.25-27, citada nos vv. 42,43. No Texto Recebido, hebraico, de Amós, o povo de Israel é avisado que o rei assírio o desterrará para “além de Damasco”, e que eles levarão para lá os utensílios da idolatria, em virtude da qual essa calamidade está prestes a vir sobre eles. Nos LXX (citação aqui com variantes), essa idolatria - o culto da milícia celestial, especialmente do planeta Saturno - é datada do período do deserto. **Porventura me oferecestes... no deserto?** (42). A construção grega faz esperar resposta negativa. Não foi a Jeová, mas às deidades astrais do paganismo que eles adoraram.

O tabernáculo de Moloque (43).

Em contraste com o tabernáculo **do testemunho** (44). O hebraico significa “Sakkut vosso rei”, sendo Sakkut um nome acadiano do deus do planeta Saturno.

A estrela do vosso deus Renfã (43). Uma versão de Amós tem “Chiun”, forma de Kaiuanu, nome assírio de Saturno; nos LXX (citados aqui) o nome assírio é substituído por outro egípcio do mesmo deus planetário, aqui representado por **Renfá**. Para além da **Babilônia** (43). Estêvão tem o cativeiro babilônico em mente, como era natural a quem falava em Jerusalém, e por isso diz “para além da Babilônia”, em lugar de “para além de Damasco”, como diz Amós, referindo-se ao princípio do cativeiro assírio.

O tabernáculo do testemunho (44), assim chamado porque encerrava o "testemunho" que Deus dera a Israel, consistindo nas tábuas da Lei - vindo dai chamar-se a arca, que as abrigava, "arca do testemunho" (por ex. Êx 25.22). **Segundo o modelo que tinha visto** (44); citado de Êx 25.40 (cf. o desenvolvimento desta idéia em Hb 9.1 e segs.).

Levaram-no com Josué (45) (cf. Hb 4.8). **Até aos dias de Davi** (45). O processo do desalojamento dos cananeus, começado sob Josué, só se completou no tempo de Davi; além disso, e mais especialmente, gerações sucessivas foram passando a tenda uma a outra, até ao reinado de Davi (2Sm 7.6; cf. 1Cr 17.5).

Pediu para achar tabernáculo para o Deus de Jacó (46). Cf. Sl 132.5. Algumas excelentes autoridades em crítica textual têm aqui "a casa de Jacó", porém esta lição fica em rude conexão com o verso 47, **Mas foi Salomão quem lhe edificou a casa**. A ênfase é dada a **casa** - casa fixa, distinta de tenda móvel. Estêvão considera a construção do templo um passo atrás, e rebate a idéia de Deus morar numa casa, citando Is 66.1-2 (49-50).

De outras divindades podia-se conceber tal coisa, porém não do **Altíssimo** (48). Este ataque inequívoco ao centro acariciadíssimo da religião nacional causou provavelmente uma explosão de ira, que deu lugar à invectiva do verso 51.

Homens de dura cerviz... (51). A linguagem desta denúncia é vazada no Velho Testamento; cf. Êx 33.5; Lv 26.41; Dt 10.16; Is 63.10; Jr 4.4; 6.10; 9.26; Ez 44.7.

Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo (52). Cf. a acusação de nosso Senhor em Mt 23.29-37 e a inferência de Suas palavras em Mc 12.2-8; Lc 13.33-34.

Vós que recebestes a lei por ministério de anjos (53). Quanto à mediação da lei pelos anjos, cf. Gl 3.19; Hb 2.2. A idéia não consta no Velho Testamento, mas se encontra em Jubileus 1.29, Testamento de Dn 6.2, Josefo (**Ant**. 15.5-3) e Filo (**Sobre Sonhos**, 1.141 e segs.).

Ouvindo eles isto... (54). Interromperam o discurso; ouviram mais do que desejavam.

Jesus que estava (de pé) **à direita de Deus** (55). Não devemos insistir aqui na idéia de Jesus estar de pé, contrariamente à menção mais regular de se achar Ele sentado à direita de Deus.

Vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus (56). Este é o único lugar do Novo Testamento, fora dos Evangelhos, onde ocorre o título "Filho do homem" (a expressão em Ap 1.13; 14.14 é diferente). Muitos membros do Sinédrio devem ter lembrado as palavras do próprio Jesus (Mc 14.62), que arrancaram deles o veredicto de blasfêmia.

As testemunhas deixaram suas vestes aos pés de um jovem, chamado Saulo (58). Era dever das testemunhas lançar as primeiras pedras. A menção de Saulo sugere que lhe tocou alguma responsabilidade no ato, o que se confirma em 8.1.

Senhor, não lhes imputes este pecado (60). Contraste-se a oração de Zacarias, morrendo em situação semelhante (2Cr 24.22).

Atos 8

E Saulo consentia na sua morte (8.1). Isto pode significar, porém não necessariamente, que ele era membro do Sinédrio. Cf. 22.20; 26.10.

c) Filipe e os Samaritanos (8.1-25)

A execução de Estêvão foi o sinal para uma campanha mais decisiva de repressão. A grande comunidade de crentes de Jerusalém foi dispersa por toda a Palestina e até às suas fronteiras, embora os apóstolos, que talvez na mente do povo não estivessem identificados com a atividade de Estêvão, permanecessem em Jerusalém. Entretanto, a dispersão causou mais bem do que mal à causa; os que desse modo foram espalhados levaram consigo as boas novas e a disseminaram por toda parte, atingindo mesmo o norte como Antioquia da Síria, o que deu

lugar a notável desenvolvimento do trabalho naquela cidade em poucos anos. Mas na sede, nova iniciativa foi tomada quase que imediatamente: Filipe, um dos sete, partiu de Jerusalém para Samaria, cuja população cismática, semijudaica, passou ele a evangelizar. Até então o evangelho fora anunciado só a judeus. A obra evangelística de Filipe teve notável êxito e, quando as notícias desse fato chegaram aos ouvidos dos apóstolos, Pedro e João foram enviados lá para fazerem sindicância. (Ter-se-ia João lembrado da proposta que um dia fizera relativamente aos samaritanos, Lc 9.54?). Chegando lá os dois apóstolos, tiveram confirmação da genuinidade da conversão dos samaritanos, e os convertidos receberam o Espírito Santo. O episódio de Simão Mago, neste ponto, é interessante, entre outras coisas, porque em literatura cristã posterior ele aparece como pai de todas as heresias.

Todos, exceto os apóstolos, foram dispersos (1). Parece, do que se segue, que os crentes helenistas eram o alvo principal da perseguição, talvez por estarem mais intimamente associados a Estêvão. Desse tempo até o ano 135 A. D. a igreja de Jerusalém parece que se compunha quase só de "hebreus".

Assolava (3), como animal feroz, a devorar uma vítima.

A cidade de Samaria (5). A cidade que no Velho Testamento se chamava Samaria foi restaurada por Herodes, o Grande, que lhe deu o nome de Sebaste. A lição variante, "uma cidade de Samaria", aparece em várias autoridades; se está certa, a cidade em questão podia ser Gita, que no dizer de Justino fora a cidade natal de Simão Mago. Seja como for, a pregação do evangelho aos samaritanos representou uma ampliação do seu escopo (cf. 1.8).

Certo homem, chamado Simão (9). Diz-se que tempos depois Simão Mago visitou Roma e outras partes, onde granjeou muitos adeptos; os simonianos, segundo se sabe, sobreviveram pelo menos até o terceiro século. **O poder de Deus, chamado o Grande Poder**. Pode significar que ele se dizia o Grão Vizir do Altíssimo.

O próprio Simão abraçou a fé (13). Não há necessidade de se entender que ele recebeu o dom da "fé salvadora". Ficou apenas convencido do poder do Nome de Jesus, ao ver as obras poderosas que pelo mesmo eram operadas.

Enviaram-lhes Pedro e João (14). Por algum tempo os apóstolos de Jerusalém exerceram a supervisão geral da vasta obra de evangelização.

Oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo (15). Evidentemente não haviam recebido o Espírito Santo ao serem batizados; não, pelo menos, no sentido de Lucas (que regularmente envolve a manifestação de algum dom espiritual).

Haviam sido batizados em nome do Senhor Jesus (16); lit. "para o nome do Senhor Jesus", expressão esta que só se encontra em Atos, aqui e em 19.5. A pessoa assim batizada testemunha publicamente que passou a ser propriedade de Cristo.

Então lhes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo (17). Ouve-se dizer com freqüência que esse ato apostólico foi confirmação, considerada como distinta do batismo, na qual se concede o Espírito. Mas a evidência do Novo Testamento é contrária a tal interpretação. Paulo, por exemplo, dá como certo que todos os crentes batizados têm o Espírito de Deus (cf. Rm 5.5; 8.9; 1Co 12.13). (Tal contradição de termos, como se se afirmasse "crente não batizado", não se encontra no Novo Testamento). Nunca se cogita de fazer distinção entre batismo e confirmação, a não ser quando o rito de iniciação cristã veio a ser objeto disso. Na ocasião em apreço temos provavelmente um ato de reconhecimento e incorporação da nova comunidade de crentes samaritanos na comunidade maior da Igreja apostólica, sendo a imposição das mãos um ato que expressava companheirismo, cercado de manifestações do Espírito Santo em os neoconversos. (Veja-se **The Seal of the Spirit**, de G. W. H. Lampe, 1952, págs. 64 e segs.).

Ofereceu-lhes dinheiro (18). Com isto ele fez que se incluísse o termo "simonia" no vocabulário eclesiástico.

Fel de amargura (23); provavelmente um genitivo semitizante, a significar "amargo fel"; citação de Dt 29.18 (cf. Hb 12.5). **Laço de iniqüidade** (23). Cf. Is 58.6.

Sobrevenha a mim (24). O texto "ocidental" acrescenta "que nunca parou de chorar copiosamente", cláusula adjetiva ligada canhestramente ao fim da sentença, ao invés de vir imediatamente depois do seu antecedente "Simão".

Voltaram para Jerusalém (25); isto é, provavelmente Filipe, bem como os dois apóstolos.

d) Filipe e o tesoureiro etíope (8.26-40)

Uma vez estabelecido o trabalho em Samaria, Filipe foi enviado pelo Espírito Santo a entrar em contato com o tesoureiro de Candace, rainha mãe dos etíopes (núbios), a qual reinava em Merói, entre Assuã e Khartoum. Estivera ele peregrinando em Jerusalém e agora retornava ao sul, viajando de carro. Lia com ansiedade a grande profecia do Servo Sofredor em Isaías, o que deu ensejo a Filipe de anunciar Jesus baseado nessa mesma passagem - com muitíssima propriedade, porque esta, mais do que qualquer outra parte do Velho Testamento, dá colorido à linguagem de nosso Senhor sobre a missão de Sua vida, tanto quanto à linguagem de certo número de escritores do Novo Testamento. Quando este novo convertido prosseguiu viagem com alegria, Filipe continuou a sua na direção do norte, ao longo da estrada costeira para Cesaréia, onde mais de vinte anos depois vamos encontrá-lo com sua família.

Um anjo do Senhor falou a Filipe (26). A linguagem aqui é curiosa por lembrar lugares onde se desenrolaram fatos da vida de Elias e Eliseu, como vêm narrados no Velho Testamento. **Gaza, que é deserta** (26). A Gaza antiga permanecera deserta desde sua destruição no ano 93 A. C. A Nova Gaza, edificada em 57 A. C., ficava à beira do mar, um pouco ao sul da cidade velha.

Candace, rainha dos etíopes (27). O rei era endeusado como filho do deus Sol e considerado muito santo para exercer funções seculares; estas ficavam a cargo de sua mãe, que as exercia por ele. A rainha mãe assumia o título dinástico de **Candace**. **Viera adorar em Jerusalém** (27); provavelmente como "temente a Deus" (veja-se 10.2, adiante).

Ouviu-o ler o profeta Isaías (30). Os antigos habitualmente liam em voz alta.

A passagem da Escritura que estava lendo era esta (32). As palavras são de Is 53.7-8, na versão dos Setenta, o que explica as diferenças entre a passagem aqui e como vem no Velho Testamento, que representa o Texto Hebraico Recebido. Sem dúvida conseguiu em Jerusalém um rolo do livro de Isaías em grego.

A quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro? (34). As respostas que, através dos séculos, têm sido dadas a esta pergunta encheriam um livro.

Contudo nenhuma resposta satisfaz tanto como a que Filipe deu, quando, **começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus** (35).

Filipe respondeu (37). A condição declarada por ele e a resposta do eunuco não fazem parte do texto original (aparecem primeiro na recensão "ocidental"), porém refletem o modo como procediam os primitivos cristãos na cerimônia do batismo.

O Espírito do Senhor arrebatou a Filipe (39). O texto "ocidental" tem: "o Espírito do Senhor caiu sobre o eunuco, e o anjo do Senhor arrebatou a Filipe". Embora o texto mais autêntico não diga explicitamente que o eunuco recebeu o Espírito, o fato está provavelmente implícito na declaração de que **ele seguiu o seu caminho, cheio de júbilo**.

Azoto (40). É a Asdode do Velho Testamento, trinta e dois quilômetros ao norte de Gaza. **Até chegar a Cesaréia** (40), porto do Mediterrâneo, cerca de oitenta quilômetros ao norte de Asdode,

construído por Herodes, o Grande, lá pelo ano 13 A. C. Parece que aí Filipe fixou residência e criou família (cf. 21.8).

Atos 9

e) Conversão de Saulo de Tarso (9.1-31)

O cabeça da campanha de repressão ao Cristianismo, a qual se seguiu à morte de Estêvão, era Saulo de Tarso, destinado a tornar-se um dos maiores homens de todos os tempos. Embora nascido cidadão romano, na cidade grega de Tarso, na Ásia Menor, foi criado por pais judeus, não como helenista, senão como "hebreu de hebreus" (Fp 3.5). Fora mandado a Jerusalém para educar-se aos pés de Gamaliel, o grande líder dos fariseus, com quem, na qualidade de conselheiro prudente, já entramos em contato. O discípulo mostrava ter pouco da moderação do mestre. Como judeu da Cilícia, bem que podia ser freqüentador da sinagoga onde se feriram os debates de Estêvão, ali ouvindo os argumentos fadados a minar toda a estrutura religiosa do Judaísmo. A mente de Saulo, tão perspicaz como a de Estêvão, percebeu quanto era inconciliável a velha ordem com a nova, e saiu a campo como vigoroso campeão daquela, resolvido a extinguir o movimento revolucionário.

No martírio de Estêvão parece que ele desempenhou algum papel oficial, e daí por diante, aonde quer que os crentes se dirigissem na sua dispersão, ali Saulo os perseguia, não somente na Palestina, como até em Damasco. Para as sinagogas desta última levou uma carta do Sumo Sacerdote, autorizando-o a capturar e trazer para Jerusalém todo aquele que, fugindo, procurasse refugiar-se na antiga cidade síria. As ordens do Sumo Sacerdote eram acatadas nas sinagogas do Império, e sua autoridade em matéria religiosa era sancionada pelo poder romano. Foi na sua viagem a Damasco que Saulo defrontou com a visão do Cristo ressuscitado, que tão grande revolução operou em sua vida, fazendo dele, dali por diante, o mais valente campeão da fé que até então procurara destruir.

"Unicamente a conversão e o apostolado de São Paulo", na opinião do estadista do século dezoito, George, Lord Lyttelton, "devidamente considerados, foram de si mesmos uma demonstração suficiente de que o Cristianismo é uma revelação divina." Quando refletimos nas implicações desse fato, concordamos com essa opinião. Lucas percebeu a importância da conversão de Paulo, visto como, apesar do espaço limitado de que dispõe, narra-a com alguns pormenores três vezes, uma na terceira pessoa (cap. 9), e duas vezes contada pelo própria apóstolo (caps. 22 e 26).

Aparecendo o Senhor a Ananias, preparou desse modo o caminho para a recepção de Paulo pelos cristãos de Damasco. As palavras de Cristo, mencionando-o como «vaso escolhido», nunca mais saíram da memória do apóstolo. Anos mais tarde reconhecia ele que, sem o saber, fora separado por Deus para a obra do evangelho, antes mesmo de nascer (Gl 1.15; Rm 1.1). Judeu de nascimento e formação, era também cidadão romano; os privilégios inerentes a essa cidadania mais de uma vez lhe foram de proveito. Embora muitas vezes se tenha exagerado a influência da atmosfera educacional de Tarso, sua terra natal, não é necessário minimizá-la ao ponto de fazê-la desvanecer-se de todo.

À sua conversão e batismo seguiu-se imediatamente ousada proclamação de Jesus como o Filho de Deus, nas próprias sinagogas de Damasco, junto às quais fora acreditado pelo Sumo Sacerdote para uma finalidade muito diferente. Contudo suas atividades ali e no território vizinho, do nabateu rei Aretas IV (a «Arábia» de Gl 1.17), provocaram tanta oposição que, afinal, ele teve de ser despachado ocultamente da cidade, já bastante agitada para continuar a abrigá-lo. Talvez os judeus dali combinassem com os representantes locais de Aretas a sua captura.

Três anos depois de sua conversão, voltou a Jerusalém onde passou quinze dias com Pedro, avistando-se também com Tiago, o irmão do Senhor (Gl 1.18-19). Seu contato com estes e outros cristãos foi facilitado por Barnabé, que presumivelmente o conhecera antes, podendo testificar sua sinceridade. Quando, porém, começou a fazer nas

sinagogas de Jerusalém o que fizera em Damasco, teve outra vez de ser retirado da cidade por medida de segurança, sendo acompanhado até à costa, onde embarcou com destino a Tarso. «Assim, pois», diz Lucas, «a Igreja teve paz» (9.31). A primeira onda de perseguição parece que arrefeceu com a conversão do perseguidor chefe.

Sumo Sacerdote (1). Provavelmente ainda é Caifás.

Caso achasse alguns que eram do Caminho (2). "O Caminho" era uma expressão idiomática judeu-cristã, pela qual se denominava o Cristianismo (cf. 19.9,23; 22.4; 24.14,22). Provavelmente iria prender ali os principais refugiados da Judéia, e não propriamente os crentes damascenos, como Ananias.

Duro é para ti... E disse-lhe o Senhor (5-6). Estas palavras foram tiradas das passagens paralelas de 22.10 e 26.14 e insertas aqui; cf a ARA.

Ouvindo a voz (7), isto é, a voz de Paulo: «mas não ouviram a voz daquele que falava comigo», diz ele em 22.9.

Ananias (10). Seu caráter Paulo descreve-o em 22.12. Parece que era natural de Damasco, e que só por notícia sabia do desencadeamento da perseguição em Jerusalém (13). Não temos informação de como se estabeleceu o Cristianismo em Damasco; podiam tê-lo levado da Galiléia para lá.

A rua que se chama Direita (11). Hoje é chamada Darb al-Mustaqim.

Viu em visão (12). Podemos distinguir as três primeiras visões de Paulo: na estrada de Damasco (4 e segs.); na casa de Judas (12); e na sua volta a Jerusalém (22.17 e segs.).

Dos principais sacerdotes (14). Ver 4.6, acima. **Todos os que invocam o teu nome** (14); isto é, os que invocam Jesus como Senhor (cf. 2.21).

Quanto lhe importa sofrer pelo meu nome (16). Deveria ele aturar muitas vezes mais o que fizera outros sofrer pelo mesmo Nome.

Porém no reino de Cristo o sofrimento pelo Rei é um sinal seguro do Seu favor e um penhor de Sua recompensa.

Impôs sobre ele as mãos (17); não apenas em sinal de companhia, saudando-o como companheiro cristão (**Saulo, irmão**), como também porque Ananias, muito embora fosse um cristão comum, ou "particular", agiu nessa ocasião como delegado do Senhor, devidamente designado para aquele serviço. **Fiques cheio do Espírito Santo** (17). Tal plenitude era necessária para o exercício do ministério profético descrito no verso 15. Os vv. 20-22 deixam claro que a manifestação particular do Espírito em Saulo foi o poder sobrenatural de sua pregação missionária.

Como que umas escamas (18), ou melhor, "uma substância escamosa (ou como flocos)". **Levantou-se e foi batizado** (18). Provavelmente deve-se inferir dai que (diferentemente dos samaritanos em 8.16) Saulo recebeu o Espírito Santo antes de ser batizado.

Então permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos (19). Se isto se deu antes ou depois de sua visita à Arábia (o reino nabateu), mencionada em Gl 1.17, não se pode dizer ao certo. As indicações cronológicas de Lucas, neste ponto, são vagas; sabemos de Gl 1.18 que os fatos dos vv. 26 e seguintes aconteceram três anos depois da conversão de Paulo.

Que este é o Filho de Deus (20). É significativo que a única vez que ocorre este título nos Atos seja no relato da primeira pregação de Saulo. Enquanto a filiação divina do Messias é um corolário do Sl 2.7, o uso que Paulo faz do título aqui provavelmente marca um progresso na designação até aqui feita de Jesus como Senhor e Messias (por ex. 2.36).

Provando (22). O termo grego **synbibazo** sugere provavelmente que o método dessa prova era colocar as Escrituras proféticas lado a lado com os fatos que lhes davam cumprimento.

Os judeus deliberaram entre si tirar-lhe a vida (23). Segundo Paulo conta em 2Co 11.32, "o governador preposto do rei Aretas montou guarda na cidade dos damascenos, para me prender". A situação era provavelmente como foi sugerida em nosso sumário acima.

Levou-o aos apóstolos (27). O termo é empregado aqui em sentido mais lato. Conforme Gl 1.18-19, os únicos apóstolos (em sentido restrito) que ele viu foram Pedro e Tiago, o irmão do Senhor.

Discutia com os helenistas (29), sem dúvida na mesma ou mesmas sinagogas que testemunharam idêntica atividade de Estêvão.

Assim as igrejas tinham paz (31). Os melhores textos têm "igreja" (no singular), estando os verbos que se lhe seguem igualmente no singular.

III. ATOS DE PEDRO: RECEPÇÃO DOS GENTIOS - 9.32-12.24

a) Pedro na Palestina Ocidental (9.32-43)

Um sinal da paz de que a Igreja gozava se vê em Pedro evangelizar o território semigentílico, na Planície de Sarom, e visitar Lida e Jope, onde realizou milagres de cura. O fato de hospedar-se, quando nesta última cidade, na casa de um homem que exercia uma profissão imunda, mostra como ele ia-se emancipando mais em suas relações para com a lei cerimonial.

Os santos que habitavam em Lida (32). É claro que havia cristãos em Lida e Jope antes de Pedro visitar estas cidades (cf. v. 36).

Arruma o teu leito (34). O grego podia significar alternadamente «apronta-te para comer»; isto estaria de acordo com o interesse que Lucas e outros escritores neotestamentários mostram alhures pela nutrição dos convalescentes.

Sarona (35); a planície costeira de Sarom.

Tabita (36); em aramaico é "gazela"; em grego é **Dorcas.**

Depois de a lavarem (37); refere-se à praxe judaica da "purificação dos mortos".

Mostrando-lhe túnicas e vestidos (39). A "voz média" do verbo grego indica que elas estavam usando essas vestes naquele momento.

Ficou... em casa de um curtidor, chamado Simão (43). Simão morava na praia (10.6), talvez porque sua profissão exigisse o emprego de água do mar, e Pedro, sendo pescador, preferisse hospedar-se nessa parte da cidade.

Atos 10

b) Pedro e Cornélio (10.1-48)

Grande passo avante precisava ainda ser dado, e foi em Jope que Pedro aprendeu a lição de que não se deve chamar comum ou imundo aquilo que Deus limpou. Teria sido à luz desta lição que ele acrescentou, ao ensino de nosso Senhor sobre comidas, o comentário, "E assim considerou ele puros todos os alimentos", como se vê em Mc 7.19? Seja como for, havendo aprendido esta lição, teve imediatamente de pô-la em prática ao ser convidado para visitar Cornélio, centurião romano, em Cesaréia, e fazê-lo conhecer, com a família, as boas novas. Este é outro episódio a que Lucas obviamente dá muita importância, porque, depois de narrá-lo no cap. 10, volta a referi-lo no cap. 11, onde Pedro mesmo conta a história, e torna a mencioná-lo no cap. 15, outra vez por intermédio de Pedro.

Cornélio, como Pedro, fora preparado por Deus para a nova situação. Membro da classe de pessoas que Lucas denomina "tementes a Deus", adeptas do culto judaico, espiritual e monoteístico, celebrado nas sinagogas, sem que fossem de todo prosélitos e membros da comunidade de Israel, foi instruído, por uma visão, a mandar chamar a Pedro. Quando este entrou na casa e começou a anunciar a ação divina na cruz e na ressurreição de Cristo, mais uma prova da direção de Deus lhe foi dada com o ato repentino do Espírito Santo apossando-se daquela família gentia, o que foi manifesto pelos mesmos sinais externos do dia de Pentecostes. Houve uma diferença: no Pentecostes os que foram batizados receberam o Espírito; Cornélio e seus familiares se batizaram

porque antes receberam o Espírito. Sem este sinal evidente do favor divino, Pedro podia hesitar em batizá-los.

Centurião da coorte, chamada a italiana (1). Os centuriões tinham a posição de oficiais não comissionados, cabendo-lhes a responsabilidade de capitães. Eram a espinha dorsal do exército romano, é impressionante como de todos os centuriões mencionados no Novo Testamento sempre se diz alguma coisa que os recomenda. A coorte italiana pode ser idêntica à "segunda coorte italiana de cidadãos romanos", de que há inscrições comprobatórias na Síria, do ano 69 A. D.

Temente a Deus (2), pertencente à classe de gentios que aderiam de modo geral à fé, ao culto e às práticas judaicas, sem se submeterem à circuncisão e sem se tornarem prosélitos de todo.

Subiram para memória (4). O verbo "subir" pode sugerir as ofertas queimadas (heb. **´olah**, lot. "subindo"). O vocábulo grego **mnemosynon**, traduzido «memória», usa-se em Lv 2.2 e segs. nos LXX, com relação à parte da oferta de manjar que se apresentava a Deus. Quanto à eficácia sacrifical dessa conduta de Cornélio, cf. Sl 141.2; Fp 4.18; Hb 13.15-16.

Por volta da hora sexta (9); isto é, meio-dia.

Êxtase (10), estado em que a pessoa, por assim dizer, "fica fora" de si.

Um certo vaso (11); lit. "um objeto"; a palavra grega (**skeuos**) é indefinida. **Um grande lençol** (11); sugerido ao subconsciente de Pedro possivelmente pela tolda aberta no eirado, ou a vela de um barco no horizonte, do lado ocidental. **Quatro pontas** (11). O vocábulo grego **arche,** aqui traduzido «ponta» (lit. "começo") usava-se na linguagem médica por extremidade de atadura, e entre os marinheiros no sentido de "corda".

Toda sorte de quadrúpedes (12). Os melhores textos omitem **feras** aqui e transpõem **da terra** para depois de **répteis** (veja-se a ARA). Dai resulta a divisão tríplice do mundo animal, cf. Gn 6.20. (O Texto Recebido é aqui influenciado por 11.6).

De modo nenhum, Senhor (14); cf. o protesto de Ezequiel (Ez 4.14). As leis dietéticas judaicas baseavam-se em Lv 11. Tais leis, em seu aspecto cerimonial, eram agora ab-rogadas explicitamente, como o haviam sido implicitamente no ensino de Jesus, Mc 7.14 e segs.

Disse-lhe o Espírito (19). O Espírito de íntima admonição profética.

Eu os enviei (20). Isto levanta a questão sobre a relação entre o Espírito, falando agora no íntimo de Pedro, e a manifestação aparentemente externa do anjo a Cornélio.

Que lhe foram enviados por Cornélio (21). Os melhores textos omitem estas palavras (ver a ARA).

Foi instruído por Deus (22); lit. "recebeu uma comunicação oracular" (gr. **chrematizo**).

Alguns irmãos de Jope (23). Foram em número de seis (11.12).

Indo Pedro a entrar... (25). O texto "ocidental" amplia este verso assim: "E aproximando-se Pedro de Cesaréia, um dos servos correu na frente a anunciar que ele chegara. Então lhe saiu Cornélio ao encontro...". **Adorou-o** (25), ou "prestou-lhe homenagem" (gr. **proskyneo**). Não implica necessariamente honras divinas.

Faz hoje quatro dias (30). No primeiro dia Cornélio teve a visão; no segundo, Pedro teve a sua e os mensageiros de Cornélio saíram a buscá-lo; no terceiro, Pedro e os outros deixaram Jope; no quarto, chegaram a Cesaréia.

Fizeste bem em vir (33), expressão de agradecimento, isto é "Obrigado por teres vindo".

Deus não faz acepção de pessoas (34). Cf. Dt 10.17; Rm 2.11; Ef 6.9; Cl 3.25. O sentido é: "Deus não tem favoritos". A eleição divina não implica parcialidade; a graça de Deus alcança livremente tanto a gentios como a judeus. Para nós hoje, isto é um lugar-comum, mas para Pedro era uma idéia revolucionária.

A palavra que Deus enviou aos filhos de Israel... (36). Daqui até ao fim do verso 43 temos o sumário completo da mensagem apostólica

em Atos. Abrange o período que vai do ministério de João Batista à ressurreição, e tem em perspectiva o juízo futuro. O presente sumário traz as marcas de uma tradução bem literal do aramaico.

Por toda a Judéia (37); aqui no sentido mais lato de Palestina (cf. Lc 4.44).

Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo (38). "Ungiu" traz a idéia mais formal de "fê-lO Messias"; a ocasião que ele tem em mente é o batismo de nosso Senhor, Cf. Is 61.1, citado em Lc 4.18.

Na terra dos judeus (39); isto é, toda a Palestina, como **Judéia** no verso 37.

Nós que comemos e bebemos com ele (41). Isto dá ênfase à realidade de Sua ressurreição corporal. Cf. Lc 24.41-43 (e em At 1.4, "ajuntando-os" talvez deva traduzir-se "comendo com eles", ver a ARA; gr. **synalizomenos**).

Foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos (42). Isto lembra a visão do «Filho do homem» em Dn 7.9 e segs.

Remissão de pecados (43). A principal profecia do Velho Testamento que promete a remissão de pecados mediante Cristo é Is 53.

Caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra (44). Como Pedro sugere no verso 47 (cf. 11.15), este episódio foi uma reprodução da descida do Espírito no primeiro grupo de discípulos em At 2. O presente caso tem sido chamado com propriedade "o Pentecostes do mundo gentílico". Para que este fato, sem precedente, ocorresse foi necessário que outro, não rotineiro, acontecesse: a aceitação do evangelho por parte de gentios; urgia que Deus agisse imediatamente.

Engrandecendo a Deus (46); cf. 2.11, "falar... as grandezas de Deus".

Ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo (48). Veja-se 2.38. Em parte alguma se dá a entender que algo foi dito a estes gentios sobre a necessidade ou mesmo conveniência da circuncisão.

Atos 11

c) Os outros apóstolos aprovam o ato de Pedro (11.1-18)

A notícia chegou célere a Jerusalém. Retornando Pedro, viu-se obrigado a defender-se das críticas dos seus companheiros de apostolado. A atividade de Estêvão parecera bastante nociva aos olhos de homens que, embora seguidores de Jesus, ainda eram judeus ortodoxos. Todavia, para eles não fora menos prejudicial a atitude do líder dos apóstolos, que violara um costume sagrado. Aparentemente os apóstolos ainda gozavam de alguma estima do povo, porém provavelmente iam perder esse bom conceito se se espalhasse a notícia de que o líder dentre eles havia confraternizado com incircuncisos. É provável fosse mais do que coincidência que Herodes Agripa I, não muito tempo depois, querendo ganhar popularidade, lançou mão violentamente de dois dos apóstolos, e também aparecesse logo Tiago, o irmão do Senhor, como líder da igreja de Jerusalém.

No entanto, quando Pedro contou a experiência que tivera da direção do Senhor, e do derramamento do Espírito Santo na casa de Cornélio, perguntando, “Quem era eu para que pudesse resistir a Deus?”, os apóstolos se convenceram de que ele agira corretamente e louvaram a Deus por Sua graça concedida aos gentios.

Os que eram da circuncisão (2). Provavelmente se alude aqui ao partido mais “rigorista” da igreja de Jerusalém, embora que a mesma frase, em 10.45, signifique apenas cristãos judeus.

Palavras mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa (14). São termos que complementam a versão do verso 10.22. A “casa” incluía não somente a família, no sentido moderno da palavra, como todos nela estavam sob a autoridade do chefe do lar - escravos, atendentes e outros que tais. Cf. 16.15-31 e segs. 18.8.

João, na verdade, batizou com água (16). Palavras do Senhor em 1.5.

Também aos gentios (18); melhor, “até aos gentios” (aos olhos dos judeus era o sinal mais assombroso da graça divina).

d) A primeira igreja gentílica (11.19-30)

Os outros apóstolos podiam bem aprovar o ato de Pedro, porque quase ao mesmo tempo houve um grande trabalho, com resultados de vasto alcance, em Antioquia, ao norte da Síria, por onde andaram alguns judeus helenistas, durante a dispersão que se seguiu à morte de Estêvão. A atmosfera de Antioquia era o mais diferente possível da de Jerusalém. Nessa movimentada capital do norte, cidade comercial onde se encontravam europeus e asiáticos, e onde a civilização grega entrava em contato com o deserto sírio, os homens naturalmente poliam reciprocamente suas rudes arestas, e as diferenças religiosas que tanto avultavam na Judéia, começaram a parecer menos importantes. Foi aqui, pois, que alguns desses helenistas, não contentes de pregar a Jesus nas sinagogas aos seus companheiros igualmente helenistas, puseram-se a pregá-lO também aos gentios gregos, resultando que muitos deles abraçaram a nova fé, de modo que a segunda igreja cristã a ser fundada contava com numerosos elementos gentílicos, recebendo os discípulos ali, pela primeira vez, o nome de “cristãos”.

Quando a notícia dessa inovação chegou a Jerusalém, os apóstolos, desejosos de averiguar o caso, mandaram lá o homem apropriado para esse trabalho, Barnabé, “filho de exortação”, como seu nome quer dizer. Dirigiu-se ele a Antioquia e, em vez de escandalizar-se com a mistura de judeus e gentios, regozijou-se diante desse assombroso sinal da graça de Deus, ficou-se lá entre eles, fazendo o que podia para ajudar a nova igreja a crescer. A obra, porém, progredia rapidamente, e Barnabé, procurando na mente um auxiliar condigno lembrou-se de Saulo, que havia algum tempo estava em Tarso, percorrendo as regiões circunvizinhas. Foi buscá-lo e dele fez seu cooperador. Continuaram ambos a promover a grande obra que Deus inaugurara em Antioquia.

Foi por esse tempo que o profeta Ágabo anunciou na Igreja de Antioquia que estava para vir grande e generalizada fome. Suetônio, historiador romano, confirma que o reinado do Imperador Cláudio foi assinalado por épocas em que não houve safras. Diz-nos Josefo que por volta do ano 46, a Palestina foi castigada duramente por uma fome, e que a rainha-mãe judia, de Adiabene, no norte da Mesopotâmia, comprou trigo no Egito e figos em Chipre para acudir às necessidades dos judeus palestinenses. Ao mesmo tempo Barnabé e Saulo foram enviados a Jerusalém pela Igreja de Antioquia, conduzindo à igreja-mãe o produto de uma coleta especial que a igreja-filha levantara para ajudar os cristãos palestinenses em sua situação angustiosa. A igreja de Jerusalém parece que sofria de pobreza crônica; mais adiante vamos encontrar Paulo organizando coletas nas igrejas gentílicas por ele fundadas, a fim de socorrer aquela em suas necessidades. Foi provavelmente durante esta visita de Barnabé e Saulo, de socorro aos famintos, que ocorreram os fatos de Gl 2.1-10. A «revelação, em virtude da qual foram lá (Gl 2.2), seria então a profecia de Ágabo (At 11.28), e as palavras de Gl 2.10 aplicam-se especialmente a essa visita: «Recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer».

Então os que foram dispersos (19). Estas palavras levam-nos de volta ao ponto de partida, em 8.4, que começa com a mesma expressão. **Fenícia** (19); isto é, Tiro, Sidom, etc.; (cf. 21.3 e segs., 27.3). **Antioquia** (20). A antiga capital do reino selêucida, mas, na época, sede do governo da província romana da Síria, e a terceira cidade do mundo, em extensão (Roma era a primeira, e Alexandria, a segunda).

Falavam aos gregos (20). Seja “gregos” a lição exata aqui, seja “helenistas”, o sentido certamente é que gentios que falavam grego foram evangelizados.

Enviaram Barnabé (22), do mesmo modo como enviaram Pedro e João a Samaria (8.14). E partiu Barnabé para Tarso, à procura de Saulo (25). Este, desde o verso 9.30, estivera em várias partes da província unida sirociliciana, na qual ficavam situadas Tarso e Antioquia (Gl 1.21).

Em Antioquia foram os discípulos pela primeira vez chamados cristãos, isto é, ficaram comumente conhecidos por esse nome. Só dos gentios podiam ter recebido tal nome (que significa "povo de Cristo"), porque aos ouvidos dos gentios a palavra "Cristo" soava como simples nome de pessoa, enquanto que para os judeus significava "Messias", não querendo eles, os judeus, chamar aos seguidores de Jesus "povo do Messias".

Naqueles dias (27); isto é, durante o ano que Barnabé e Saulo passaram em Antioquia (26).

Ágabo (28). Este reaparece em 21.10, numa «seção do pronome **nós**», de Atos. **Por todo o mundo** (28); isto é, mundo romano. **Nos dias de Cláudio César** (28). Cláudio foi imperador do ano 41 ao 54 A. D. Não está claro em que tempo, antes da fome, ocorreu a predição. Provavelmente os cristãos de Antioquia foram guardando dinheiro, sistematicamente, até que o tempo da necessidade chegou e então enviaram Barnabé e Saulo, como seus delegados, levando a soma acumulada para os cristãos de Jerusalém.

Atos 12

e) Herodes Agripa e a Igreja (12.1-24)

Nova onda de perseguição arrebentou sobre a igreja de Jerusalém e desta vez os apóstolos, longe de ficarem imunes, foram os principais objetos do ataque. Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, recebera do seu amigo o Imperador Calígula (37-41) vasta doação em território, na Palestina e próximo a ela, juntamente com o título de rei; e Cláudio (41-54) acrescentou a esse território as regiões da Judéia e Samaria. Durante seu curto reinado sobre a Judéia (41-44), Herodes, a despeito de suas faltas, mostrou-se patrocinador diligente da fé judaica, e manteve relações amistosas com os líderes religiosos do povo. Dizem que certa ocasião, quando lia a lei na festa dos tabernáculos, as lágrimas lhe vieram aos olhos ao ler Dt 17.15 ("estabelecerás, com efeito, sobre ti

como rei aquele que o Senhor teu Deus escolher; homem estranho, que não seja de entre os teus irmãos, não estabelecerás sobre ti"), porque se lembrou da origem edomita da sua família; mas a populaça exclamou: "Não te aflijas; tu és nosso irmão!".

A história da execução de Tiago, filho de Zebedeu, e da prisão de Pedro, por ele ordenadas, é bastante conhecida. As palavras "vendo ser isto agradável aos judeus" são significativas pelas razões já sugeridas. A idéia de haver João sofrido martírio por essa época, como Tiago, tem fundamentos muito frágeis, apesar do vigor com que alguns críticos do Novo Testamento a defendem. A fuga de Pedro, da prisão, e sua inesperada visita à casa de Maria, onde os crentes oravam por ele, são narradas magistralmente. Para onde ele foi, ao voltar de lá (12.17), é incerto; não há fundamento razoável para a tradição que diz haver-se encaminhado a Roma, por esse tempo. Suas palavras "Anunciai isto a Tiago e aos irmãos" sugerem que por essa época Tiago, irmão do Senhor, havia conquistado uma posição de destaque na igreja de Jerusalém.

Logo depois disso, Herodes morreu em circunstâncias dramáticas e impressionantes, fato narrado tanto por Lucas como por Josefo. Os dois historiadores diferem em pormenores, porém concordam nas partes essenciais do fato. Quanto às diferenças podemos citar o historiador alemão Eduard Meyer: "Nas linhas gerais, na data, e na idéia geral, ambas as narrativas estão em pleno acordo. Nos pormenores, muito interessantes, que de nenhum modo devem ser havidos como «tendenciosos" ou atribuídos à tradição popular, a narrativa de Lucas oferece uma garantia de que pelo menos é tão segura quanto a de Josefo.

Eram os dias dos pães asmos (3). Os dias dos pães asmos começavam na véspera da páscoa, dia 14 de Nisã, e duravam até o dia 21 desse mês (cf. 20.6). O dia 14 de Nisã naquele ano (44 A. D.) caiu no dia 1.o de maio - atraso este fora do comum, devido à intercalação de um segundo mês de Adar naquele ano, de 19 de março a 17 de abril inclusive.

Quatro quaternos de soldados (4). Um quaterno para cada vigília da noite. Pedro estava guardado por quatro soldados de cada vez, dois dos quais provavelmente o ladeavam, e dois colocavam-se à porta.

Depois da páscoa (4). A páscoa, rigorosamente falando celebrava-se no dia 14 de Nisã, mas o termo era usado algumas vezes num sentido mais geral, abrangendo também a festa dos asmos (cf. Lc 22.1); esse é o sentido aqui.

Eis, porém, que sobreveio um anjo do Senhor (7); cf. o versículo 19.

Provavelmente o fato mais notável, dos nossos tempos, comparável à soltura de Pedro foi a libertação misteriosa do Sadhu Sundar Singh, de um poço onde fora metido por uma autoridade tibetana (contado por Streeter e Appasamy, **The Sadhu**, págs. 30 e segs.). Contudo "Pedro pensava fosse tudo uma visão", até que se viu seguro e salvo. O Sadhu pensava que era um homem quem o socorria, quando este desapareceu" (L. E. Browne).

Depois de terem passado a primeira e a segunda sentinela, chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade (10). Evidentemente havia que passar por três portões e três sentinelas (permitiram-no passar a primeira e a segunda, pensando presumivelmente tratar-se de um servente; mas não era de se esperar que um servente passasse além da sentinela exterior à noite, tornando-se necessário tomar outra direção" (Ramsay). Assim sendo, o portão que dava para a cidade abriu-se **automaticamente**; como, não se diz. Mas em toda essa descrição transpira o depoimento de uma testemunha ocular, inclusive a adição "ocidental" – "e desceram os sete degraus" - inserta depois das palavras **tendo saído**. Provavelmente Pedro fora preso na Torre Antônia, na área noroeste do templo.

Foi à casa de Maria, mãe de João, que tinha por sobrenome Marcos (12). Parece que esta casa serviu de lugar de reunião a um grupo de cristãos de Jerusalém; há uma sugestão interessante de ter sido a casa

onde se realizou a última Ceia. O grupo a que se associa o nome de Tiago, Irmão do Senhor, parece que se reuniu em outro lugar (17).

Saiu a escutar (13); melhor, "para responder à porta" (gr. **hypakouo**).

É o seu anjo (15); isto é, seu anjo de guarda ou a reprodução do seu espírito, capaz de assumir suas feições e de ser tomado por engano como a própria pessoa. O conceito iraniano **fravachi** assemelha-se a este. Cf. também a referência aos anjos das crianças, que contemplam a face de Deus (Mt 18.10).

Fazendo-lhes sinal com a mão para que se calassem (17); outra prova de testemunho de vista. **Retirou-se para outro lugar** (17). Pode significar simplesmente que se escondeu. Não disse a ninguém, na ocasião, para onde ia, e Lucas, anos depois, não pôde descobrir que lugar fora esse.

Ordenou que fossem justiçadas (19), presumivelmente foram executadas. É provável que Herodes suspeitasse de se haverem conluiado para livrar Pedro. Sua terna se abastecia do pais do rei (20). O litoral fenício dependia da Galiléia em matéria de gêneros alimentícios, como nos dias de Hirão e Salomão (1Rs 5.9 e segs.). Em dia designado (21). Diz Josefo que foi numa festa em honra do Imperador Cláudio (**Ant.** 19:8.2), possivelmente em seu aniversário natalício, dia 10 de agosto. Pode muito bem ter ensejado a reconciliação pública de Herodes Agripa e seus vizinhos fenícios.

Vestido de trajo real (21). "Ostentava um manto todo tecido de prata, de maneira maravilhosa" (Josefo).

O povo (22); gr. **demos**; isto é, a populaça de Cesaréia. **É voz de um deus, e não de homem** (22). Segundo Josefo, os bajuladores, dirigindo-se-lhe como a um deus, diziam: "Sê gracioso para conosco: até aqui te reverenciamos como homem, mas doravante reconhecemos-te como superior a um mortal".

O anjo do Senhor o feriu (23). Veja-se no Velho Testamento esta expressão, em 2Rs 19.35. **Por ele não haver dado glória a Deus** (23).

Aceitou honras divinas dos seus aduladores, ao invés de atribuí-las a Deus. **Comido de bichos** (23). Um colega médico dá o seguinte diagnóstico dessa doença: quisto hidático. **Expirou** (23); cinco dias depois, com a idade de cinqüenta e quatro anos. Morre o perseguidor; a causa que ele perseguiu sobrevive com vigor cada vez maior (24).

IV. ANTIOQUIA TORNA-SE UMA IGREJA MISSIONÁRIA - 12.25-16.5

a) A evangelização de Chipre (12.25-13.12)

Voltando Barnabé e Saulo de Jerusalém para Antioquia, levaram consigo a Marcos, primo de Barnabé e, por algum tempo, continuaram a ministrar à igreja, como fora seu costume.

Atos 13

Além de Barnabé e Saulo, os mestres de maior talento daquela igreja, havia mais três: Lúcio de Cirene, Simeão por sobrenome Níger (Negro), que somos tentados a identificar com Simão Cireneu de Lc 23.26; e Manaém, colaço de Herodes Antipas. Este Manaém era possivelmente neto de outro Manaém, mencionado por Josefo como favorito de Herodes, o Grande. Talvez foi ele quem prestou a Lucas a maior parte das informações especiais que aparecem nos Atos acerca da família dos Herodes.

Todavia o Espírito Santo tinha outra obra para a igreja da Antioquia realizar, pelo que lhe disse (presumivelmente por intermédio de um daqueles profetas) que separasse Barnabé e Saulo para o trabalho especial a que os tinha chamado. É digno de nota que os dois ministros mais habilitados daquela Igreja é que foram assim separados para o que chamamos “missões estrangeiras”, embora esta expressão não seja realmente aplicável àquele tempo, quando quase todo o mundo civilizado estava politicamente unido sob o governo de Roma.

Aquiescendo na divina vontade assim expressa, a igreja enviou os dois homens, manifestando-lhes seu companheirismo com a imposição das mãos. Marcos partiu com eles como **ministro** (5); alguns entendem querer dizer que os dois missionários se aproveitaram do conhecimento que Marcos tinha da história do Evangelho; era ele provavelmente um dos "ministros da palavra", mencionados em Lc 1.2. Navegando de Selêucia, porto de Antioquia, desembarcaram em Chipre, ilha de onde Barnabé era natural, e atravessaram-na de leste a oeste. Chegando a Pafos, a capital ocidental, ai ocorreu o encontro de Paulo com o mágico Barjesus, que pertencia à roda íntima de Sérgio Paulo, procônsul da província. Parece que ele era dessa espécie de mágicos favoritos de que alguns homens eminentes gostavam de se cercar, e provavelmente temia que, se Sérgio prestasse atenção aos missionário, seus próprios dias, como mágico da corte estariam contados. Comentadores antigos gostavam de salientar que a cegueira temporária do mágico foi destinada por Paulo a produzir nele o mesmo efeito que a sua, de três dias, produzira em Damasco. Ramsay mostra ter razão em acreditar que alguns membros da família de Sérgio foram cristãos, em gerações posteriores.

A PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO

Barnabé e Saulo voltaram (12.25), isto é, para Antioquia.

Salamina (13.5). Situada na costa oriental de Chipre, cidade principal da ilha e sede do governo da parte leste.

Procônsul (7). Os romanos haviam anexado Chipre no ano 57 A. C. **Sérgio Paulo** (7). Provavelmente o mesmo indivíduo cujo nome aparece numa inscrição romana, como curador do Tibre, no principio do reinado de Cláudio.

Elimas, o encantador (porque assim se interpreta o seu nome) (8). Não quer dizer que "Elimas" seja equivalente a "Barjesus", mas que

"Elimas", sendo palavra semítica, significa "encantador", ou mágico (gr. **magos**).

Saulo, também chamado Paulo (9). A partir daqui o apóstolo é chamado regularmente pelo seu cognome Paulo (lat. **Paullus**), em vez de Saulo, seu nome hebraico de nascimento. Paulo se lhe apropria mais, agora que a história se movimenta para ambientes predominantemente gentílicos.

O procônsul... creu, maravilhado com a doutrina do Senhor (12). Tem-se sugerido que a cortesia do procônsul foi tomada erradamente por conversão, mas um oficial romano positivo, prático, era exatamente o homem que havia de se convencer pelo ato de força que acompanhou o ensino apostólico (cf. Lc 4.32).

b) Discurso de Paulo em Antioquia da Pisídia (13.13-41)

De Chipre o grupo atravessou de navio para a Ásia Menor, onde Marcos os abandonou, regressando a Jerusalém. As razões que teve para proceder assim não são declaradas; talvez se ressentisse da maneira como seu primo Barnabé ia resvalando para um segundo plano. Quando partiram de Antioquia, dizia-se **Barnabé e Saulo** (2); ao deixarem Chipre, era **Paulo e seus companheiros** (13). Fosse qual fosse a razão, Marcos voltou. Barnabé parece que não se importava com o caso; era ele um notável exemplo do velho ditado:

É preciso dom, mais do que é possível dizer,
Para se ocupar lugar secundário com prazer.

Barnabé e Paulo, agora sós, dirigiram-se para o interior (Ramsay pensou que a causa foi Paulo ter contraído malária nos terrenos baixos alagadiços, próximos do litoral embora seja isto mera especulação) . Chegaram a Antioquia da Pisídia, colônia romana da província da Galácia e aí ficaram algum tempo. As colônias romanas desempenharam importante papel nos planos de campanha de Paulo, em todas as suas viagens missionárias. Com verdadeiro instinto estratégico, ele escolheu,

para evangelização intensiva, os pontos importantes ao longo das principais estradas entre Jerusalém e Roma. Outro aspecto destacável do seu método se vê em Antioquia da Pisídia, onde eles primeiro entraram em contato com a sinagoga judaica local. Em toda parte o programa constante de Paulo era «primeiro ao judeu».

No primeiro sábado após chegarem a Antioquia da Pisídia, encaminharam-se à sinagoga. Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga convidaram os estranhos a dizer alguma palavra de exortação que tivessem para os presentes. Paulo levantou-se e falou. O resumo do seu discurso é dado mas um tanto extenso, provavelmente para mostrar a espécie de sermão que costumava pregar nas sinagogas de todo o Império. Narrou o livramento que Deus operara em prol do povo de Israel, por ocasião do êxodo, e esboçou-lhes a história de Moisés a Davi. Depois passou de Davi ao prometido Messias da sua descendência, declarando que esse Messias prometido aparecera nos seus dias na pessoa de Jesus, cuja morte e bem atestada ressurreição provaram ser Ele o Messias predito nas Escrituras hebraicas. Como Pedro em Pentecostes, argumentou que as palavras do Sl 16.10, “Não permitirás que o teu Santo veja a corrupção”, não podiam aplicar-se a Davi, que viu a “corrupção”, mas ao descendente de Davi, que naqueles últimos dias, segundo fora evidente, ressurgira dos mortos. O sermão findou com uma aplicação, à situação presente, do aviso do profeta Habacuque às vésperas da invasão dos caldeus: **Vede, ó desprezadores, maravilhai-vos e desvanecei. . .** (a palavra “desprezadores” é citada dos LXX, onde substitui a frase “entre as nações” do texto hebraico).

Antioquia da Pisídia (14), sendo esta uma das regiões da província da Galácia.

Depois da leitura da lei e dos profetas (15). A lei era lida toda, conforme um lecionário fixo; as leituras eram selecionadas dos profetas, com alguma semelhança ou relação com a lição precedente da lei.

Os chefes da sinagoga (15). A estes incumbia planejar o culto público, e convidar membros idôneos da congregação para fazer as

leituras e dirigir a palavra. **Varões irmãos** (15). Como em qualquer outra parte dos Atos, essa expressão deve traduzir-se simplesmente «Irmãos».

Varões Israelitas, e vós outros que também temeis a Deus (16). Estas palavras indicam os dois elementos de que se compunha a congregação, judeus e os gentios "tementes a Deus" (ver 10.2).

Suportou-lhes os maus costumes (18). Alguns textos, com a mudança de uma letra no verbo grego assim traduzido, têm "levou-os como uma ama" (cf. Dt 1.31).

Sete nações (19). Veja-se Dt 7.1.

Cerca de quatrocentos e cinqüenta anos (20). Este período cobre o tempo a partir da peregrinação dos patriarcas até a ocupação da terra.

Achei a Davi... (22); citação do Sl 89.20 e 1Sm 13.14.

Havendo João primeiro pregado... (24). Os vv. 24-31 contém um esboço da pregação apostólica, semelhante ao de 10.36-43.

Não sou aquele (25); isto é, o Messias. Cf. Jo 1.20-21.

Eles... tirando-o do madeiro (29); temos aí um plural de sentido geral. Nos Evangelhos consta que isso foi feito por José de Arimatéia e Nicodemos.

A nós, seus filhos (33). Leia-se "a nós e a nossos filhos" (F. H. Chase) **Ressuscitando a Jesus** (33). O sentido aqui é Deus levantar a Jesus como Messias, assim corno **levantou** a Davi como rei (22); contraste-se com o verso 34, onde se tem em vista a ressurreição: **Deus o ressuscitou dentre os mortos**. **Tu és meu filho, eu hoje te gerei** (33); citação do Sl 2.7. O dia da unção do rei «era idealmente o dia em que ele, como representante da nação, nascia para uma nova relação de filho para com Jeová» (F. H. Chase); é provável que se faça alusão aí ao dia do batismo de Jesus (quando Deus lhe falou, "Tu és meu Filho...").

Dar-vos-ei as santas e fiéis bênçãos de Davi (34); citação de Is 55.3. Tais bênçãos prometidas a Davi encontram seu cumprimento em Cristo mediante Sua ressurreição.

Todo o que crê é justificado (39). É digno de nota que somente neste sermão do Paulo, nos Atos, o conceito da justificação se declara explicitamente. A fé em Cristo leva o homem a uma posição do completa justiça perante Deus, o que a lei jamais pôde realizar.

Vede (41); cf. Hc 1.5 (que por sua vez serve de eco a Is 29.14).

c) Como reagiram ao evangelho em Antioquia da Pisídia (13.42-52)

O discurso de Paulo foi escutado com especial interesse pelos gentios que freqüentavam o lugar de culto judaico, sendo eles os "tementes a Deus", como Lucas lhes chama, os quais, sem se tornarem prosélitos, eram atraídos pelo puro culto do Judaísmo e mesmo guardavam a lei judaica até certo ponto, por exemplo, observando o sábado. Foram atraídos sobremaneira pelo anúncio que Paulo fez do perdão dos pecados mediante Cristo, e pediram que lhes falasse outra vez no sábado seguinte. Essa gente, na verdade, constituía o principal núcleo dos convertidos de Paulo na maioria das cidades aonde ele se dirigia, visto como lhes oferecia mediante Cristo os mesmos direitos que os crentes judeus tinham diante de Deus, sem necessidade de observarem a lei cerimonial judaica nem de se tornarem prosélitos.

A adesão deles ao apóstolo naturalmente despertou a inveja dos judeus da dispersão, os quais se ressentiam de Paulo levar após si os gentios cuja conversão ao Judaísmo eles esperavam. Tal inveja subiu de ponto em Antioquia da Pisídia, visto como os "tementes a Deus" espalharam a notícia e no sábado seguinte quase toda a população gentílica da colônia afluiu à sinagoga. Quando os judeus manifestaram seu aborrecimento, Paulo anunciou que, visto como eles se julgavam indignos da vida eterna que ele proclamava, ia agora dedicar-se aos gentios - processo este que seria repetido de cidade em cidade. Porém tão grande oposição foi levantada pelos judeus, que Paulo e Barnabé tiveram de deixar a cidade, todavia não antes que numerosos «tementes a Deus» confessassem a Cristo, formando ali uma igreja.

Prosélitos religiosos (43). Discute-se aqui se se trata de verdadeiros prosélitos ou "tementes a Deus"; se prevalecer a última hipótese (como sugere a palavra traduzida «religiosos», gr. **sebomenoi**), então este é o único lugar onde tais pessoas são chamadas **prosélitos**, termo este empregado em outros lugares no seu sentido restrito.

Vida eterna (46). Gr. **zoe aionios**, representando a expressão judaica "a vida da era por vir (a era ressurrecional)", que os crentes em Cristo recebem quando ainda vivem temporalmente na era presente.

Eu te constitui para luz dos gentios.... (47). Esta citação de um dos Cânticos do Servo (Is 49.6) implica que a missão do Servo do Senhor, inaugurada por Jesus, é continuada por Seus seguidores. Todos os que haviam sido destinados para a vida eterna (48); cf. o verso 46. O verbo traduzido «destinado» pode ter aqui o sentido de «inscritos», "arrolados". Cf. Ap 13.8; 17.8.

Atos 14

d) Icônio, Listra e Derbe (14.1-28)

A cidade seguinte a ser visitada foi Icônio, em cuja sinagoga, de igual modo, os apóstolos entraram, e como resultado de sua pregação grande número, tanto de judeus como de gentios, creu. Contudo não tardaram em ser forçados a deixar essa cidade, do mesmo modo como acontecera em Antioquia. Perseguidos todavia em uma cidade, fugiam para outra. Dirigiram-se a Listra, outra colônia romana, onde a cura de um aleijado, efetuada por Paulo, provocou uma explosão de entusiasmo religioso no meio da população nativa da Anatólia. Imaginando que a sua cidade fora outra vez favorecida com a visita do deus supremo e seu principal arauto, como constava na mitologia, prepararam-se para prestar honras divinas aos missionários. Pesquisas arqueológicas recentes revelaram que naquela região Hermes (Mercúrio) associava-se ao culto de Zeus (Júpiter).

Quando os apóstolos descobriram o que ia acontecer (o uso da língua licaônica impediu que eles se apercebessem logo da situação), com muita dificuldade conseguiram dissuadi-los daquilo, e Paulo aproveitou a ocasião para instruí-los na verdade acerca do único e verdadeiro Criador, que Se revelara na criação e na providência. Este curto sumário de seu discurso lembra a narrativa mais extensa de sua alocução em Atenas (17.22-31); e se no cap. 13 temos uma amostra dos sermões que Paulo pregava nas sinagogas, aqui temos uma amostra dos que ele pregava aos pagãos, a qual posta lado a lado do discurso de Atenas, como vem no cap. 17, e dos argumentos de Rm 1.18-2.16, mostra-nos a função própria da «revelação natural» como **praeparatio evangelica**.

A visita a Listra foi abreviada inesperadamente pela chegada de judeus de Antioquia da Pisídia e de Icônio, os quais insuflaram um tumulto, no qual Paulo, que fazia pouco havia sido aclamado como mensageiro dos Imortais, foi tratado brutalmente e expulso da cidade como morto. Quando reviveu (isto é narrado de tal modo que sugere uma intervenção miraculosa), dirigiram-se a Derbe, cidade vizinha. Depois de repetirem ali o seu programa e fundarem outra igreja, voltaram por Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia, encorajando os novos discípulos e consolidando as jovens igrejas com a designação de presbíteros em cada uma delas. Alguns missionários de hoje haveriam de considerar pouco prudente ordenar presbíteros, crentes “nativos”, recentemente convertidos do paganismo! Não devemos, porém, olvidar a coragem dos apóstolos em tornar a visitar cidades das quais não fazia muito haviam sido expulsos em circunstâncias tão afrontosas e com tamanha brutalidade. Daí rumaram ao litoral, pregando o evangelho no percurso, até que alcançaram Atália, onde embarcaram com destino ao rio Orontes e Antioquia da Síria. Veja-se o mapa na pág. 1123, que apresenta todo o itinerário da primeira viagem missionária.

Icônio (1). É o atual entroncamento ferroviário de Cônia, naquela época a cidade mais oriental da região frígia da província da Galácia.

Juntos (1), melhor dito "de igual modo" (como em Antioquia da Pisídia). O verso 2 recebeu nova redação no texto "ocidental", ficando da seguinte forma: "Mas os líderes e os chefes da sinagoga dos judeus insuflaram perseguição contra os justos, e indispuseram os gentios com os irmãos. Contudo o Senhor logo concedeu paz". Esta nova redação sem dúvida teve o intuito de abrandar a transição do verso 2 para o versículo 3, mas envolve uma perseguição dupla. O verso 2 é de fato parentético, preparando o caminho para o verso 5; a conjunção **entretanto** com que se inicia o verso 3 retoma o fio da narração, devendo traduzir-se "de modo que".

Pelos apóstolos (4). Barnabé não pertencia ao número dos doze mais do que Paulo, contudo, como este, era provavelmente uma testemunha da ressurreição, sendo eles ambos, em qualquer caso, comissionados (gr. **apostoloi**) da igreja de Antioquia da Síria.

Fugiram para Listra e Derbe, cidades da Licaônia (6); isto é, cruzaram a fronteira regional, da Frigia para a Licaônia, outra região da Galácia romana.

A Barnabé chamavam Júpiter, e a Paulo, Mercúrio (12). Os nomes dos deuses, dados por Lucas, são "Zeus" e "Hermes", formas gregas; **na língua licaônica** (11) empregaram sem dúvida nomes naturais da Anatólia. Um altar perto de Listra registra a consagração a Zeus de uma estátua de Hermes com nomes licaônicos; outro altar nas proximidades é dedicado ao «Ouvidor de orações» (presumivelmente Zeus) e a Hermes. A narrativa de Ovídio, de como ambos estes deuses foram recebidos hospitaleiramente e não reconhecidos por Filemom e Báucis, também tem por cenário estas localidades.

O principal portador da palavra (12). Hermes tinha um título semelhante a este nos mistérios egípcios.

O sacerdote de Júpiter, cujo templo estava em frente da cidade (13) (o templo de Zeus Própolis).

Para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo (15). Cf. 1Ts 1.9, onde há linguagem muito parecida.

O qual nas gerações passadas... (16). Cf. a referência aos «tempos da ignorância» em 17.30.

De Antioquia (19); isto é, Antioquia da Pisídia. **Apedrejando a Paulo** (19); cf. 2Co 11.25, "uma vez fui apedrejado".

Derbe (20); de uma palavra licaônica que significa "junípero".

Através de muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus (22); transição do discurso indireto para o direto. Traduzamos: "dizendo, Através de muitas tribulações...". Aqui "o reino de Deus" é algo a ser ainda realizado.

Atália (25); é a atual Antália, na foz das Cataratas; era o principal porto da Panfília.

Quantas coisas fizera Deus com eles (27); expressão enfática de serem os apóstolos simples agentes de Deus, ou mesmo seus instrumentos.

Não pouco tempo (28) (expressão idiomática característica de Lucas); provavelmente coisa de um ano.

e) A carta apostólica expedida pelo Concílio de Jerusalém (15.1-16.5)

Atos 15

1. A CARTA EXPEDIDA (15.1-29) - As igrejas fundadas por Paulo e Barnabé durante esta viagem são as da Galácia, às quais o apóstolo dirigiu a carta que se conhece. Não muito depois de ter deixado aquelas igrejas, surgiu uma crise no meio delas provocada pela atividade de judaizantes, que instavam sobre a necessidade de serem acrescentadas a circuncisão e a observância da lei cerimonial à fé em Cristo. Chegando a notícia desse fato aos ouvidos de Paulo em Antioquia, este escreveu-lhes uma carta urgente: "Admira-me que estejais passando **tão depressa**... para outro evangelho" (Gl 1.6). A Epístola, escrita num estado de excitação, revela sua amorosa ansiedade e temor de que esses filhos recém-nascidos sejam seduzidos, e deixem a simplicidade de

Cristo, bem como revela sua indignação contra aqueles que os perturbavam.

A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO

A mesma questão tornou-se de real importância em Antioquia também, por essa época. A missão gentílica, sediada em Antioquia, ia resultar predominantemente no estabelecimento de igrejas de igual modo gentílicas; e o partido judaico mais extremado de Jerusalém via que, se tinha de agir, então era preciso agir logo. E assim organizaram uma campanha, levada a efeito não só nas novas Igrejas da província da Galácia, como também na própria Antioquia, cidadela do Cristianismo gentílico, urgindo completa adoção da lei judaica por todos os cristãos, como condição indispensável de salvação e de comunhão com os seus irmãos judeus.

O que aconteceu em Antioquia vem descrito por Paulo em Gl 2.11 e segs. Os judaizantes faziam valer seu ponto de vista com tamanho vigor que até Pedro, que estava em Antioquia nesse tempo e sabia perfeitamente o que havia de certo e de errado naquele movimento, foi arrastado à aparência alarmante de uma «dissimulação», como Paulo chama, visto como se retraía da companhia dos cristãos gentios. Essa atitude, embora Pedro pudesse justificá-la sobre o fundamento de ser conveniente, ia produzir efeito desastroso. Até Barnabé inclinou-se a seguir-lhe o exemplo. Paulo enfrentou a situação com energia, acusando francamente a Pedro de dissimulação. Sua repreensão produziu salutar efeito; no Concílio de Jerusalém, que se seguiu, Pedro apoiou intransigentemente a argumentação de Paulo.

Mas o problema levantado pelos judaizantes tinha de ser discutido e resolvido, para que à Igreja Cristã se evitasse o risco de ser dividida, logo no seu início, em dois corpos, um judaico e outro gentílico. Então a igreja de Antioquia enviou delegados aos apóstolos e anciãos de Jerusalém, e ali o caso foi discutido amplamente por eles na reunião

conhecida por Concílio de Jerusalém. Apesar dos argumentos do partido farisaico da igreja, o peso da influência de Pedro, apoiada por Barnabé e Paulo, que narraram as bênçãos de Deus sobre a missão gentílica, e por fim o resumo judicioso de Tiago inclinaram a mente do Concílio na direção liberal.

Condição alguma se devia impor aos cristãos gentios para a salvação, ou para a admissão deles à plena fraternidade cristã, salvo aquela que Deus mesmo aceitara como suficiente, a fé em Cristo. Uma vez estabelecido esse princípio, foi mais fácil tratar da questão prática das relações sociais. Seria manifestamente um ato de cortesia e virtude da parte dos cristãos gentios respeitarem certos escrúpulos judaicos; e a decisão da reunião foi por conseguinte declarada numa carta que se escreveu à igreja de Antioquia e suas igrejas filhas, pedindo-lhes que se abstivessem dos alimentos sacrificados aos ídolos, do sangue e de carnes das quais o sangue não houvesse escorrido convenientemente (**animais estrangulados**) e que se conformassem com o elevado código de relações entre os sexos, divinamente estabelecido. É absurdo dizer, como alguns têm feito, que Paulo jamais teria aceitado tais condições para suas igrejas gentílicas. Quando princípios estavam em jogo, o apóstolo era inflexível; em caso contrário, não havia quem contemporizasse mais do que ele, havendo vários lugares em suas cartas onde insta com os seus convertidos e outros para que observem esse dever de respeitar os escrúpulos e a consciência alheia (cf. 1Co 8.1 e segs.; Rm 14.1 e segs.).

Alguns indivíduos que desceram da Judéia (1). Provavelmente os mesmos referidos em Gl 2.12, “alguns da parte de Tiago” (embora haja manuscrito que autorize a ler no singular: “alguém veio da parte de Tiago”). Cf. verso 24.

Alguns da seita dos fariseus, que haviam crido (5). Nada havia que impedisse um fariseu de aceitar a Jesus como Messias, conservando ao mesmo tempo os dogmas distintivos de sua seita, mas a tendência era tornar-se cristão de espírito legalista. (Paulo, naturalmente, era a grande exceção a essa tendência). **É necessário circuncidá-los e determinar-**

lhes que observem a lei de Moisés (5). Naturalmente os objetos dessa determinação eram os convertidos gentios. Não está claro se a "necessidade" aí era "para a salvação em absoluto", ou se era "necessário para obter o reconhecimento dos cristãos judeus e a confraternização com eles". Provavelmente esses fariseus consideravam isso uma distinção sem diferença.

Então se reuniram os apóstolos e os presbíteros (6). Parece do verso 12 (toda a multidão) que outros membros da igreja de Jerusalém estavam presentes, embora a deliberação e a decisão coubessem aos líderes.

Que os gentios ouvissem por meu intermédio a palavra do evangelho (7); é referência ao caso de Cornélio (ver o cap. 10).

Concedendo o Espírito Santo a eles, como também a nós nos concedera (8); cf. 10.47; 11.15-17.

Purificando-lhes pela fé os corações (9). "Purificando", como concedendo no verso 8, é no grego um particípio aoristo simultâneo, e ambos os particípios denotam o mesmo evento: quando aqueles gentios creram no evangelho, o Espírito Santo desceu sobre eles, purificando-lhes os corações (cf. 10.15, "o que Deus purificou").

Um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós (10). As obrigações da religião judaica são mencionadas freqüentemente como "jugo" pelos rabinos (cf. as palavras de Jesus, "meu jugo", Mt 11.29-30). As palavras de Pedro expressam provavelmente a atitude geral da plebe judaica para com a praticabilidade da guarda da lei.

Mas cremos... (11). Este verso provavelmente significa: "Mas pela graça do Senhor Jesus somos salvos pela fé, assim como eles".

Falou Tiago, dizendo (13). Tiago parece ser reconhecido, por essa época, como líder da igreja de Jerusalém, e um que fazia jus à lealdade dos legalistas.

Simão (14), isto é, Pedro; Simeão expressa mais corretamente o heb. **Shim'on**, do que Simão.

Constituir dentre eles um povo para o seu nome (14); dentre os gentios, isto é, tanto quanto dentre os judeus. Tem-se atribuído a este verso uma significação "dispensacional" exagerada, além das implicações do seu contexto.

Conferem com isto as palavras dos profetas (15). A principal citação é de Am 9.11-12 (LXX), com adições no princípio e no fim. Como a presença dos crentes judeus na Igreja cumpriu a predição da restauração do tabernáculo de Davi, assim a presença nela dos crentes gentios cumpriu a alusão de Amós (LXX) aos "demais homens" e a "todos os gentios".

Diz o Senhor... (17). As palavras que se seguem e terminam a citação devem ser lidas: "que faz estas coisas conhecidas desde o princípio do mundo" (RV); cf. Is 45.21.

Que se abstenham (20). No Texto Recebido, que deve ser mantido, as condições declaradas para relações sociais consistem nas principais leis da alimentação; a fornicação, proibida aqui, pode denotar infrações da lei judaica do matrimônio, como está em Lv 18 (a fornicação em sentido geral, era em qualquer caso absolutamente proibida a todos os cristãos).

O texto "ocidental", aqui e no verso 29 (e 21.55), converte estas condições em regulamentos éticos - abstinência da idolatria, fornicação (em sentido geral) e derramamento de sangue - acrescentando uma forma negativa da regra áurea: "não façam aos outros o que não querem que se lhes faça". A lição "ocidental" reflete uma época em que a controvérsia judaizante não mais existia e estava esquecida.

Porque Moisés, desde tempos antigos... (21), isto é, não há perigo de ser esquecida a lei mosaica, visto como regularmente é dada a conhecer nas sinagogas, através de todo o mundo gentílico.

Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós (28). A consciência que têm de estarem possuídos do Espírito é tão completa que a comunidade é considerada como o Seu porta-voz ou veículo.

2. A CARTA É RECEBIDA (15.30-16.5) - A carta foi levada a Antioquia por dois cristãos de Jerusalém, Judas e Silas, que acompanharam de volta os delegados daquela cidade. O recebimento da carta em Antioquia causou grande satisfação.

Então Paulo e Barnabé concordaram em fazer nova visita às igrejas evangelizadas em sua primeira viagem, porém discordaram a respeito de Marcos. Barnabé recusou dispensar a companhia de seu primo; o desfecho da dissensão foi que, em vez de uma só excursão missionária, houve duas: Barnabé e Marcos indo outra vez a Chipre, enquanto Paulo tomou a Silas, que tinha a dupla vantagem de ser membro da igreja de Jerusalém e ser cidadão romano, e com ele saiu a percorrer as cidades da Ásia Menor, visitadas na primeira viagem, entregando às igrejas, cópias do decreto apostólico.

Em Listra juntou-se-lhes Timóteo, a quem Paulo circuncidou para que fosse mais útil na obra do evangelho. Pessoas há de mentalidade acanhada que, diante disso, acusam o apóstolo de incoerência (ou, por outra, negam a veracidade da declaração de Lucas); porém Paulo se ateve, de fato, a uma coerência superior, descrita em 1Co 9.19-23. Ele combatia qualquer idéia de ser necessário os cristãos se circuncidarem a fim de completarem a sua salvação; o caso, porém, é que Timóteo fora criado por sua mãe e sua avó, que eram judias, para ser um judeu religioso em todo o sentido, exceto quanto à circuncisão. Para os gentios ele era, portanto, judeu, mas para os judeus, era gentio porque, sendo seu pai grego, não fora circuncidado. Por conseguinte, a fim de regularizar sua situação, Paulo o circuncidou; era melhor que ele fosse distintamente uma coisa ou outra, do que manter uma posição ambígua.

Mas pareceu bem a Silas permanecer ali (34). Este verso, tomado pelo Texto Recebido ao texto «ocidental», não consta do original; contradiz o verso 33, porém foi interpolado num esforço por explicar por que Silas aparece outra vez em Antioquia no verso 40; entretanto, é fácil supor que Paulo mandou chamá-lo em Jerusalém.

Houve tal desavença (39); lit. "houve tal atrito" (gr. **paroxysmos**). É ocioso censurar um ou outro apóstolo; o progresso posterior de Marcos provou que Barnabé tivera razão por seu lado, mas provavelmente Marcos não teria progredido assim na companhia de Paulo.

Paulo, tendo escolhido a Silas... (40). Este é chamado Silvano nas Epístolas paulinas e em 1Pe 5.12. Parece, à vista de 16.37, que ele, como Paulo, era cidadão romano.

Síria e Cilícia (41). A dupla província, mencionada no v. 23.

Atos 16

Havia ali um discípulo (16.1); isto é, em Listra, fator comum nas expressões **Derbe e Listra** (1), e **Listra e Icônio** (2). **Uma mulher judia** (1). É chamada Eunice em 2Tm 1.5. Sobre o seu casamento "misto", Ramsay sugere que os judeus frígios eram menos exclusivistas do que os da Palestina.

V. EVANGELIZAÇÃO DAS PRAIAS DO MAR EGEU - 16.6-19.14

a) Passando à Europa: o Evangelho em Filipos (16.6-40)

Quando caminhavam na direção de Éfeso, tiveram consciência de várias inibições, procedentes do céu, que lhes barraram aquela estrada, fazendo-os mudar de rumo para o norte, até que se acharam no porto de Trôade, sobre o mar Egeu, outra colônia romana, onde novo companheiro se lhes juntou, Lucas, o escritor da narrativa.

Em Trôade Paulo teve de noite uma visão que levou todo o grupo a concluir que Deus os chamava para atravessarem na direção da Europa e evangelizá-la. E assim cruzaram o Egeu, pelo norte, e desembarcaram em Neápolis, na Macedônia, hoje chamada Cavala, e avançaram pelo interior, à colônia de Filipos, onde ficaram, visto Paulo conhecer quanto valia estabelecer uma igreja ali, perto do término oriental de grande

estrada romana, a Via Egnatia, que ligava o Egeu ao Adriático. A importância da cidade, como colônia romana, talvez estivesse na mente de Paulo quando, mais tarde, lembrou ele aos cristãos filipenses serem eles “uma colônia do céu” (Fp 3.20).

Parece que não havia sinagoga em Filipos, presumivelmente devido à falta do mínimo requerido de dez homens; contudo dirigiram-se à margem do rio Gangites, **onde se costumava fazer oração**, e falaram às mulheres que ali estavam reunidas. Uma destas, Lídia de Tiatira, negociava com púrpura, artigo este com o qual sua cidade natal havia muito se celebrizara. Quando ouviu o evangelho, creu, foi batizada juntamente com os seus e persuadiu os quatro missionários a se hospedarem em sua casa.

Lídia é a primeira de três pessoas em Filipos, cuja experiência do poder de Cristo em suas vidas se menciona de modo especial. Essas três pessoas são de tal maneira diferentes entre si que é bem possível terem sido escolhidas de propósito para se mostrar como esse poder de Cristo era capaz de trazer paz e livramento aos tipos mais diferentes de indivíduos. A segunda pessoa foi uma jovem escrava, adivinhadora, que teimava em gritar atrás de Paulo e seus amigos, pelas ruas de Filipos, dando um testemunho que ninguém havia encomendado, até que Paulo, no Nome de Cristo, exorcizou o espírito de que estava possessa. Infelizmente, no entender dos senhores da moça, Paulo exorcizara ao mesmo tempo os meios de vida deles, e isto resultou em Paulo e Silas serem arrastados à presença dos pretores - denominação pomposa pela qual os dois principais magistrados desta e de outras colônias romanas gostavam de se chamar - com a queixa: «Estes homens, sendo judeus, perturbam a nossa cidade, propagando costumes que não podemos receber nem praticar porque somos romanos». É digno de nota que nas duas principais ocasiões, nos Atos, em que os gentios se opõem ao evangelho, fazem-no porque este ameaça interesses financeiros, sendo que a outra vez ocorreu em Éfeso.

Paulo e Silas foram detidos não somente porque eram os líderes do grupo, como também possivelmente por parecerem mais judeus do que Timóteo, que era grego pelo lado paterno, ou Lucas, que provavelmente era grego de todo. Os pretores, sem procurarem averiguar cuidadosamente as alegações feitas, mandaram que os dois homens fossem açoitados com as varas dos lictores, que eram assistentes dos magistrados veteranos, e fossem encarcerados com segurança. Todavia, enquanto os dois missionários louvavam a Deus em voz alta, à meia noite, apesar de sua posição forçada e dolorosa, um terremoto soltou as barras da prisão e as algemas dos presos. O carcereiro, provavelmente ex-soldado, acordou no espírito assim como no corpo, e pela preservação de sua vida como pela salvação de sua alma reconheceu-se devedor aos homens a quem, poucas horas antes, houvera metido no tronco.

Os pretores, na manhã seguinte mandando soltar os presos, verificaram que o feitiço virara contra os feiticeiros, uma vez que vieram a saber o que na excitação da véspera tinham deixado de averiguar, isto é, que aqueles homens eram cidadãos romanos, e por conseguinte legalmente protegidos contra o tratamento vergonhoso a que tinham sido submetidos. Assim, tiveram de passar pela humilhação de cerimoniosamente retirar da prisão os dois missionários. Logo depois Paulo, Silas e Timóteo se retiraram da cidade, ao que parece deixando Lucas para ajudar a novel igreja que depressa se tornou digna de imitação.

Região frígio-gálata (6). Rumaram ao norte, depois que o caminho para a província da Ásia lhes fora impedido. A primeira intenção deles provavelmente fora percorrer a principal estrada na direção do oeste para Éfeso.

O Espírito não lho permitiu (7). Leia-se “o Espírito de Jesus” (ARA).

Um varão macedônio (9). É ocioso inquirir como Paulo soube que se tratava de um macedônio; as palavras, **Passa à Macedônia e ajuda-nos**, foram bastantes para identificá-lo.

Imediatamente procuramos partir (10). Tais palavras assinalam o princípio da primeira "seção do pronome **nós**" neste livro de Atos, a qual vai até o verso 17.

Filipos (12); tomou o nome de Filipe da Macedônia, que a reedificara como cidade fortificada, cerca de 350 A. C. Foi feita **colônia** romana quando Antônio e Otaviano ali estabeleceram seus veteranos, após a batalha de Filipos em 42 A.C.

Primeira cidade desta parte da Macedônia (12). Leia-se "cidade do primeiro distrito da Macedônia" (a Macedônia fora dividida pelos romanos em quatro áreas administrativas).

Possessa de espírito adivinhador (16), lit. «pitonisa». Supunha-se que os tais possessos eram inspirados de Apolo, o deus "pítio", cujo principal oráculo ficava em Delfos (também chamado Pitom), onde se acreditava que ele estava encarnado numa serpente ("Pitom").

Servos do Deus Altíssimo, que nos anunciam o caminho da salvação (17). Estas frases religiosas eram correntes tanto nos meios gregos como nos judaicos naquele tempo. Entre os gentios a "salvação" (gr. **soteria**) era objeto de muitas promessas e orações ao "Deus Altíssimo" (gr. **theos hypisistos**) e a outros "deuses salvadores" (gr. **theoi soteres**), e era oferecida aos iniciados das religiões de mistérios.

Os magistrados (20); mais exatamente "pretores" (que é o sentido do grego **strategoi**, usado como título civil). Eram os dois magistrados colegiados mais antigos da colônia. O termo grego mais geral para magistrados (**archontes**) traduz-se por **autoridades** no final do verso 19.

Mandaram açoitá-los com varas (22). Cf. 2Co 11.25, onde Paulo diz que recebeu este tratamento em duas outras ocasiões. As varas eram as que os assistentes dos pretores, chamados lictores, conduziam em feixes (**asces**) como distintivos do cargo.

Prendeu-lhes os pés no tronco (24). Este era um instrumento de tortura, tanto quanto de segurança, pois tinha mais de duas aberturas para as pernas, que podiam assim ser forçadas para um e outro lado, causando grande incômodo e sofrimento.

Paulo e Silas oravam e cantavam a Deus (25). «As pernas nada sentem no tronco, quando o coração está no céu», disse Tertuliano.

Ia suicidar-se (27); visto que, presumivelmente, era responsável pela segurança dos prisioneiros, não podendo nem um terremoto eximi-lo dessa responsabilidade.

Todos aqui estamos (28). Isto sugere que os dois missionários foram capazes de exercer algum domínio moral sobre os outros detentos. O carcereiro e seus movimentos podiam ser vistos de dentro da prisão, projetada sua silhueta no vão da porta, embora ele não visse os prisioneiros, mergulhados que estavam na escuridão.

Que devo fazer para que seja salvo? (30). É difícil dizer o que ele quis significar com tais palavras, mas a salvação que recebeu foi completa, como resultado de aceitar a **palavra de Deus** (32).

Lavou-lhes os vergões dos açoites e foi batizado (33). "Lavou-lhes os vergões e foi lavado ele mesmo dos seus pecados" (Crisóstomo).

Com todos os seus (34); toda esta frase é um advérbio no grego (**panoikei**), que modifica os verbos **alegrar-se** e **crer**. Quanto a toda a sua casa tornar-se cristã cf. as histórias de Cornélio (11.14), de Lídia (16.15), e de Crispo (18.8).

Quadrilheiros (35), isto é, os lictores; lit. os "porta-varas" (gr. **rhabdouchoi**).

Sem ser sentenciados (37); gr. **akatakritos**, que provavelmente representa aqui a expressão latina **re incognita**, "sem investigarem nosso caso". Havia uma série de leis (as leis Valerianas e Porcianas) que isentavam os cidadãos romanos de todas as formas degradantes de castigo.

Rogaram que se retirassem (39). Não podiam expulsar cidadãos romanos de uma cidade romana, mas apenas solicitar que se retirassem. A responsabilidade de proteger dois cidadãos romanos não benquistos era aparentemente mais pesada do que se sentiam capazes de tomar sobre si.

Atos 17

b) Tessalônica e Beréia (17.1-15)

Paulo e seus companheiros continuaram viagem ao longo da estrada Egnácia rumo a Tessalônica, capital da Macedônia, onde permaneceram o tempo bastante para ali fundarem nova igreja. A mensagem que resultou na fundação dessa igreja vem declarada em 1Ts 1.9-10. Porém depois que Paulo expôs o evangelho na sinagoga por três sábados seguidos, mostrando à luz de leituras bíblicas que Jesus era o Messias, os judeus que se lhe opuseram, acusaram-no perante os politarcas - nome dado aqui e em numerosas inscrições aos principais magistrados desta e de algumas outras cidades macedônicas. Paulo precisou deixar a cidade às pressas, talvez porque Jasom, seu hospedeiro, teve de prestar fiança para que ele se ausentasse. Prosseguindo na direção do sul, veio ter a Beréia, e encontrou aí a respectiva comunidade judaica mais tratável do que a de Tessalônica; contudo os judeus tessalonicenses foram ao seu encalço e ali excitaram o povo contra ele. Assim teve de ser acompanhado por irmãos, desde Beréia a Atenas, onde esperou por Silas e Timóteo, que tinham ficado atrás. (O curso dos acontecimentos nesta conjuntura deve ser reconstituído comparando-se esta passagem de Atos com 1Ts 2.17-3.8).

Anfípolis (1), cabeça de ponte à margem do Struma, e **Apolônia**, entre o Struma e o Vardar, eram cidades macedônicas servidas pela estrada Egnácia. **Tessalônica** (1), feita cidade livre pelos romanos em 42 A. C., era a capital da província romana da Macedônia.

Expondo e demonstrando (3); isto é, expondo as Escrituras proféticas e colocando-as lado a lado dos acontecimentos históricos recentes que as cumpriram.

Convinha que o Cristo padecesse... (3).É expressão enfática, veja-se Lc 24.26,46.

Gregos piedosos (4); isto é, “tementes a Deus”.

Magistrados da cidade (6). Gr. **politarchai**, palavra esta que não se encontra na literatura clássica, porém é atestada em epígrafes. Tessalônica era governada por uma junta de cinco de tais magistrados, daquele modo denominados na era Augusta.

Estes que têm transtornado o mundo (6). A palavra (gr. **anastatoo**) sugere agitação revolucionária subversiva. **Outro rei** (7); "outro imperador". A acusação, como foi formulada, era seríssima e não podia deixar de ser considerada.

Após terem recebido deles a fiança estipulada (9). Jasom e seus associados ficaram como fiadores da conduta de Paulo, que neste caso envolvia seu afastamento de Tessalônica, situação esta referida em 1Ts 2.18.

Beréia (10). Cidade da Tessália.

Mais nobres (11); isto é, mais liberais ou de espírito franco, arejado.

Fosse como para o mar (14); melhor, "até ao mar", talvez a Metone ou Dium, onde embarcou para o Pireu, porto de Atenas.

c) Paulo em Atenas (17.16-34)

A permanência de Paulo em Atenas é relatada por Lucas de modo tal que os estudantes clássicos reconhecem ser verdade o que ele narra. Vários séculos antes, essa cidade fora censurada pelos seus estadistas por se interessar mais em ouvir contar novidades do que em atender a assuntos de maior importância (cf. 17.21). Nada se diz da apreciação estética de Paulo a respeito das esculturas de Fídias, ou de algum sentimento suscitado no peito desse campeão da liberdade cristã, uma vez que sabia estar diante do berço da democracia. Para ele a vista da bela cidade de Cécrope, tão cheia de ídolos, era dolorosa. Aqui dissertou não somente entre os judeus na sinagoga, como também entre os atenienses na praça, a Ágora, centro da vida ateniense, onde disputou com os adeptos das duas ilustres escolas, estóicos e epicureus, aqueles

buscando a auto-suficiência como o mais elevado bem, os últimos buscando o prazer. A esses Paulo pareceu como **pregador de estranhos deuses** (18), pelo que o levaram à Corte do Areópago a fim de expor o seu ensino.

Essa era a instituição mais antiga de Atenas, fundada, segundo a tradição, havia mais de mil anos pela padroeira da cidade, a deusa Atena. Quando Atenas se tornou uma democracia no quinto século A. C., grande parte do poder dessa Corte foi abatida, porém ela conservou grande prestígio moral, que tendia a crescer sob os romanos. Há evidência de que por esse tempo uma de suas funções era examinar e licenciar preletores públicos.

O discurso de Paulo perante aquela corporação, como vem narrado por Lucas, seguiu uma orientação não diferente daquela do discurso proferido em Listra (14.15-17). Começando com uma referência a um altar dedicado AO DEUS DESCONHECIDO (tipo de consagração de altar em Atenas testificado por outros escritores), Paulo declarou que sua missão era fazer conhecido deles esse Deus desconhecido. E prosseguiu na descrição da obra divina da criação e da providência, usando linguagem tomada de empréstimo a alguns dos poetas gregos, como Epimênides de Creta (**Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos**) e Arato da Cicília (**Porque dele também somos geração**).

Paulo então argumentou que Deus não devia ser adorado segundo o sistema idolátrico de Atenas e do mundo pagão em geral; e que, embora até então Ele tivesse dissimulado a ignorância dos homens, agora mudara de proceder, ordenando a todos, em todo lugar, que se arrependessem, em vista do juízo vindouro do mundo, do qual fora dada uma prova pública, visto que o Homem designado para executar esse juízo tinha ressurgido dos mortos. (Quanto a esta ênfase sobre a varonilidade de Cristo em conexão com a Sua função de juiz do mundo, cf. Dn 7.13; Jo 5.27). O auditório escutou com bastante interesse até Paulo falar na ressurreição. Isto agora é que não puderam suportar. A imortalidade da alma era um lugar-comum de suas diversas escolas

filosóficas, mas a ressurreição do corpo era para eles tão absurda quanto indesejável. Ainda hoje é uma pedra de tropeço para muitos, tanto quanto o era para os atenienses, todavia é parte integrante da fé cristã.

Tão dada à idolatria (16); isto é, cheia de templos e imagens de divindades pagãs.

Gentios piedosos (17); isto é, «tementes a Deus». **Epicureus** (18). Estes tomavam o nome de Epicuro, fundador dessa escola (341-270 A. C.). Os **estóicos**, ou seguidores da doutrina do Pórtico, eram assim chamados do Pórtico Colorido (colunata) onde Zenão, seu fundador (340-265 A. C.) ensinava os seus discípulos.

Tagarela (18); gr. **spermologos**, mascate intelectual, camelo de filosofia de segunda-mão (termo de gíria característica dos atenienses). **Jesus e a ressurreição** (18). Estes nomes podiam ter sido entendidos pela plebe de Atenas como pertencentes a duas novas divindades.

Areópago (19). Aqui não se refere a lugar, mas à corporação de homens, a Corte do Areópago.

Pois todos os de Atenas.... de outra coisa não cuidavam senão dizer ou ouvir as últimas novidades (21). Vários exemplos desta caracterização dos antigos atenienses podem-se achar na literatura clássica.

Areópago (22); aqui como no verso 19 não é o lugar, sim a corporação de homens.

Um tanto supersticiosos (22), ou «muito religiosos». AO DEUS DESCONHECIDO (23). Sobre isto veja-se **The Areopagus Address**, de N. B. Stonehouse, págs. 15 e segs.

Sem conhecer (23), isto é, confessando que Ele vos é desconhecido.

Não habita em templos feitos por mãos (24). Cf. 7.48, e veja-se **The New Temple** de R. A. Cole. Nas palavras do verso 25 os epicureus achariam confirmação para o seu ponto de vista de que o divino Ser não precisava de nada que os homens pudessem dar e os estóicos, por sua vez, para a sua idéia de que Ele é a fonte de toda a vida.

De um sangue fez... (26). Os melhores textos omitem "sangue" (ver a ARA; a referência então será ao "único homem", de quem, na Bíblia, todos descenderam. Isto contraditava a crença querida dos atenienses de terem eles brotado do solo da Ática.

Havendo fixado os tempos... e os limites da sua habitação (26). Cf. Dt 32.8.

Pois nele vivemos, e nos movemos... (28). Esta citação de Epimênides é interessante por várias razões. Uma era que, na lenda grega, ele teria aconselhado a ereção de «altares anônimos» em Atenas e seus arredores; outra é que mais um verso do mesmo contexto é citado em Tt 1.12.

No contexto referido, Epimênides dirige-se ao Deus Supremo, dizendo:

> Modelaram um túmulo para Ti, ó santo e elevado,
> Os cretenses, sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos
> Porém Tu não estás morto; para sempre Te ergueste e vives,
> Pois em Ti vivemos, e nos movemos, e existimos.

Não levou em conta (30); cf. Rm 3.25, "deixou impunes os pecados anteriormente cometidos".

Há de julgar o mundo com justiça (31); baseado em passagens do Velho Testamento como Sl 96.13. **Varão que destinou** (31); cf. 10.42.

Quando ouviram falar de ressurreição de mortos (32). O tragediógrafo Ésquilo tinha apresentado o deus Apolo a dizer, na ocasião em que a Corte do Areópago fora fundada pela deusa Atena, padroeira da cidade, "Porém quando a terra embeber o sangue de um homem, uma vez este morto, não haverá ressurreição" (a mesma palavra grega **anastasis** Paulo usou em sua pregação). Esse, aos olhos dos atenienses, era maior autoridade do que Paulo.

Dionísio, o areopagita (34). Membro da Corte do Areópago. A coleção de literatura neoplatônica, atribuída a este Dionísio, foi produzida com efeito vários séculos depois de sua época.

Atos 18
d) Paulo em Corinto (18.1-28)

1. FUNDAÇÃO DA IGREJA (18.1-17) - Paulo mudou-se depois para Corinto, grande cidade comercial com um ancoradouro duplo. Depois de sua destruição pelo general romano Múmio em 146 A. C., ficou em ruínas durante cem anos, até que em 46 A. C. Júlio César a reedificou como colônia romana. Por muito tempo gozara indesejável fama de baixa moralidade, e só foi com dificuldade que a igreja, em breve a ser ali fundada, manteve em xeque essa moral baixa. Entretanto Paulo conhecia a importância de deixar naquela cidade forte «célula» da nova comunidade, pelo que passou ali dezoito meses. Lá encontrou Áquila e sua mulher Priscila, que lhe prestaram tanto auxílio em seus subsequentes trabalhos.

A princípio, com algum êxito, fez da sinagoga local a base de suas operações, todavia quando a oposição judaica tornou impossível continuar lá, valeu-se da hospitalidade de Tício Justo, um «temente a Deus» que morava numa casa contígua à sinagoga. (Ramsay supôs, provavelmente com razão, que o nome completo desse cidadão era Gaio Tício Justo, sendo ele o “Gaio, meu hospedeiro”, referido por Paulo em Rm 16.23, o mesmo de 1Co 1.14).

À proporção que Paulo anunciava as boas novas em Corinto, muitos creram, inclusive o principal da sinagoga, Crispo (cf. 1Co 1.14). Seus opositores judeus, porém, não esmoreceram nos esforços por embaraçar-lhe os passos, e logo o acusaram, perante Júnio Gálio, procônsul romano da Acaia, de propaganda religiosa ilegal. Gálio é um tipo interessante; era irmão muito estimado de Sêneca, o filósofo estóico e tutor de Nero. Há inscrição que mostra ter ele governado a Acaia de 51

a 52. Ouviu as alegações capciosas dos acusadores de Paulo. Se este houvesse infringido a lei romana - disse ele - atendê-los-ia, mas como a questão parecia concernir só às crenças e interpretações judaicas, estava fora de sua jurisdição. Ramsay frisa a importância da decisão de Gálio, como precedente de que outros governadores se serviram, e como sinal para o apóstolo de que se podia confiar que o governo romano protegeria a liberdade dos pregoeiros cristãos, e nessa confiança mais tarde ele próprio apelou para César.

A cena que se seguiu à repulsa dos judeus por parte de Gálio, com o espancamento do principal da sinagoga pelo populacho grego, mostra como o sentimento antijudaico estava, já naqueles dias, à flor da pele. Se este Sóstenes é o mesmo de 1Co 1.1, então, como o seu antecessor Crispo, veio a tornar-se cristão. Outro eminente coríntio convertido foi Erasto, tesoureiro da cidade (Rm 16.23), cujo nome foi identificado, com muita probabilidade, numa inscrição coríntia.

Ponto (2). Província do norte da Ásia Menor, na costa meridional do mar Negro. **Priscila** (2); forma diminutiva e familiar do seu nome. Paulo refere-se regular e mais formalmente a ela como «Prisca». **Cláudio decretara que todos os judeus se retirassem de Roma** (2); todos os judeus, isto é, que não eram cidadãos romanos. Segundo Suetônio, foram expulsos "porque constantemente estavam em tumulto, à instigação de Cresto", provavelmente uma alusão canhestra às disputas entre judeus cristãos e não-cristãos em Roma. A expulsão pode ser datada de 49-50 mais ou menos.

Faziam tendas (3). A palavra pode significar, mais amplamente, "trabalhadores em couro". Considerava-se conveniente um rabino exercer uma profissão de trabalho manual, de modo a não tirar lucro monetário de sua sagrada função de mestre.

Todos os sábados (4). O texto "ocidental" acrescenta, "inserindo o nome do Senhor Jesus" (isto é, como um desenvolvimento interpretativo das leituras feitas nos profetas).

Foi constrangido no espírito (5); melhor, "devotou-se inteiramente à pregação", sendo supridas suas necessidades materiais por donativos que Silas e Timóteo trouxeram das igrejas da Macedônia.

Blasfemando (6). "Falando mal do nome de Jesus".

Que servia a Deus (7); isto é, um temente a Deus.

Com toda a sua casa (8). Cf. 11.14; 16.15,31 e segs.

Ninguém ousará fazer-te mal (10). Esta promessa cumpriu-se no fracasso do ataque descrito nos vv. 12-17.

Um ano e seis meses (11). Provavelmente do outono de 50 à primavera de 52.

Quando Gálio era procônsul da Acaia (12). Cf. 13.7,12; 19.38. Uma Inscrição em Delfos, registrando uma proclamação de Cláudio, oferece a probabilidade de Gálio ter sido nomeado para o seu pro-consulado em julho do ano 51. A província romana da Acaia incluía toda a Grécia ao sul da Macedônia.

Este persuade os homens a adorar a Deus por modo contrário à lei (13); isto é, propaga uma **religio illicita**, um culto que não tem licença da lei romana para ser divulgado.

Não quero ser juiz dessas coisas (15). Antes a oposição judaica recorreu a tumultos do populacho, ou aos magistrados das cidades; agora tenta influenciar um tribunal mais alto, o magistrado provincial, contra os apóstolos. A decisão de Gálio, de ser o evangelho uma forma do Judaísmo, que era uma religião especificamente protegida pelo direito romano, não logrou validade indisputada por muitos anos, mas como um precedente proporcionou proteção ao Cristianismo por dez anos, tempo este de importância vital e decisiva.

Gálio não se incomodava com estas coisas (17); Isto é, fechou os olhos ao procedimento da turba pagã, que secundou a repulsa dos judeus do local por parte do procônsul, atacando um dos seus principais representantes.

2. PAULO DEIXA CORINTO E APOLO APARECE (18.18-28) - Na primavera de 52 Paulo deixou Corinto para fazer rápida visita a Jerusalém, durante a páscoa. De caminho passou em Éfeso, porém aí desta vez não pôde demorar, apesar do convite insistente da sinagoga. No entanto, prometeu voltar e cumpriu esta promessa no outono. Nesse ínterim grande interesse foi despertado na sinagoga de Éfeso por um judeu alexandrino, chamado Apolo, muito versado nas Escrituras do Velho Testamento e também na história de Jesus, a qual, sendo por ele cotejada com essas Escrituras, convenceu-o de que Jesus era de fato o Messias; e com a sua argumentação poderosa expunha seu ensino na sinagoga. Áquila e Priscila, que acompanharam a Paulo de Corinto a Éfeso, ouviram-no e, como ele só conhecesse o batismo de João, ensinaram-lhe o caminho do Senhor com maior precisão, tirando assim proveito do ensino que eles mesmos receberam de Paulo. Procurando Apolo prosseguir viagem para a Grécia, os irmãos recomendaram-no à igreja de Corinto. E tão poderosa foi a assistência por ele prestada aos cristãos dali que Paulo lhes pôde escrever depois: «Eu plantei, Apolo regou» (1Co 3.6). Embora alguns coríntios procurassem fazer dele um cabeça de partido rival de Paulo, é claro que não havia sentimento de oposição entre os dois (cf. 1Co 16.12).

Tendo raspado a cabeça em Cencréia, porque tinha voto (18); isto é, Paulo. Tratava-se de voto temporário de nazireu, talvez em ação de graças pelas promessas dos vv. 9,10. Cf. At 21.23-24. Cencréia era o porto oriental de Corinto, no mar Egeu: cf. Rm 16.1.

Éfeso (19). Antiga cidade grega; nessa época era capital da província da Ásia e principal centro comercial da Ásia Menor.

É-me necessário em todo o caso guardar em Jerusalém a festa que se aproxima (21). É uma adição “ocidental” ao texto original, mas sem dúvida apresenta a verdadeira razão da partida apressada de Paulo. A festa provavelmente era a páscoa, que no ano 52 A. D. caiu no princípio de abril, e como os mares ficaram fechados à navegação até 10 de março, havia pouco tempo a perder. **Atravessando... a região da**

Galácia e Frígia, em nova visita às igrejas fundadas em sua primeira viagem missionária pela Ásia Menor.

Natural de Alexandria (24) e talvez por isso dado à interpretação alegórica das Escrituras, como Filo. **Homem eloqüente** (24); ou "homem instruído".

Fervoroso de espírito (25), isto é, cheio de entusiasmo. **As coisas do Senhor** (25); isto é, os fatos narrados no evangelho acerca de Jesus. **Conhecendo apenas o batismo de João** (25). O conhecimento que possuía do evangelho é possível que ele o tivesse adquirido de fonte galiléia, antes que dos apóstolos de Jerusalém.

Querendo ele passar à Acaia (27). De acordo com o texto «ocidental», alguns visitantes coríntios em Éfeso ouviram-no aí e persuadiram-no a acompanhá-lo de volta a Corinto.

Atos 19

e) Éfeso e a província da Ásia (19.1-41)

1. EVANGELIZAÇÃO DE ÉFESO (19.1-20) -- Havendo feito sua visita à Palestina, Paulo voltou por terra a Éfeso e aí permaneceu por mais ou menos dois anos e meio, do outono de 52 à primavera de 55. Realizou naquela cidade grande trabalho que se irradiou a outras da Província da Ásia, como Colossos, Laodicéia e Hierápolis. O efeito da pregação é retratado com vivacidade por Lucas em alguns camafeus. Primeiro encontramos os doze «discípulos» que só conheciam o batismo de João e nunca haviam ouvido falar do Espírito Santo; talvez fossem fruto da pregação de Apolo no seu início. Depois temos o afastamento de Paulo da sinagoga para o salão de aula de Tirano onde, segundo uma tradição textual, prelecionava diariamente das onze da manhã às quatro da tarde, durante o calor do dia, depois de gastar presumivelmente as primeiras horas da manhã no ofício de fabricar tendas. As obras poderosas efetuadas mediante Paulo em Éfeso ocasionaram choques com os mágicos locais, descrevendo Lucas com brilho o caso dos filhos de

Ceva. A incineração dos rolos de pergaminho dos mágicos faz-nos lembrar que tais rolos se relacionaram tão intimamente com Éfeso no mundo antigo que se chamaram comumente **Ephesia grammata**, "cartas efésias".

Tendo passado pelas regiões mais altas (1). Paulo em vez de tomar o principal caminho de Éfeso, pelos vales Licus e Meandro, parece que tomou uma estrada mais ao norte, alcançando a cidade pelo lado setentrional do monte Messógis. **Discípulos** (1). Esta palavra estando desacompanhada de outras que lhe modifiquem o sentido, não significa "discípulos de João", e sim "discípulos de Jesus", quaisquer que fossem as falhas do conhecimento que tinham.

Nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo (2), referência especial ao Espírito Santo como fora enviado no Pentecostes com manifestação exterior (regularmente é assim nos Atos).

Certamente João batizou... (4); cf. 1.5-11.16. **Que cressem naquele que vinha depois dele** (4); cf. Jo 1.26 e segs., 3.25 e segs. Há impressionante concordância entre João e Atos, quando falam de João Batista e do Espírito Santo.

Foram batizados em o nome do Senhor Jesus (5). É a mesma expressão de 8.16. Este é o único exemplo de rebatizar-se alguém, registrado no Novo Testamento.

E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo (6), como acontecera aos convertidos samaritanos em 8.17.

A TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA DE PAULO

Falando mal do Caminho (9), isto é, do evangelho, como em 9.2. **Disputando** (9); melhor, "promovendo discussões" (gr. **dialegomai**). **Na escola de um certo Tirano** (9), de tanta utilidade em Éfeso como a casa de Tício Justo em Corinto. O texto "ocidental" acrescenta «desde a quinta à hora décima», na folga do meio-dia, quando Tirano não utilizava seu salão de aula.

Dois anos (10). Provavelmente dois anos e meses o que, somado aos **três meses** do verso 8, aproxima-se dos **três anos** de 20.31. **Todos os habitantes da Ásia** (10), isto é, da província romana desse nome, e especialmente da área ao redor de Éfeso. Provavelmente todas as sete igrejas visadas no Apocalipse (Ap 1.11), assim como as de Colossos e Hierápolis (Cl 4.13), foram fundadas nesse tempo.

Lenços e aventais (12). Duas palavras de origem latina: **sudaria** (lit. "panos de enxugar suor"; cf. Lc 19.20; também Jo 11.44-20.7), e **semicinctia** (peças que Paulo usaria quando trabalhava na confecção de tendas).

Esconjuro-vos por Jesus (13). O emprego deste e de outros nomes judaicos nos exorcismos pagãos é confirmado por rolos de papiro de fórmulas mágicas que chegaram até nós.

Principal dos sacerdotes (14). Lucas provavelmente está citando, porém não confirmando, a informação que Ceva dava de si mesmo. Acreditava-se que um Sumo Sacerdote judeu conhecia a pronúncia secreta do Nome inefável do Deus de Israel, e assim dispunha de um conjuro especialmente poderoso.

Confessando e denunciando suas próprias obras (18); isto é, seus conjuros; divulgá-los era torná-los inúteis.

Artes curiosas (19); isto é, práticas de magia. **Livros** (19); isto é, rolos de papiro ou pergaminho. **Peças de prata** (19); dracmas (denários).

2. O TÚMULTO EM ÉFESO (19.21-41) – A cena mais vibrante de quantas Lucas nos apresenta do ministério de Paulo em Éfeso é a assembléia tumultuosa no grande teatro da cidade, ao ar livre, ultimamente escavado, estimando-se que comportava 25.000 pessoas. A corporação local dos ourives, que auferia considerável lucro da venda de imagens de prata da grande deusa Ártemis, colocadas em nichos igualmente de prata, ficou alarmada quanto ao futuro de sua arte, à vista de tanta gente que abraçava o Cristianismo. Disfarçando essa preocupação sob a capa de interesse pela honra da deusa, convocaram,

indignados, um comício. A indignação deles propagou-se ao público em geral que acorreu ao teatro, onde encenaram um tumulto pró-Ártemis e anti-judaico. (Note-se o humorismo do verso 32). Paulo foi impedido de entrar no teatro pelos asiarcas, principais das cidades da província, de cujo meio saiam os sumos sacerdotes do culto imperial na Ásia. Alexandre, judeu residente na cidade, procurou falar à turbamulta talvez com o intuito de livrar a comunidade judaica de responsabilidade no ressentimento do povo. Os amotinados, não em condições de fazer tais distinções sutis, gritando impediram-no de falar e durante duas horas bradaram "Grande é a Diana (Ártemis) dos efésios!". Por fim o escrivão local, grandemente agitado e receoso de que as autoridades romanas punissem severamente a cidade por causa desse alvoroço, persuadiu-os a que se acalmassem e fossem para casa, declarando que se tinham alguma queixa contra aqueles homens, que a apresentassem às autoridades na devida forma.

Ir a Jerusalém (21), com os delegados de suas igrejas gentílicas, os quais levavam donativos dessas igrejas para os cristãos de Jerusalém. **Importa-me ver também Roma** (21). Cf. Rm 1.11 e segs., 15.23 e segs. relativamente aos planos de Paulo. Ramsay encontra aqui "a concepção clara de um plano de vasto alcance", de visitar Roma quando fosse evangelizar "a principal sede da civilização romana no Ocidente" (isto é, a Espanha), e considera esta decisão uma crise na carreira de Paulo.

Timóteo (22). Cf. Fp 2.19 sobre esta missão de Timóteo na Macedônia.

Diana (24). Infelizmente este nome romano foi empregado pelos tradutores em lugar do nome grego Ártemis, que era a grande deusa de Éfeso (forma local da grande deusa-mãe, cultuada na Ásia Menor desde tempos imemoriais), cujo templo era uma das sete maravilhas da antiguidade.

Aquela que toda a Ásia e o mundo adoram (27). Contam-se mais de trinta lugares, no mundo inteiro, onde se celebrava o culto da Ártemis efésia.

Os macedônios Gaio e Aristarco (29). Leia-se "macedônio", como está em alguns MSS, referindo-se a Aristarco; Gaio era de Derbe, na Ásia Menor (20.4). Os dois podem ter informado este incidente a Lucas. **Arremeteram para o teatro** (29). O teatro de Éfeso, ao ar livre, podia acomodar 25.000 pessoas e era um lugar conveniente para assembléias do povo, regulares ou irregulares.

Os principais da Ásia (31) lit. asiarcas. É digno de nota que Paulo encontrou simpatizantes nas camadas mais altas da sociedade efésia.

O escrivão da cidade (35); gr. **grammateus**. Era eminente oficial de ligação entre a administração municipal independente de Éfeso e o governo provincial romano. **Guardiã do Templo da grande Diana** (35) -- título que a cidade prezava muito. **A imagem que caiu de Júpiter** (35); isto é, do céu; presumivelmente um meteorito, em que se podia ver uma coisa parecida com os "muitos seios" da deusa.

Sacrílegos (37); isto é, ladrões de templos.

Há procônsules (38), em sentido geral, porque Junius Silanus, procônsul da província, fazia pouco fora assassinado (nos fins de 54), e seu sucessor ainda não havia chegado. O procônsul presidia as sessões periódicas do tribunal.

Em assembléia regular (39). Três vezes no mês havia uma assembléia regular (gr. **ekklesia**). Roma não tolerava uma aglomeração irregular e tumultuosa como aquela.

Sejamos acusados (40); isto é, pelos romanos.

VI. COMO PAULO REALIZOU SEU IDEAL DE VER ROMA - 20.1-28.31

Atos 20

a) Paulo viaja à Palestina (20.1-38)

1. O APÓSTOLO NAVEGA COM OS DELEGADOS (20.1-16) -- Chegada ao fim sua estada em Éfeso, Paulo passou algum tempo na Macedônia e Grécia, quando viajou às fronteiras do Ilírico (a moderna

Albânia e Iugoslávia), conforme lemos em Rm 15.19. Organizara coletas, como um sinal objetivo de fraternidade, em suas igrejas gentílicas, para os cristãos pobres da igreja de Jerusalém, e na primavera de 57 navegou à Palestina com os delegados nomeados por essas igrejas para fazerem a entrega desses donativos. Sua intenção, depois dessa visita a Jerusalém, era navegar do Mediterrâneo oriental na direção do Ocidente, passando pela cidade de Roma a caminho da Espanha (19.21; Rm 15.23 e segs.).

Lucas juntou-se a ele de novo em Filipos, acompanhando-o a Jerusalém, como se vê da narrativa pormenorizada que faz dessa viagem à Palestina, empregando o verbo na primeira pessoa do plural. A visita feita a Trôade revela algo do costume de Paulo ao visitar uma igreja; notamos incidentalmente que seus sermões (ou antes diálogos) não eram desses de vinte minutos, e mesmo quando o discurso foi interrompido momentaneamente por um acidente fatal, depois de acalmar a todos quanto ao estado do moço, a reunião continuou até ao romper do dia.

Abraçando-os (1). Leia-se "tendo-os exortado, despediu-se deles".

Dirigiu-se para a Grécia (2), isto é, à província da Acaia (cf. 19.21 e ver 18.12).

Onde se demorou três meses (3); principalmente em Corinto, onde em princípios do ano 57 A. D. escreveu sua epístola aos Romanos.

Acompanharam-no... (4). Os nomes são dos delegados das igrejas de Paulo, de ambas as costas do Egeu, os quais iam levando os donativos dessas igrejas para os cristãos de Jerusalém (cf. 24.17; 1Co 16.1 e segs. 2Co 8.1 e segs.; Rm 15.25 e segs.); **Sópatro** (4); talvez o Sosípatro de Rm 16.21.

Estes nos precederam, esperando-nos em Trôade (5). Atravessaram partindo de Cencréia, presumivelmente, enquanto Paulo e Lucas atravessaram de Filipos.

Navegamos de Filipos (6). Vale notar que esta outra «seção do pronome **nós**» (20.5-21.18) começa onde a primeira findou (16.17) -- em Filipos, onde Lucas pode ter passado todo o período entre uma e outra.

Depois dos dias dos pães asmos (6). No ano 57 A. D. esses dias terminaram na quinta-feira 14 de abril.

No primeiro dia da semana, estado nós reunidos com o fim de partir o pão (7); isto é, para celebrar a Ceia do Senhor; provavelmente era costume deles fazer isso todos os domingos à tarde. No caso presente, quando "partiram o pão" era já a manhã da segunda-feira (11), visto que Paulo **prolongou seu discurso até à meia-noite** (7).

Havia muitas lâmpadas (8). O ar encheu-se da fumaça do óleo queimado, o que teria contribuído mais para o sono de Êutico. **Foi levantado morto** (9). Lucas, na qualidade de médico, provavelmente não teve dúvida de que o rapaz falecera. **A vida nele está** (10); provavelmente dando a entender que a vida voltara ao moço. Cf. 1Rs 17.22; 2Rs 4.34-35.

Partiu o pão (11); o artigo definido lembra o verso 7 e indica que agora, por fim, celebraram a Ceia do Senhor conforme haviam planejado. **E comeu** (11). Refere-se à refeição que tomaram, depois de partirem o pão eucarístico.

Conduziram vivo o rapaz (12). Êutico evidentemente recobrou os sentidos antes mesmo de Paulo prosseguir viagem.

Devendo ele ir por terra (13). A rota marítima de Trôade a Assôs era mais longa do que o trajeto por terra, visto que contornava o cabo Lecto.

Mitilene (14). Principal cidade da ilha Lesbo.

Ficando em Trogílio... (15). Esta cláusula não consta nos melhores textos, mas a declaração é em si mesma provável.

Paulo tinha determinado passar adiante de Éfeso (16). Provavelmente decidira isto em Trôade, e por isso escolheu um navio direto que atravessou em linha reta ao largo do golfo de Éfeso, a fim de alcançar a Palestina em tempo.

2. PAULO DESPEDE-SE DOS PRESBÍTEROS DE ÉFESO (20.17-38) – O encontro do apóstolo em Mileto com os presbíteros da igreja efésia é importante porque contém o único registro de um discurso seu frente a um auditório de cristãos. A autenticidade deste discurso é fortemente apoiada por sua semelhança com a linguagem das epístolas de Paulo, e tanto mais porque não há provas de Lucas ter conhecido tais epístolas. O discurso lança luz sobre o curso dos acontecimentos ocorridos há pouco e sobre os pressentimentos do apóstolo quanto ao futuro, embora nada o demova da determinação de levar a cabo a obra divinamente a ele destinada e de acabar sua carreira jubilosamente.

De Mileto mandou a Éfeso (17), distante umas oito léguas.

Provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram (19). Cf. a referência feita a Alexandre, o latoeiro, em 2Tm 4.14, a qual pode ser pertinente ao caso, se ele é o Alexandre de 19.33. Além disso é claro, de referências feitas nas Cartas aos Coríntios (cf. 1Co 15.30-32; 2Co 1.8-10) que Paulo ficou exposto a sério perigo durante seu ministério em Éfeso, além do ocasionado pelo tumulto de 19.23 e segs.

Tanto a judeus como a gregos (21); cf. Rm 1.14 e segs., 3.9.

O arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus (21). Sobre este sumário da mensagem de Paulo, cf. 26.20; Rm 10.9 e segs., 2Co 5.20 e segs.

Ligado eu pelo espírito (22); isto é, constrangido pelo Espírito (cf. 16.6-7).

O Espírito Santo de cidade em cidade me assegura (23). Falando mediante os profetas em várias igrejas (cf. 21.4-11). Comparem-se as apreensões manifestas em Rm 15.13a.

Para testemunhar o evangelho da graça de Deus (24).

Isto evidentemente é o mesmo que **pregar o reino de Deus** (25). **Sei que todos vós... não vereis mais o meu rosto** (25). Sua intenção, se sobrevivesse aos perigos previstos de Jerusalém, era ir à Espanha. Se realmente eles tornaram a vê-lo, não se sabe.

Estou limpo do sangue de todos (26). Quanto a essa idéia geral cf. Ez 33.19.

O Espírito Santo vos constituiu supervisores (28), isto é, bispos, (gr. **episkopos**). No primeiro século A. D. "presbítero" (cf. o verso 17) e "bispo" eram termos equivalentes. **A qual ele comprou com o seu próprio sangue** (28). Ou «com o sangue do Seu Bem-Amado». **Lobos vorazes** (29). Refere-se a uma classe de falsos mestres; outra classe é indicada no verso 30.

Três anos (31); veja-se 19.10.

A palavra da sua graça (32). "Esta mensagem da generosidade gratuita de Deus é a palavra que produz o maior efeito no coração do homem, e assim está apta a **edificar** a igreja" (Rackham). **Herança entre todos os que são santificados** (32); cf. 26.18; Ef 1.14; Cl 3.24.

Estas mãos serviram para o que me era necessário (34). Sem dúvida disse isto mostrando as mãos. Cf. 1Co 9.15 e segs.; 2Co 11.7 e segs.; 1Ts 2.9; 2Ts 3.7 e segs.

Mais bem-aventurado é dar que receber (35). Estas palavras de Cristo não estão registradas nos Evangelhos, embora seu sentido geral possa corresponder a outros dizeres que lá se encontram. Parece que já circulavam coletâneas de frases de Jesus.

Atos 21

b) De Mileto a Cesaréia (21.1-14)

Quando Paulo e seus companheiros deixaram Mileto, prosseguiram viagem à Palestina desembarcando em Tiro, onde o navio devia ser descarregado. A cena de sua partida de Tiro, acompanhado até ao navio pelas famílias cristãs daquela cidade, amigas leais depois de uma semana de convivência com ele, mostra como o Cristianismo primitivo unia os crentes em fortes laços de amizade. À medida que ele prosseguia, passando de um porto a outro, tornavam-se mais ameaçadoras as indicações do perigo que o aguardava em Jerusalém. Os

discípulos tírios, falando por inspiração, pediram-lhe que não continuasse a viagem. Em Cesaréia o profeta Ágabo reaparece para predizer claramente o que vai acontecer ao apóstolo. Porém "nada disto me demove", dissera ele em Mileto e continuava dizendo. Não devemos concluir daí que ele errou em prosseguir a viagem; esses amigos procuraram dissuadi-lo porque anteviam os riscos a que ele se exporia em Jerusalém, contudo pareceram reconhecer que os movimentos de Paulo eram orientados por Deus quando aquiesceram na decisão dele, dizendo **Faça-se a vontade do Senhor**.

Em Cesaréia vamos outra vez encontrar Filipe, onde o deixamos, segundo vimos no fim do cap. 8. Agora o temos em sua casa, com as quatro filhas profetisas. Como já notamos, Lucas provavelmente deveu a elas alguma informação sobre fatos registrados no seu Evangelho e sobre a história da Igreja em seus primórdios, informação prestada, se não nos poucos dias passados desta vez em Cesaréia, durante os dois anos que Paulo esteve preso ali.

Cós (1), ilha do Dodecaneso; **Rodes** (1), a maior ilha desse grupo; **Pátara** (1), porto do sudoeste da Ásia Menor.

Chipre à vista (3); gr. **anaphaino**, aparentemente um termo de náutica, empregado ao se avistar terra.

Encontrando discípulos (4); gr. **aneurisko,** dando a entender que tiveram de procurá-los. A igreja de Tiro provavelmente fora fundada pelos dispersos que passaram pela Fenícia, segundo lemos em 11.19.

Ptolemaida (7); é Aco no Velho Testamento, e modernamente Acre ou Akka. Por essa época era colônia romana.

Quatro filhas (9). Pelo menos algumas das filhas de Filipe passaram os anos de sua velhice na província da Ásia, onde alcançaram renome como autoridades em matéria de pessoas e fatos relacionados com os primeiros dias do Cristianismo (cf. Eusébio, **Hist. Ecles.**, 3.31-39--5.24).

Ágabo (10). Cf. 11.27-28. Suas inopinadas aparições e desaparições "não são ficção, porém vida real" (Lake and Cadbury).

Tomando o cinto de Paulo, ligando com ele seus próprios pés e mãos (11). Profecias dramatizadas como esta foram comuns no Velho Testamento (cf. 1Rs 11.29 e segs.). **Assim os judeus em Jerusalém farão ao dono... e o entregarão nas mãos dos gentios** (11). No seu sentido geral, não em cada pormenor, cumpriu-se esta profecia; de fato Paulo, arrebatado das mãos dos judeus, foi entregue pelos gentios.

Faça-se a vontade do Senhor (14). Cf. as palavras de Jesus no Getsêmani. Há uma série de paralelos, provavelmente intencionais, entre esta narrativa da última viagem de Paulo a Jerusalém e a última viagem de nosso Senhor àquela cidade.

c) Paulo em Jerusalém (21.15-23.35)

1. O APÓSTOLO EM APUROS (21.15-30) – De Cesaréia Paulo e seus companheiros subiram a Jerusalém, hospedando-se o grupo na casa de Mnasom, um dos primeiros crentes, provavelmente helenista. Em sua casa os cristãos gentios podiam contar com boa acolhida. Quando a delegação procurou Tiago e os presbíteros da igreja de Jerusalém, foi por eles bem recebida, contudo essa boa gente estava francamente perplexa com os boatos exagerados que haviam chegado lá concernente à atitude de Paulo para com a lei. Admitiam que a posição relativamente aos crentes gentios fora definida no Concílio dos Apóstolos, porém queriam que Paulo, de modo prático, desmentisse a notícia de que ele dissuadia os cristãos **judeus** de guardar a lei e de circuncidar os filhos. Paulo, até onde podemos ver, continuou a observar a lei e isso fez enquanto viveu, especialmente na companhia de judeus, e sua aquiescência no conselho de Tiago, nessa ocasião, participando da cerimônia de purificação de quatro homens que haviam tomado voto temporário de nazireu, e pagando as respectivas despesas, estava em perfeita concordância com o princípio por ele estabelecido: “Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus” (1Co 9.20). Podemos comparar isto com o voto por ele mesmo tomado (At 18.18), que envolveu o corte do

seu cabelo. Por causa destas atitudes Paulo tem sido censurado sem necessidade por pessoas cujo ideal parece ser o de um tipo inferior de coerência, que tem sido chamada “a virtude de espíritos tacanhos”.

A execução desse programa ocasionou a presença de Paulo no templo, e foi aí que ele se tornou alvo de um clamor público provocado por alguns judeus provenientes da província da Ásia, os quais o reconheceram. Vendo-o na cidade com um gentio cristão de Éfeso, imaginaram que ele introduzira esse homem no templo. Irrompeu de repente um alvoroço, o poviléu arrastou Paulo para fora do lugar sagrado, espancando-o sem parar; e logo que saíram, as portas do templo se fecharam.

Nossos preparativos (15); “nossa bagagem”. Mas a simples palavra grega **episkeuasamenoi**, traduzida “tendo feito os nossos preparativos”, pode significar aqui “tendo alugado cavalos”.

Velho discípulo (16) (gr. **archaios**) sugere que era membro fundador da Igreja. Traduzamos: “trazendo-nos a Mnasom de Chipre, um dos primeiros discípulos, com quem deveríamos nos hospedar”.

Paulo foi conosco encontrar-se com Tiago, e todos os presbíteros se reuniram (18). Aparentemente nenhum dos antigos apóstolos residia por esse tempo em Jerusalém. Tiago (o irmão do Senhor) é o líder inconteste da igreja dessa cidade.

Quantas dezenas de milhares (20). É muito fácil subestimarmos a pujança do Cristianismo judaico primitivo. **Zelosos da lei** (20); isto é, “zelotes em prol da lei”.

Os costumes (21); isto é, os determinados na lei judaica, “recebidos de Moisés por tradição” (cf. 6.14; Gl 1.14). **Faze por eles as despesas** (24); cf. Nm 6.14-15, sobre a natureza de tais despesas. **Escrevemos** (25). É referência à carta apostólica de 15.23-29.

Quando já estavam por findar (27). Melhor, “quando iam cumprir-se”; os fatos seguintes ocorreram mais ou menos no princípio dos sete dias, e não no fim.

Este é o homem que por toda parte ensina todos a ser contra... este lugar (28). Cf. a acusação apresentada contra Estêvão (6.13). **Introduziu até gregos no templo e profanou este recinto sagrado** (28). No pátio exterior qualquer pessoa podia entrar; mas passar daí para diante era vedado aos gentios sob pena de morte. O governo romano ratificava a sentença de morte lavrada pelo Sinédrio contra esse ultraje, ainda mesmo se o ofensor fosse cidadão romano. Avisos em grego e latim estavam afixados na linha divisória que separava o pátio exterior do interior, chamando a atenção dos visitantes gentios para que não a transpusessem. Um desses avisos, achados em 1871, presentemente está em Istambul; outro, encontrado em 1935, está no Museu Palestinense. Pela letra da lei, Trófimo (29) é que era o culpado, caso fosse verídica a acusação, ainda que Paulo tivesse a culpa de ajudá-lo e ser cúmplice no delito.

2. PAULO NÃO CONSEGUE PACIFICAR O MOTIM DE JERUSALÉM (21.31-22.29) – Sobranceira ao templo ficava a fortaleza Antônia, na qual estacionava uma guarnição romana. Ouvindo falar do motim, o capitão da referida guarnição mandou soldados que livraram Paulo de ser linchado. Mesmo assim, os amotinados acotovelavam-se e empurravam os soldados com tamanha violência ao subirem as escadas da fortaleza que estes tiveram de carregá-lo para que não o arrebatassem. No topo da escada estava o comandante (capitão) que imaginou fosse Paulo um agitador egípcio, que algum tempo antes se apresentara ao povo fingindo-se um segundo Moisés e que provocara profundo ressentimento popular ao deixar que seus sequazes fossem despedaçados pela soldadesca de Félix, enquanto ele mesmo conseguiu safar-se. Surpreendeu-se, pois, o comandante quando Paulo se lhe dirigiu em grego, pedindo que o deixasse falar ao povo.

Obtendo licença, Paulo em pé na escada se dirigiu à multidão em baixo, não em grego mas em vernáculo (aramaico). Silenciaram ao ouvir que lhes falava no idioma pátrio. Disse-lhes Paulo como se criara aos pés

de Gamaliel naquela mesma cidade, como perseguira os cristãos e como se convertera perto de Damasco, frisando o papel desempenhado por Ananias, homem «piedoso conforme a lei». Ouviram tudo isso em silêncio e com interesse, porém quando Paulo mencionou a comissão recebida para evangelizar os gentios, a fúria do povo explodiu outra vez, de modo que o comandante, já desorientado, mandou que ele fosse flagelado a fim de descobrir o verdadeiro motivo daquela agitação. Paulo, no entanto, declarou-se cidadão romano, e assim escapou do azorrague que era um instrumento de tortura muito mais bárbaro do que as varas dos lictores de Filipos.

O comandante da força (31), isto é, o tribuno militar encarregado da coorte auxiliar, de prontidão na fortaleza Antônia.

Ao chegar às escadas (35). Dois lances de escada levavam da fortaleza ao pátio exterior do templo.

Não és o egípcio...? (38). A história desse agitador egípcio é narrada por Josefo em seu livro **Guerra Judaica**, 2:13.4 e **Antigüidades Judaicas**, 20:8.6. **Quatro mil sicários** (38). A referência é aos **sicarii**, que se haviam especializado em assassinar romanos e judeus pró-romanos. O número «quatro mil» é mais provável do que os 30.000 de Josefo.

Em língua hebraica (40); isto é, em aramaico.

Atos 22

Instruído... segundo a exatidão da lei de nossos antepassados (3). Aqui ele sublinha todos aqueles aspectos de sua carreira que podiam apelar ao nacionalismo religioso dos ouvintes.

O conselho dos anciãos (5); isto é, o Sinédrio.

Sem contudo perceber o sentido da voz de quem falava comigo (9). Veja-se 9.7.

Então ele disse: O Deus de nossos pais... te escolheu (14). Estas palavras de Ananias não constam nas outras narrativas da conversão de Paulo, mas podemos compará-las com as palavras que o Senhor lhe falou

em 9.15-16. Ananias comunicou a Paulo a revelação que recebera do Senhor a seu respeito. Não há contradição essencial entre esta narrativa e Gl 1.1-12, onde Paulo sustenta que não recebeu de ninguém sua comissão apostólica. Aí seu intuito é mostrar que não recebeu dos apóstolos de Jerusalém o seu evangelho nem a autorização de anunciá-lo, senão diretamente de Deus. Ananias agiu simplesmente como porta-voz ou mensageiro de Cristo.

Invocando o nome do Senhor (16); isto é, "invocando Seu nome" ao confessá-Lo no batismo. Essa invocação do nome de Cristo parece que estava implícita no batismo efetuado em (ou "com") esse nome (cf. 2.38-10.48).

Tendo eu voltado para Jerusalém (17). Foi isto três anos depois de sua conversão (veja-se 9.26; Gl 1.18).

Apressa-te e sai logo de Jerusalém (18). Em 9.29-30 os irmãos de Jerusalém, sabedores de uma cilada contra Paulo, levaram-no a Cesaréia. Este não é o único lugar nos Atos em que se age simultaneamente em resposta a uma revelação divina e à advertência humana.

Eu disse: Senhor, eles bem sabem... (19). Paulo argumenta que ele é a pessoa mais indicada para persuadir os judeus, visto como estes devem lembrar-se de como ele, apóstolo, perseguia sem reservas os cristãos, e então devem reconhecer que as razões da mudança de atitude pela qual passou são irresistíveis e esmagadoras.

Eu te enviarei para longe aos gentios (21). E assim retrocedeu a Tarso, em cujos arredores e mais tarde em Antioquia teve amplas oportunidades de cumprir sua comissão de evangelizar os gentios.

Ouviram-no até essa palavra (22); isto é, até a palavra "gentios". É que ela acordava neles uma mágoa.

Ser-vos-á porventura lícito açoitar um cidadão romano sem estar condenado? (25). Paulo protesta incontinenti sua cidadania romana, que o isentava desse tratamento. (Antes alegara apenas ser cidadão de Tarso; 21.39). Os que não eram cidadãos podiam ser

flagelados para confessar a verdade. Como em 16.37, **não estar condenado** significa «sem haver processo formal».

A mim me custou grande soma de dinheiro este titulo de cidadão (28). Pode ter dito isto com sarcasmo: «Sei quanto me custou comprar o título de cidadão romano; se um indivíduo como você alega gozar tal privilégio, este deve estar muito barato hoje em dia». O nome «Cláudio», do funcionário gentio (23.26), sugere que se tornara cidadão no reinado de Cláudio. **Eu o tenho por direito de nascimento** (28). Como o pai de Paulo, ou outro ancestral seu mais distante adquiriu a cidadania romana, isto não sabemos. Ramsay sugere que alguns cidadãos de Tarso receberam tal título de Pompeu (cerca de 64 A.C.) e que durante um século antes disso tinha havido consideráveis elementos judaicos entre os cidadãos daquela cidade. Não estamos suficientemente informados sobre o modo como alguém podia comprovar em curto prazo a veracidade de sua afirmativa de ser cidadão romano.

3. PAULO PERANTE O SINÉDRIO: É ENVIADO A CESARÉIA (22.30-23.35) – Um cidadão romano devia ser tratado respeitando-se escrupulosamente os dispositivos legais, de modo que no dia seguinte o tribuno levou Paulo à presença do Sinédrio. Ananias, Sumo Sacerdote, portou-se de uma maneira de todo indigna. E revela-se ultra melindroso quem censura a Paulo sua linguagem franca (da qual, com efeito, pediu desculpas ao tribuno, se não àqueles que ordenou a agressão), ou o ter ateado a discórdia entre saduceus e fariseus. Era exatamente o fato da ressurreição que estava causando toda aquela celeuma, porque para o apóstolo a ressurreição geral, em que os fariseus criam, dependia da ressurreição de Cristo. Um fariseu podia tornar-se cristão sem deixar de ser fariseu (cf. 15.5); um saduceu não podia tornar-se cristão e continuar saduceu.

O comandante, sem saber o verdadeiro motivo da confusão, dissolveu a reunião e mandou que Paulo fosse levado de volta à fortaleza. Não ficou menos preocupado ao saber de uma cilada que

armavam à vida de Paulo, e por isso o despachou para Cesaréia nas caladas da noite, protegido por uma escolta bem armada, a Félix, procurador romano da Judéia.

Os principais sacerdotes e todo o Sinédrio (30), no qual as famílias dos saduceus, principais sacerdotes, exerciam papel influente. Se Paulo houvesse infringido a lei judaica em assunto de que Roma pudesse tomar conhecimento, competiria ao Sinédrio julgar e sentenciá-lo, cabendo então ao governador romano ratificar à sentença de morte.

Atos 23

Tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência (23.1). Cf. Fp 3.6. **O sumo sacerdote Ananias** (2). Este era filho de Nedebeu, político notoriamente inescrupuloso e avarento, e foi Sumo Sacerdote de 47 a 58 A.D.

Deus há de ferir-te (3). Alguns viram o cumprimento destas palavras no assassínio de Ananias, em 66, por revoltosos nacionalistas. **Contra a lei** (3). A lei judaica presumia a inocência de alguém enquanto não fosse provada sua culpa.

Não sabia... que ele é sumo sacerdote (5). “Não pensava que um homem que fala como este pudesse ser Sumo Sacerdote” - teria sido esse o sentido das palavras de Paulo?

Não falarás mal de uma autoridade do teu povo (5). Citação de Êx 22.28.

No tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado (6). A ressurreição de Cristo, fundamento da esperança de Israel, segundo Paulo a considerava, ocupava lugar central no evangelho que ele pregava.

Os saduceus declaram não haver ressurreição (8). Cf. Mc 12.18 e passagens paralelas. **Nem anjo, nem espírito** (8). “O que eles rejeitavam era o desdobramento da doutrina dos dois reinos, com as respectivas hierarquias dos bons e dos maus espíritos” (T. W. Manson).

Os fariseus admitem todas estas coisas (8), isto é, a ressurreição, os anjos e os espíritos.

Não resistamos a Deus (9). Estas palavras faltam aos textos originais; foram supridas pelo mais recente texto bizantino.

Assim importa que dês testemunho em Roma (11), em confirmação do propósito de Paulo. **Sob pena de maldição** (12); isto é, por juramento solene, a quebra do qual incorreria automaticamente na ira divina.

Os principais sacerdotes e os anciãos (14). Não todo o Sinédrio, como parece do verso 15 (**com o Sinédrio**), mas aquela parte mais hostil a Paulo.

Filho da irmã de Paulo (16). É a primeira vez que se refere um membro da sua família; gostaríamos de saber mais acerca deles.

Tende de prontidão... para irem até Cesaréia (23). A escolta consistia em soldados de infantaria, de armas pesadas, de soldados de cavalaria, e tropa com armas leves; desses três tipos e armas se compunha o exército romano. Cesaréia era o quartel general da administração provincial da Judéia.

O governador Félix (24); isto é, Antônio Félix, procurador da Judéia, 52-59 A. D.

Excelentíssimo governador (26). O título “excelentíssimo” (gr. **kratistos**, equivalente ao lat. **egregius**) era dado primeiramente a membros da ordem eqüestre, de onde normalmente saiam os procuradores (Félix era exceção). Nos Atos é também dado a Festo (26.25) e em Lc 1.3 a Teófilo.

Com a soldadesca (27); isto é, com uma “força armada”. **Por saber que ele era romano** (27). E uma ligeira torcedura da verdade, porque só mais tarde é que ele, Lísias, veio a saber do fato.

Tratei de enviá-lo a ti (30). É o «aoristo epistolar» no grego.

Antipátride (31) ficava a uns 16 km. ao norte de lida e uns 40 ao sul de Cesaréia (modernamente chama-se Ras el'Ain).

Tendo deixado aos de cavalaria o irem com ele (32). A estrada que partia de Antipátride, atravessava uma região descampada, habitada principalmente por gentios.

Pretório de Herodes (35), um palácio em Cesaréia, que Herodes, o Grande, edificara para si, mas que servia agora como quartel general do procurador.

d) Paulo em Cesaréia (24.12-26.32)

Atos 24

1. PAULO E FÉLIX (24.1-27) – Félix, plebeu de nascimento e liberto, que galgou elevada posição mercê de seu irmão Palas, foi um favorito influente na corte imperial, tendo sido exposto ao sarcasmo público de todos os tempos num epigrama cortante de Tácito: “ele exerceu a autoridade de rei com a mentalidade de escravo”. Sua atual esposa era Drusila, filha mais moça de Herodes Agripa I; ambos conheciam alguma coisa do Cristianismo, se bem que o interesse deles fosse estritamente acadêmico.

Poucos dias depois, uma delegação do Sinédrio, à frente o Sumo Sacerdote, e assistida pelos préstimos de um orador medíocre chamado Tértulo, desceu a Cesaréia para apresentar sua acusação contra Paulo. Tértulo começou seu discurso num estilo florido e pomposo, que se foi degenerando até acabar capenga. Paulo foi acusado apenas em termos gerais, não diferentes daqueles com que Jesus fora denunciado perante Pilatos (Lc 23.2).

A cada acusação de Tértulo, entretanto, Paulo opôs uma negativa categórica, dizendo exatamente o que foi que o trouxera a Jerusalém e o que fizera desde que aí chegara, insistindo outra vez que toda a controvérsia entre ele e os seus opositores girava em torno da questão da ressurreição, que não era uma idéia por ele inventada, mas que houvera sido recebida dos seus maiores. Se verificarmos o lugar central que a

ressurreição ocupa no evangelho pregado por Paulo, não usaremos de evasivas ante esta declaração sua.

Félix adiou o prosseguimento da causa até que o comandante Lísias descesse de Jerusalém para dar seu depoimento. Nesse ínterim, ele e sua esposa Drusila aproveitaram-se da estada de Paulo em Cesaréia para chamá-lo freqüentemente à sua presença e com ele discutir algo de teologia. Apesar de ser acadêmico o interesse deles, o de Paulo não o era, donde o apóstolo aproveitar a oportunidade para discorrer sobre três assuntos a respeito dos quais aquele casal precisava muito ouvir, a saber – a justiça, o domínio próprio e o juízo vindouro – e tanto assim foi que Félix ficou trêmulo, não indo além daí. Continuou protelando uma decisão sobre o caso de Paulo, na esperança de receber dinheiro para soltá-lo, até que dois anos depois foi chamado a Roma. E sabendo que os judeus provavelmente, fosse como fosse, enviariam um relatório desabonador à sede do governo imperial sobre o exercício de seu cargo público, decidiu granjear as boas graças deles pelo menos não soltando Paulo, e deixando-o detido até que o seu sucessor Festo chegasse e tomasse conta do caso.

Tendo nós, por teu intermédio, gozado de paz perene (2). A procuradoria de Félix foi assinalada por sérios esforços no sentido de serem eliminados bandos de insurretos, e tão grande foi o descontentamento que isso causou, que somente por cortesia podia-se chamar de “pacífica” a situação decorrente. Os judeus de Jerusalém, no entanto, haviam cooperado com Félix na captura do egípcio mencionado em 21.38.

Este homem é uma poste e promove sedições entre os judeus esparsos por todo o mundo (5). Tértulo apresenta Paulo como um perturbador da paz, em termos calculados a sugerir que se tratava de outro cabeça de rebelião, da marca daquele que Félix com tanta energia suprimira, porém mais perigoso que quaisquer outros em vista de suas atividades terem um âmbito maior. Era fácil pintar o messianismo espiritual do evangelho como uma forma de messianismo militante e

político (cf. 17.6-7). **A seita dos nazarenos** (5). A explicação mais natural é que os cristãos receberam tal apelido do nome de Jesus Nazareno, mas há outras explicações, como a que dá o termo como significando "observantes". Em hebreu e árabe os cristãos ainda são conhecidos por "nazarenos".

Nós o prendemos... que viessem a ti (6-8). Esta passagem é uma lição "ocidental" que entrou no Texto Recebido; embora não abonada pelas melhores autoridades, traz fortes indícios de genuinidade. A referência exprobratória à **grande violência** (7) com que Lísias arrebatara Paulo das mãos dos seus inimigos judeus, quando estes iam julgá-lo conforme sua lei, é uma adulteração grosseira dos fatos, maior do que aquela perpetrada pelo próprio Lísias na carta que escrevera a Félix (23.27).

Doze dias (11). Das notas sobre tempos, que nesta parte dos Atos são bem abundantes (cf. 21.15,18,26-27; 22.30-23.11-12,23-32; 24.1) concluímos que os sete dias de 21.27 apenas começavam quando Paulo foi preso.

O caminho a que chamam seita (14). Os cristãos denominavam o seu movimento "o Caminho" porque, segundo entendiam, nele se cumpria verdadeiramente a fé de Israel e era o único caminho da salvação. Os não-cristãos chamavam-no «seita» uma facção do Judaísmo, (porém muito menos respeitável do que os partidos dos saduceus, fariseus e outros). A palavra grega é **hairesis**, empregada com relação à "seita dos saduceus" (5.17) e à "seita dos fariseus" (15.5).

Tanto de justos como de injustos (15). Este é o único lugar do Novo Testamento em que Paulo se refere definidamente a uma ressurreição dos injustos (cf. Jo 5.28-29; Ap 20.12 e segs.).

Trazer esmolas à minha nação, e também fazer oferendas (17). O dinheiro contribuído pelas igrejas gentílicas em socorro dos cristãos de Jerusalém.

Salvo estas palavras que clamei (21). Não está se culpando das palavras proferidas diante do Sinédrio (ele acabou de repetir o mesmo

argumento perante Félix, vv. 14-15); mas sustenta que a única acusação que podem com propriedade formular contra ele é de natureza teológica.

Conhecendo mais acuradamente as coisas com respeito ao Caminho (22) – possivelmente por intermédio de **sua esposa Drusila, que era judia** (24), filha de fato do "rei Herodes" de 12.1. (Félix, apesar de plebeu, ligou-se pelo casamento a famílias distintas; suas três sucessivas esposas foram princesas, uma das quais neta de Antônio e Cleópatra. Drusila foi sua terceira esposa. Tiveram um filho, Agripa, que pereceu na erupção do Vesúvio do ano 79 A. D.).

Quando eu tiver vagar, chamar-te-ei (25). Aliás fez isto freqüentemente, movido em parte pelo interesse teológico de natureza estritamente imparcial, e em parte por ambição financeira (26). As leis contra o suborno eram muito mais vezes violadas do que observadas pelos administradores das províncias romanas. Ramsay era de parecer que por essa época a situação financeira de Paulo melhorara muito; não há bastantes provas disso, mas sem dúvida recebera donativos em dinheiro das igrejas gentílicas por ele fundadas.

Dois anos mais tarde Félix teve por sucessor Pórcio Festo (27). Félix foi demitido por causa de sua intervenção violenta mas ineficaz em distúrbios havidos entre judeus e gentios de Cesaréia.

Atos 25

2. PAULO APELA PARA CÉSAR (25.1-12) – Festo, mais íntegro do que Félix, chegou à sua província em algum dia do ano 59 A. D.; poucos dias depois subiu de Cesaréia, sede do governo, a Jerusalém, a fim de encontrar-se com o Sumo-Sacerdote e o Sinédrio. Estes não perderam tempo em referir o caso de Paulo, na esperança de que Festo, em sua inexperiência, haveria de permitir que eles levassem a efeito o que tencionavam relativamente ao apóstolo. Festo não acedeu ao pedido deles, de enviar Paulo de volta a Jerusalém, mas convidou-os a descer a Cesaréia e aí apresentar sua queixa contra ele. Isto fizeram, depois de oito ou dez dias; formularam acusações que não puderam provar, às

quais Paulo retrucou, rebatendo-as com firmeza. Então Festo, perplexo e desejando agradar aos judeus no início de sua gestão, perguntou se Paulo queria subir a Jerusalém e lá, perante ele, ser julgado. O apóstolo, temendo que a fraqueza de Festo viesse expô-lo outra vez ao perigo de cair nas garras dos seus rancorosos inimigos, tomou uma decisão de longo alcance: prevalecendo-se de seu privilégio de cidadão romano, apelou do tribunal provincial para César, a fim de ser julgado perante a suprema corte do Império. A experiência que já tinha da justiça romana provavelmente fê-lo confiar que lá em Roma seria ouvido com imparcialidade. Festo jubilosamente aproveitou esta oportunidade de evitar a responsabilidade de tomar uma decisão difícil; sua única dificuldade agora era saber como redigir o relatório que devia acompanhar Paulo a Roma.

Tendo Festo assumido o governo da província (1). Nenhuma informação temos sobre Festo, fora dos escritos de Lucas e Josefo. Sua gestão não foi assinalada pelos excessos do seu predecessor e sucessores; teve curta duração, terminando com sua morte em 61 A. D.

Nem contra César (8). Além de refutar as cediças acusações de ofensas à lei judaica em geral, e de profanação do templo em particular, rebate igualmente a acusação de agir contra os interesses do Imperador (veja-se 24.5).

Queres tu subir a Jerusalém? (9). A sugestão parecia bastante razoável; como o crime alegado fora cometido em Jerusalém, esta cidade podia parecer o lugar mais apropriado para nele se examinar a denúncia, e Festo mesmo propunha-se funcionar como juiz. Paulo, no entanto, receava que esta concessão ao Sinédrio levasse a outras.

Estou perante o tribunal de César (10), sendo o procurador o representante do Imperador.

Apelo para César (11). O direito de apelar para o Imperador, de que todo cidadão romano gozava, surgira do primitivo direito de apelo ao soberano povo romano desde 509 A. C., conforme tradição. Tal direito era comumente exercido apelando-se da decisão de um

magistrado, mas podia ser exercido em qualquer fase inicial dos processos, “requerendo-se que a investigação se efetuasse em Roma e a sentença fosse proferida pelo Imperador” (Schürer). No presente caso o Imperador era Nero (A. D. 54-68).

3. AGRIPA, O MOÇO, VISITA FESTO (25.13-27) -- Não tardou que se apresentasse a Festo uma salda da dificuldade em que se encontrava. Sua província limitava com o pequeno reino de Herodes Agripa II (filho do Herodes de At 12.1), cuja capital era Cesaréia de Filipe, famosa nos Evangelhos. Ele e sua irmã Berenice, sendo esta a irmã mais velha de Drusila, estavam para apresentar seus cumprimentos ao novo representante imperial, acontecendo que Agripa era conhecido como versado em todas as questões pertinentes à religião judaica. Entre outras coisas, cabia-lhe por direito nomear os sumos sacerdotes judeus, estando sob sua guarda as vestes cerimoniais por eles usadas uma vez por ano, no grande dia da expiação, vindo daí ter sido chamado algumas vezes, não muito precisamente, “o cabeça secular da Igreja Judaica”. Por isso, quando ele e a irmã vieram a Cesaréia, Festo procurou que Agripa o ajudasse a redigir o relatório a respeito de Paulo; era-lhe necessário entender o ponto essencial da acusação do Sinédrio, para comunicá-lo ao Imperador, porém tudo quanto pudera descobrir era que a dificuldade girava em torno de “certo morto, chamado Jesus, a quem Paulo afirmava estar vivo”. O apóstolo deixava bastante claro o alvo de suas atividades, apesar da falta de compreensão do procurador! Agripa ficou interessado e manifestou o desejo de ver esse homem. Assim, no dia seguinte, Festo, Agripa e Berenice apresentaram-se em grande gala, com a comitiva do procurador e os principais personagens de Cesaréia. Paulo foi trazido à presença deles e Festo apresentou-o a Agripa. Este deu permissão ao apóstolo de expor o seu caso.

Agripa e Berenice (13). Este Agripa tinha somente dezessete anos, em 44 A.D., quando o pai morreu; por isso Cláudio foi dissuadido de nomeá-lo sucessor no reino da Judéia. Poucos dias depois, porém, lhe

deu um reino ao nordeste do Lago da Galiléia, ampliado mais tarde por Nero. Berenice figura mais adiante na história dos romanos, quando Tito, príncipe herdeiro, desejou desposá-la (cerca de 75 A. D.), mudando, entretanto, de idéia em vista da desaprovação popular em Roma.

Acerca de sua superstição (19); ARA «sua própria religião». Como Agripa professava a religião judaica, Festo não iria referir-se a ela, diante dele, em termos depreciativos.

Augusto (21). Era título de honra, equivalente a "Sua Majestade".

Tribunos (23), isto é, "oficiais superiores". Havia cinco coortes em Cesaréia, cada qual sob o comando de um tribuno militar.

Meu senhor (26); isto é, o Imperador.

Atos 26

4. DISCURSO DE PAULO PERANTE AGRIPA (26.1-23) – Paulo procedeu à apresentação do seu caso sem relutância, saudando o auditório de pessoas distintas e congratulando-se pela excelente oportunidade de fazer conhecida a mensagem cuja proclamação era a razão de ser de sua vida. Este discurso de Paulo bem que se pode chamar **Apologia Pro Vita Sua**. Temos aí, pela terceira vez, a história de sua conversão, contada agora e pela segunda vez por ele mesmo. As diferenças notadas entre a narrativa aqui e aquela apresentada aos amotinados de Jerusalém, no cap. 22, são acima de tudo diferenças de ênfase; em cada ocasião ele sublinhou aqueles aspectos da história que provavelmente interessariam a um ou a outro auditório. O presente discurso pode ser dividido em exórdio (2,3); sua posição de fariseu no tocante à esperança de Israel, a qual envolve a fé na ressurreição (4-8); a narrativa do seu zelo perseguidor (9-11); a visão celestial (12-18); sua vida de obediência a essa visão (19,20); sua prisão (21); a substância de sua pregação (22,23). O estilo grego do original é de uma beleza incomum, como convinha ao seleto auditório.

Ponto por ponto Paulo conta a sua história, insistindo até ao fim que não é réu de nenhuma inovação; que a esperança por ele anunciada é

tão antiga como o seu próprio povo; que nada prega senão o que Moisés e os profetas disseram haveria de acontecer, a saber, que o Messias deveria sofrer e erguer-se dentre os mortos, vindo daí oferecer-se luz e salvação tanto aos judeus como aos gentios.

Paulo, estendendo a mão (1); isto é, num gesto de saudação. **Perante ti** (2) é expressão enfática.

Nossa religião (5); gr. **threskeia**, isto é, "culto", "ritual" (referência às manifestações externas da religião); é palavra diferente daquela usada por Festo em 25.19 (**deisidaimonia**).

A promessa que por Deus foi feita a nossos pais (6). Paulo tem em mente a promessa feita em particular a Abraão, Isaque e Jacó, de uma bênção de âmbito mundial a vir através da progênie desses patriarcas. Esta promessa foi cumprida em Jesus e especialmente por Sua ressurreição.

As nossas doze tribos (7). cf. Tg 1.1. Paulo nada sabe da ficção de dez tribos "perdidas". **É no tocante a esta esperança... que eu sou acusado pelos judeus** (7). Elimine-se aí o artigo «os» e leia-se "...acusado por judeus", dando-se ênfase à palavra **judeus**. Era absurdo que eles, de todos os povos, hostilizassem uma pessoa que anunciava aquilo de que dependia o cumprimento da esperança dos seus maiores.

Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos? (8). Não há qualquer justificação textual para se colocar este verso entre os vv. 22 e 23, como fazem Nestle e Moffatt. **Entre vós** é outra vez enfático: "entre vós judeus". A esperança de Israel estava vinculada à ressurreição de Cristo.

Quando os matavam (10). Como no caso de Estêvão (8.1).

Obrigando-os... (11); melhor, "procurava compeli-los..." (tal é a força do imperfeito grego). **A blasfemar** (11); a dizer "Jesus é anátema" (1Co 12.3), ou outra coisa do mesmo sentido. **Cidades estranhas** (11); isto é, cidades fora da Palestina, como Damasco.

Caindo todos nós por terra (14). Nas outras versões do incidente apenas se diz que Paulo caiu. **Em língua hebraica** (14); isto é, em aramaico, sua língua materna.

Dura coisa é recalcitrares contra os aguilhões (14). A figura é a de um boi resistindo ao ferrão o que só lhe causa maior sofrimento. A expressão é proverbial e pode encontrar equivalentes em diversos países. Essas palavras lançam considerável luz na situação mental de Paulo, especialmente (sem dúvida) depois do apedrejamento de Estêvão. Os versos 16-18 sintetizam as comunicações que Paulo recebeu do Senhor no caminho de Damasco, por intermédio de Ananias na casa de Judas, e mais tarde no templo de Jerusalém.

Firma-te sobre os teus pés (16). Cf. Ez 2.1, onde a comissão recebida pelo profeta contém tais palavras. Ezequiel também caiu por terra quando teve as primeiras "visões de Deus". **Tanto das coisas em que me viste...** (16); melhor, "das visões que de mim tiveste e ainda terás". **Livrando-te...** (17). Cf. Jr 1.8, onde Jeremias ouve palavras semelhantes ao receber sua comissão profética.

Para lhes abrir os olhos (18). Cf. Is 42.7. Paulo é chamado para continuar a missão do Servo obediente, inaugurada por seu Senhor (cf. 13.47). As palavras restantes deste verso são caracteristicamente paulinas e podem ser postas em paralelo com bastantes passagens de suas epístolas.

Obras dignas de arrependimento (20); isto é, obras que mostrem ser verdadeiro o arrependimento deles. Cf. Mt 3.8; Lc 3.8.

Que o Cristo devia padecer, e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos (23). Este verso parece consistir de títulos de uma coletânea de "testemunhos" messiânicos: "Deverá o Messias sofrer? Será Ele o primeiro, pela ressurreição dos mortos, a anunciar a luz ao povo (judeu) e aos gentios?" Com estes títulos, Lucas sintetiza os argumentos extraídos do Velho Testamento, com os quais Paulo procurou influir no ânimo de Agripa, demonstrando a verdade do seu evangelho.

5. FESTO, AGRIPA E BERENICE CHEGAM A UMA CONCLUSÃO A RESPEITO DE PAULO (26.24-32) – Prosseguindo Paulo nesse diapasão, Festo, que em vão procurara acompanhar a linha de seu argumento, interpôs a observação interjetiva de que o muito saber havia-lhe tirado o juízo. Paulo defendeu-se de pronto da insinuação de insanidade mental, assegurando a Festo que Agripa, se quisesse, poderia dar testemunho da veracidade de suas palavras, uma vez que o assunto de sua pregação era também o assunto das profecias do Velho Testamento, e o próprio Agripa cria nos profetas. Seu direto apelo ao rei colocou este num dilema. Ele acompanhara a alocução de Paulo com bastante interesse, mas não queria sequer parecer que concordava com o orador, para não perder o prestígio perante Festo e os outros. Por outra parte não queria incompatibilizar-se com os judeus por parecer que não cria nos profetas. Assim desdenhou o apelo do apóstolo.

Os membros do tribunal levantaram-se e Festo, Agripa e Berenice, conferenciando entre si, concordaram que, de qualquer modo, Paulo não merecia a morte, nem prisão, e poderia ser solto naquele instante mesmo, caso não houvesse apelado para César.

As muitas letras te fazem delirar (24). Festo ficou completamente desorientado e só pôde concluir que Paulo, embora extremamente culto, fora levado pelo seu saber a transpor a tênue linha que faz separação entre a erudição e a insânia. “Muita gente educada sustenta hoje o mesmo parecer a respeito da escatologia, mas a história levanta-se contra essas pessoas e contra Festo, provando que, seja verdadeira ou falsa a esperança escatológica, o certo é que esta não é prova de insanidade mental” (Lake and Cadbury).

Nada se passou aí, nalgum recanto (26); frase proverbial conhecida. Os primitivos pregadores cristãos insistiam sempre que os fundamentos históricos do seu evangelho eram assunto do conhecimento público (cf. 2.22).

Bem sei que acreditas (27). A inferência é que todo aquele que conhece e aceita a verdade dos escritos proféticos, como Paulo está

persuadido ser o caso de Agripa, deve inevitavelmente concordar com as conclusões a que Paulo chegou. Entretanto Agripa não se deixa levar a um apoio aparente do caso de Paulo, nem se permite o repúdio da fé nos profetas. Por isso diz, "Em suma, você procura persuadir-me a fazer o papel de cristão" – este é o verdadeiro sentido de suas palavras no versículo 28. Paulo replica (29): "A suma disto é, oxalá tu e todos os que estão aqui fossem tais qual eu sou, exceto estas cadeias" (mostrando a mão agrilhoada).

Este homem nada tem feito passível de morte ou de prisão (31). Lucas sublinha outra vez este testemunho oficial da índole do Cristianismo e de seus pregoeiros, de respeito à lei.

Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César (32). Mas, uma vez feita a apelação, esta havia de prosseguir, de acordo com a lei. Não precisamos, como fez J. V. Bartlet, sentir uma nota sinistra nesta cláusula condicional "se não tivesse apelado...".

e) Paulo navega para Roma (27.1-28.31)

Atos 27

1. COMEÇA A VIAGEM (27.1-12) – A narração da viagem e naufrágio de Paulo é uma descrição vivida, pitoresca, como tantas outras na Bíblia. Tem sido chamada "um dos documentos mais instrutivos, que nos leva a conhecer a antiga arte de marinhagem" **(The Voyage and Shipwreck of St. Paul**, por James Smith, 4º. edição de 1880, continua sendo um manual indispensável ao estudo deste capítulo). Não é necessário ver nisso uma alegoria ou figura do despertamento e progresso da religião na alma, ou da história da Igreja Cristã, que nos leve a tirar proveito espiritual da mesma.

Acima de tudo, tem seu valor por nos retratar o caráter de Paulo, rodeado de circunstâncias que com muita probabilidade revelam em qualquer pessoa o que ela realmente é. Já o temos visto em diferentes situações, mas agora o temos como homem prático numa emergência

difícil. Não aconteceu só uma vez nem duas o mundo ter de agradecer a grandes santos e místicos seu auxílio em tempos críticos, auxílio que os homens realistas e práticos do mundo dos negócios têm sido incapazes de prestar. Quando Ló teve de ser libertado do poder de Quedorlaomer e seus aliados, foi Abraão – o homem de fé, Abraão que não era «prático», do ponto de vista do comércio, dos métodos seculares -- foi ele que não perdeu a oportunidade e mostrou que era o homem para aquela situação.

Lucas, companheiro de viagem de Paulo nesta ocasião, viu o mar com os olhos de um grego e nos conta o que presenciou. Juntamente com Lucas e Aristarco, Paulo navegou da Palestina sob o comando de um centurião por nome Júlio, membro do corpo de correios imperiais. Com sua facilidade de fazer amigos, o apóstolo granjeou logo as simpatias desse oficial romano (é notável como os centuriões no Novo Testamento são invariavelmente apresentados como pessoas simpáticas). Essa amizade foi útil a Paulo não apenas em Sidom, no princípio da viagem, como com maior vantagem no fim da mesma, quando os soldados estiveram a ponto de matar os presos, para impedir que fugissem.

Alcançaram Mirra no primeiro navio, o qual fazia escala nos portos da província da Ásia. Aí houve transbordo para um navio da frota alexandrina que carregava trigo. O Egito era o grande celeiro de que Roma se abastecia; a frota marítima que servia ao comércio de trigo entre estes dois centros pertencia ao Governo.

A navegação no Mediterrâneo era perigosa depois de 14 de setembro; ficava de todo suspensa no inverno, a partir de 11 de novembro. Antes de alcançarem Bons Portos, ancoradouro no sul de Creta, o dia da expiação (“o Jejum” do verso 9) já havia passado, pois em 59 A. D. caiu em 5 de outubro. Como já ficava tarde para navegar com segurança, convocou-se uma conferência de bordo a que Paulo, como passageiro distinto e navegante experimentado, parece esteve presente. Insistiu muito com eles que ficassem onde se achavam, em Bons Portos, mas o mestre e o piloto julgaram poder alcançar Fenice, outro porto, mais conveniente e mais ao oeste, na costa meridional de

Creta. Ao centurião, como principal oficial a bordo, cabia decidir e, por isso, naturalmente, aceitou o conselho dos peritos e não o de Paulo. E navegaram para Fenice.

Que navegássemos para a Itália (1). Lucas volta a juntar-se ao grupo e com este permanece até 28.16; contudo é provável que não se distanciou de Paulo durante os dois anos que este passou preso na Palestina. **Coorte augusta** (1); "a Coorte Imperial". Existe prova de ter havido uma coorte de nome semelhante (**Cohors I Augusta**) na Síria, ao tempo de Augusto, mas aqui provavelmente se trata do corpo imperial de correios oficiais (**frumentarii**), destacados para o serviço de comunicações entre o Imperador e suas tropas nas províncias.

Um navio adramitino (2). Adramítio era um porto da Mísia, defronte de Lesbos. O navio era costeiro; Júlio esperava que em algum dos portos que escalasse achariam outro barco que se destinasse a Roma. **Aristarco** (2). Cf. 19.29-20.4.

Naveguemos abaixo de Chipre (4); isto é, a sotavento dessa ilha, a leste e ao norte da mesma. Os ventos que predominavam no Levante por todos os meses do verão sopravam do oeste ou noroeste. **Mirra** (5) era importante centro do tráfico ultramarino e um dos principais portos do comércio de trigo egípcio.

Um navio de Alexandria (6). Soprando um vento constante de leste, a melhor rota de Alexandria a Roma incluía Mirra como porto de escala.

Cnido (7) fica no extremo do promontório triópio do sudoeste da Ásia Menor. **Navegamos abaixo de Creta** (7); isto é, a leste e ao sul dessa ilha.

Costeando-a dificilmente (8); talvez devido aos arrecifes à volta do cabo Salmona (na extremidade oriental de Creta). **Bons Portos** (8). Modernamente chama-se Calolimônias. Para além de Bons Portos o litoral dá volta para o norte, e, por isso, não haveria mais tão boa proteção contra os ventos do noroeste.

Fenice (12); tal vez idêntica à moderna Fineca. A identificação mais popular com Lutro (conforme J. Smith) é provavelmente responsável pela fraseologia duvidosa do final do verso: “o qual olhava para o nordeste e para o sudeste”.

2. TORMENTA E NAUFRÁGIO (27.13-44) – Antes, porém, que tocassem no porto de Fenice, um tufão de vento caiu sobre eles, desencadeado do monte Ida, em Creta, soprando do nordeste e arrastando-os para longe da costa da ilha. Com enorme dificuldade recolheram o bote a bordo (quando o tempo era normal ele era rebocado pela popa) e, alijando ao mar parte da carga, pensaram que, ziguezagueando com cuidado, evitariam ser arrastados para os bancos de areia da costa da Líbia. Durante quinze dias assim fizeram, avançando em ziguezague para o oeste e para o norte, no Mediterrâneo central, até que todos perderam a esperança de salvar-se – todos, exceto Paulo, que se sobressaía como o único a bordo capaz de dominar a situação desesperadora e de inspirar coragem e nova esperança aos seus companheiros de viagem. A confiança que a visita de um anjo lhe infundiu na alma, procurou ele por seu turno transmiti-la aos demais, animando-os a tomar alimento.

A confiança de Paulo mostrou que tinha razão de ser. Viram que se avizinhavam de alguma terra e, embora pelo motivo de prender-se a proa numa restinga e a popa ser açoitada pelas ondas o navio se partisse ao meio, todos a bordo deram à praia, com vida, em número de 276 pessoas.

Um tufão de vento, chamado Euroaquilão (14), híbrida formação, do gr. **Euros** (vento oriental) e lat. **Aquilo** (vento norte). **Clauda** é modernamente Gavdho, em ital. Gozzo, em cujas proximidades feriu-se a Batalha do Cabo Matapã, em 28 de março de 1941. **A custo conseguimos recolher o bote**, isto é, a bordo.

Usaram de todos os meios para cingir o navio (17). Os “meios” parece que foram cabos com que ligaram o navio à volta, à maneira de

cinta. Smith faz a seguinte citação do **Dicionário Naval** de Falconer: "Reforçar as amarras de um navio é passar-lhe à volta do casco um cabo grosso, quatro ou cinco vezes, para sustê-lo... quando se desconfia que não é bastante forte para resistir à violência do mar".

Sirte (bancos de areia) (17), ao largo da costa norte da África. **Arriaram os aparelhos** (17). Para Smith o sentido é: baixaram ao convés de "armação flutuante do navio".

Aliviaram o navio (18). Começaram a alijar ao mar o carregamento de cereal.

A armação do navio (19), isto é, acessórios sobressalentes.

Não aparecendo nem sol nem estrelas (20). Ficaram assim ignorando que direção tomavam.

A VIAGEM DE PAULO PARA ROMA

Era preciso terem-me atendido (21). Avaliamos quanto custou a Paulo deixar de dizer "Bem que eu vos disse"; entretanto agora se revela um gigante de força a animar os seus desesperados companheiros de viagem.

Deus te deu todos quantos navegam contigo (24). Cf. Gn 18.26 onde se declara o princípio de que a presença de homens justos é uma proteção para a comunidade em que vivem.

Sendo nós batidos de um lado para outro no mar de Ádria (27); melhor, "enquanto éramos impelidos para lá e para cá através do mar de Ádria", isto é, o Mediterrâneo central. (Não se trata do mar Adriático, que naquela época era conhecido por "Golfo de Ádria"). **Aproximavam-se de alguma terra** (27); lit. "alguma terra se aproximava". Possivelmente ouviam a rebentação das ondas numa praia.

Lançando o prumo... (28). As sondagens aí mencionadas são de fato as que um navio encontra, passando por Koura a caminho da Baía de São Paulo, em Malta.

Lançaram da popa quatro âncoras (29), para servirem de breque ou freio ao navio. Fixando-se a popa, nesse caso, a proa ficou apontando para a praia.

Se estes não permanecerem a bordo (31). Nota-se outra vez a presença de espírito de Paulo. Se os marinheiros tivessem fugido, não teria havido bastantes braços hábeis para manobrar o navio.

Cortaram os cabos do bote (32), isto é, a cordoalha da estralheira, possivelmente por compreenderem mal o conselho de Paulo. Por certo impediram que os marinheiros fugissem, mas também tornaram mais difícil a operação do desembarque.

Hoje é o décimo quarto dia em que... estais sem comer (33). Cf. verso 21, "muito tempo sem comer". Diversas podiam ser as razões disso, tais como a dificuldade de cozinhar, a deterioração da comida pela água do mar, enjôo, etc.

Deu graças (35); gr. **encharisteo**. Alguns têm conjecturado que os cristãos a bordo fizeram dessa refeição uma Eucaristia.

Duzentas e setenta e seis pessoas (37). O manuscrito Vaticano diz "setenta e seis", mas não há improbabilidade para o número maior. No ano 63 A. D. Josefo embarcou para Roma num navio que levava 600 pessoas (o qual também naufragou no mar de Ádria).

Aliviaram o navio (38); isto é, alijando ao mar o que ficara do carregamento de cereal (cf. o verso 18).

Uma enseada, onde havia praia (39); lit. "com uma praia arenosa".

As amarras do leme (40); isto é, das pás do leme.

Um lugar onde duas correntes se encontravam (41). Era o estreito canal entre Malta e Salmoneta (Smith).

Outros em destroços do navio (44); ou possivelmente "às costas de membros da tripulação" (lit. "em cima de alguns do navio").

Atos 28

3. INVERNO EM MALTA (28.1-10) – Desembarcando os náufragos, verificaram que estavam na ilha de Malta, nome apropriado, pois é uma palavra fenícia que significa «refúgio». Os naturais do lugar receberam-nos hospitaleiramente e acenderam um fogo para aquecê-los e enxugá-los. Paulo outra vez se mostra de mentalidade prática: ajunta gravetos para conservar o fogo aceso, ainda que um deles fosse uma cobra, entorpecida pelo frio. Ela ao reanimar-se com o calor do fogo, apegou-se à mão de Paulo com uma dentada.

Nota-se um quê de humor na descrição que Lucas apresenta da reação dos nativos em face do incidente, primeiro pensando eles que Paulo era um assassino, a quem a Justiça estava resolvida a eliminar, se não pelo mar, agora pela serpente; e quando viram que nada lhe acontecia, depois de havê-la sacudido no fogo, mudaram de idéia, chegando a concluir ser ele um deus.

Todavia, embora não fosse um deus, Paulo e Lucas mostraram-se ser hóspedes muito úteis durante os três meses de inverno passados ali. Logo de início o apóstolo curou de disenteria o pai de Públio, principal da ilha. Depois, com Lucas, cuidou dos outros enfermos do lugar; e quando por fim tiveram de prosseguir viagem, foram cumulados de honrarias pelos ilhéus.

Souberam que a ilha se chamava Melita (1). Se os marinheiros a princípio não reconheceram Malta, pode ter sido porque estavam acostumados a desembarcar em Valeta.

Os bárbaros (2); isto é, os nativos ou naturais do lugar. Os gregos e os romanos chamavam “bárbaros” a quantos não partilhavam de sua civilização.

Uma víbora fugindo do calor (3). Tem-se sugerido que era uma **coronella austríaca,** parecida com víbora, mas não venenosa. Não existem hoje cobras venenosas em Malta.

Justiça (4), (gr. **dike),** personificada como deusa.

Diziam ser ele um deus (6). M. Dibelius nota uma atitude diferente em a narrativa aqui, comparada com a de 14.14 e segs., onde Paulo e Barnabé bradaram horrorizados quando os de Listra quiseram prestar-lhes honras divinas. É bom não esquecer que a situação agora é engraçada, no entender de Lucas, que a descreve com humorismo.

O homem principal da ilha (7); lit. "o primeiro homem (gr. **protos**) da ilha". Tanto inscrições gregas como latinas confirmam a exatidão deste título nos meios malteses.

Vieram e foram curados (9). "Toda a história da permanência do narrador em Malta é contada do ponto de vista de um médico" (Harnack).

Muitas honras (10). Gr. **time** pode significar "honorarium" aqui, como em 1Tm 5.17.

4. O ÚLTIMO SALTO (28.11-16) – A viagem para a Itália chegou ao fim no princípio do ano 60 A. D., em outro navio alexandrino do transporte de cereais, que ostentava o emblema dos "Gêmeos Celestes". Desembarcaram em Potéoli, onde os cristãos os acolheram por alguns dias. Daí prosseguiram para Roma. Viajaram pela **Via Appia**, e quando ainda se achavam a 64 km. da cidade, foi encontrá-los uma delegação de cristãos romanos que andaram aquela distância para saudar o apóstolo e acompanhá-lo à capital. Uma vez aí, foi ele entregue a um oficial chamado "stratopedarca", provavelmente o comandante do corpo de correios imperiais, de que Júlio era oficial não-comissionado.

Um navio alexandrino (11). Provavelmente pertencia à frota de carregamento de cereais. **Que invernara na ilha** (11); provavelmente no ancoradouro de Valeta. **Tinha por insígnia Castor e Polux** (11); gr. **dioskouroi**, "os gêmeos celestes". Os navios, como as hospedarias, tomavam o nome dos seus emblemas.

Siracusa (12) ficava na costa oriental da Sicília. Era principal cidade da ilha, com duplo ancoradouro.

Régio (13). Era Reggio di Calabria, colônia grega no calcanhar da Itália.

Potéoli (13), modernamente Pozzuoli, naquele tempo o principal porto do sul da Itália e um dos dois principais portos de descarga da frota alexandrina de cereais (o outro era Ostia).

A Praça de Ápio e as Três Vendas (15). Ambos os lugares situavam-se na Via Ápia; a Praça de Ápio era uma cidade onde havia mercado, cerca de 69 km. ao sul de Roma. As Três Vendas (**Tres Tabernae**) eram uma estação a uns 53 km. de Roma.

Deu graças a Deus e sentiu-se mais animado (15). Podia bem alegrar-se com a certeza de contar com amigos na Cidade Eterna. Três anos antes assegurara aos cristãos romanos que desejava vê-los; agora, em circunstâncias imprevistas, vê cumprido seu desejo.

O centurião entregou os presos ao capitão da guarda (16). Esta sentença que, do texto "ocidental", passou para o bizantino, falta a outros textos e por conseguinte está ausente da ARA. O «capitão da guarda» (gr. **stratopedarchos**) podia ser o comandante da guarda pretoriana do Imperador (**praefectus praetorii**) -- nessa época Afranius Burrus -- ou, mais provavelmente, o comandante do corpo de centuriões destacados para o serviço imperial de comunicações (**princeps peregrinorum**), cujo quartel general em Roma ficava no monte Célio.

Foi permitido a Paulo morar por sua conta, tendo em sua companhia o soldado que o guardava (16), ao qual estaria ligeiramente ligado pelo pulso.

5. PAULO EM ROMA (28.17-31) -- A entrevista do apóstolo com os judeus romanos recapitula um dos temas de Atos, a saber, a rejeição generalizada do evangelho por parte dos judeus. Paulo, como sempre, tem a última palavra, «geralmente de efeito arrasador», diz um comentador, e a última palavra nesta ocasião é aquela cita de Is 6.9-10 que nosso Senhor igualmente usou nos dias de Sua vida terrena (cf. Mc 4.12; Jo 12.40).

O outro e principal tema de Atos é recapitulado nas palavras finais do livro, que apresentam Paulo passando dois anos no coração do Império, recebendo a quantos iam visitá-lo, anunciando o reino de Deus e ensinando a história do Senhor Jesus sem impedimento. Eis que afinal, por caminhos misteriosos, seu desejo foi realizado: «Estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma» (Rm 1.15). «A vitória da Palavra de Deus», diz Bengel, "Paulo em Roma, o ápice do evangelho, o fim de Atos... Começou em Jerusalém; termina em Roma. Aqui, ó Igreja, tens teu padrão de conduta; pertence-te preservá-lo, guardando o que te foi confiado".

Não tendo nada de que acusar minha nação (19). Toma rigorosamente posição de defesa; não apresentará queixa contra o povo judeu.

É pela esperança de Israel que estou preso (20). Sublinha sempre este ponto, veja-se 23.6; 24.14-15; 26.6-7.

Não recebemos nenhuma carta... (21). As autoridades de Jerusalém podiam julgar que não valia a pena prosseguir com o processo de Paulo em Roma, visto como tiveram tão pouco êxito cá em sua cidade. Em qualquer caso, os judeus romanos não estariam dispostos a apoiar o prosseguimento da acusação contra um cidadão romano que obtivera veredictos tão favoráveis de Festo e Agripa.

É corrente a respeito desta seita que por toda parte é ela impugnada (22). Haviam tido provavelmente mais experiência do Cristianismo na própria Roma do que estavam preparados a admitir naquele momento (veja-se 18.2).

Despediram-se (25); melhor, "começaram a dissolver-se".

A salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão (28). É um tema repisado, do primeiro ao último registro do ministério de Paulo em Atos (cf. 13.46).

Ditas estas palavras... (29). Este verso é uma lição «ocidental», adotada pelo texto bizantino.

Por dois anos (30). Foram os anos 60 e 61 A. D., provavelmente prazo bastante longo para que o libelo prescrevesse. O direito romano era bastante rigoroso a respeito de libelos frívolos. Os oponentes de Paulo na Palestina podiam julgar mais seguro abrir mão do caso.

Sua própria casa que alugara (30); melhor, "às suas expensas".

Pregando o reino de Deus.... ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo (31). Cf. o verso 23.

"Do teor destas palavras depreende-se o progresso da doutrina. Tudo se funda na velha expectação judaica de um reino de Deus; mas agora se explica como tal expectação se cumpre na pessoa de Jesus. A descrição de seu cumprimento consiste no desenvolvimento da verdade a respeito dele. Encerrada a manifestação de Cristo, o reino de Deus já começa. Os que O recebem, entram na posse desse reino. Tendo quebrado a rudeza da morte, abre o reino dos céus a todos os que crêem" (T. D. Bernard).

F. F. Bruce